Ana Angélica Freitas Gois

NA DANÇA DA VIDA

UM CONVITE À SERGIPANIDADE

kiria editora

KIRJA EDITORA

Na Dança da Vida

Um Convite à Sergipanidade

Ana Angélica Freitas Gois

ISBN 978-65-88921-01-2

2021

Gois, Ana Angélica Freitas.

G557d Na dança da vida: um convite a sergipanidade. / Ana Angélica Freitas Gois. – Serra Negra (SP): Kirja, 2021.

Livro digital.: il.

Convertido do livro impresso.

ISBN: 9786588921029.

1. Manifestação Cultural. 2. Dança Folclórica (Sergipe). 3.Educação Contemporânea. 4. Educação física na escola.
I. Título. II. Autor.

CDD
793.31098141

Ficha elaborada pela Bibliotecária Carla Faganelli / RB: 9319

CONSELHO EDITORIAL
CRISTIANO JESUS
GIANFRANCO PETRONIO
JOÃO CARLOS CARVALHO QUEIROZ
JOSÉ MARIA DE PAIVA
LILIAN DE SOUZA

CAPA
PEDRO WILSON (Pedablio)

REVISÃO INICIAL
JÚLIA FREITAS

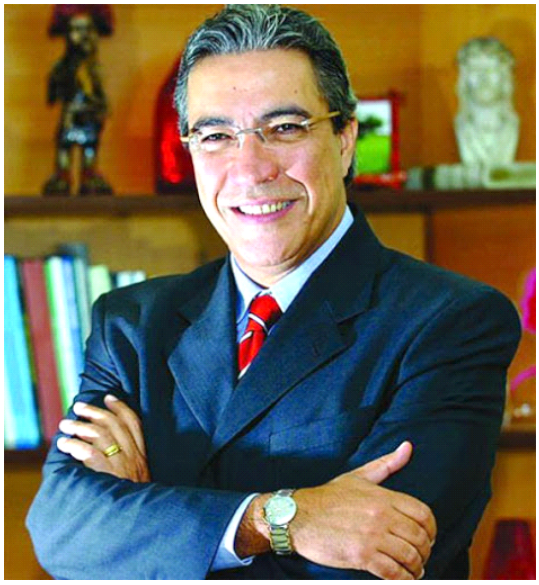
EDITORAÇÃO
Kirja Editora
Rua Francisco Waldemar Orta, 105
Serra Negra – São Paulo – Brasil
E-mail: kirjaeditora1@gmail.com

IMPRESSÃO
INFOGRAPHICS GRÁFICA E EDITORA

atendimento@infographics.com.br

“Este é um projeto apoiado pelo Edital de Premiação de Artes Visuais e Literatura, proposto pelo Governo de Sergipe, através da Fundação de Cultura e Arte Aperipê de Sergipe – FUNCAP, com recursos da Lei Aldir Blanc3”.

A MARCELO DÉDA CHAGAS



(1960-2013)
Fonte: Sergipe Governo do Estado (2010)

Para todos nós, sergipanos, ele foi um homem tão plural, que se torna impossível registrar a tamanha importância da sua vida em uma singela homenagem, nesta obra. Para mim, fica a sua forma de impulsionar e estimular nossa luta por aquilo que desejamos e, mais ainda, pela luta coletiva. Sua história na Universidade Federal de Sergipe me ensinou a acreditar no Movimento Estudantil, me lançou para as lutas sociais em nosso estado. Minha visão política foi totalmente influenciada pela trajetória de nosso MARCELO DÉDA CHAGAS. Sergipe exibe sua existência, além da sua presença, enriquecendo os diversos cantos e encantos desse estado de contrastes, mas no qual a beleza predomina, em seus espaços tão cuidadosamente construídos e transformados.

Nossa SERGIPANIDADE...

À ENILDA FREITAS GOIS & A JOSÉ SANTANA GOIS,

sergipanos de Itaporanga e de Aracaju, que juntos nos proporcionaram uma FAMÍLIA digna de bênçãos constantes na jornada mais inexplicável, que é o VIVER. Os frutos desse casal estão representados em pessoas especiais, e que se tornaram um ELO de amor e superação nas diferentes fases de cada um de nós. A homenagem será sempre necessária, pois deles absorvemos o melhor de cada um. O valor dessa herança é indescritível em palavras!
Gratidão é o nosso nome. Seus filhos: Walter César Freitas Gois, José Santana Gois Junior, Ana Angélica Freitas Gois, Carla Valéria Freitas Gois. Netos: Julia Freitas Gois, Walter César Freitas Gois Junior, Bárbara Brenda Freitas Gois, Joaquim Freitas Queiroz, Giovanna Fontes Freitas.

ENILDA FREITAS GOIS E JOSÉ SANTANA GOIS

Fonte: Arquivo pessoal da autora (1975)

FRITADA DE CAMARÃO DA DONA ENILDA FREITAS GOIS

Fonte: Arquivo pessoal da autora (2020)

Receita

Ingredientes:

Camarão, Alho, Cebola, Sal, Azeite,
Molho de tomate, Ervilhas, Batatas cozidas...

Preparo:

Refoga e frita numa frigideira...
Bate 4 claras em neve e uma colher de sopa de farinha de trigo.
Mistura as gemas nas claras em neve e cobre toda a fritada.
Vai ao forno e espera dourar.
Deliciosa essa Sergipanidade!!!

Convido vocês para apreciar essa bela música do nosso Rogério, sergipano que encantava todos com sua musicalidade e paixão por Sergipe!

"CHAMEGO SÓ (PAÍS DO FORRÓ)"
Rogério Cardoso (1957 – 2014)

Sergipe é o país do forró
Tem milho, canjica e quentão
Quando chega mês de junho
Na Rua de São de João
O Forró vai começar, Laiá, laiá
(Sergipe é o país do forró
Tem moça bonita que só
Quando chega mês de junho
Na Rua de São de João
O Forró vai começar
Chega, pega a nêga e dança, entra no xodó
É a noite inteira essa brincadeira, é chamego só
Capela, Areia Branca, Estância, é do forró
Aracaju tem o mar da sorte de sol a sol
(Chega, pega a nêga e dança, entra no xodó
É a noite inteira essa brincadeira, é chamego só
Capela, Areia Branca, Estância, é do forró
Aracaju tem o mar da sorte de sol a sol)
Segura esse forró, minino
É assim que eu quero ver no rela-bucho
Vamo lá, senão vai só ficar na palminha da mão
Chega, pega a nêga e dança, entra no xodó
É a noite inteira essa brincadeira, é chamego só
Capela, Areia Branca, Estância, é do forró
Aracaju tem o mar da sorte de sol a sol
(Chega, pega a nêga e dança, entra no xodó
É a noite inteira essa brincadeira, é chamego só
Capela, Areia Branca, Estância, é do forró
Aracaju tem o mar da sorte de sol a sol)
Sergipe é o país do forró
Tem moça bonita que só
Mas Sergipe é o país do forró
Tem moça bonita que só
Sergipe é o país do forró
Tem muita quadrilha que só
Sergipe é o país do forró
De noite e de dia é forró

AGRADECIMENTOS

Desejo agradecer e celebrar essa obra com muito amor, carinho e esperança de vivermos dias melhores em cada canto desse imenso planeta.
SERGIPE é um encanto do universo, que está nesse livro representado por diversas pessoas, bem como por tantas outras, que aqui ainda poderiam ter sido mencionadas.
Meus agradecimentos àqueles que mais diretamente contribuíram para a criação dessa obra:
- criação iluminada da capa, pelo querido amigo e competente profissional Pedro Wilson;
- revisão da jornalista Júlia Freitas, pelo cuidado e colaboração na organização desse livro;
- cuidado e competente trabalho da Kirja Editora, representada por essa mulher especial, Profa. Dra. Maria Luísa Bissoto;
- nosso querido sergipano, Prof. Dr. Jorge Nascimento Carvalho, abrilhantando essa obra com o prefácio;
- a cada participante, pelos encantos, que construíram;
- à FUNCAP, pelo apoio e oportunidade aos sergipanos por meio dos recursos da lei Aldir Blanc.
- a Infographics pelo carinho de sempre com meus trabalhos e família;
- o apoio da minha família, em todo processo de criação da obra;
- aos alunos e alunas que tive durante minha jornada de vida, sem eles, nem um encanto existiria na minha vida.

Agradeço e ofereço a todos nós a oração mais completa, humana e divina que um dia “alguém” escreveu: o **PAI NOSSO**

Pai Nosso que estais nos Céus, santificado seja o vosso Nome,
venha a nós o vosso Reino, seja feita a vossa vontade,

assim na terra como no Céu.
O pão nosso de cada dia nos dai hoje,
perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos
a quem nos tem ofendido, e não nos deixeis cair em
tentação,
mas livrai-nos do Mal.

Amém

Prefácio

DANÇA, PRÁTICAS ESCOLARES, SENSIBILIDADE E TERNURA

APRESENTAÇÃO

ENCANTO NA DANÇA DA MINHA HISTÓRIA

- Corporeidade
- Sergipe: um “país” além do forró

ENCANTO NO RITMO DA DANÇA ESCOLAR SERGIPANA

- Experiências e Realizações Dançantes: Ensino do Ballet Clássico em Sergipe
- Contempodança
- A Arte da Dança no Universo das Deficiências
- Projeto Cultura Corporal na Escola
- Projeto Pátio das Artes
- Projeto: Dança na Escola
- Programa Arte na Escola – Um Sonho Realizado
- “Arte Livre”: Revitalizar, Fortalecer e Ampliar Horizontes
- Dança na Univer Cidade: Escolinha de Dança

ENCANTO DANÇAM NAS RUAS DE ARÁ

ENCANTO POÉTICO

- A dança poetiza a vida
- A poesia dos pontos de cruz na paisagem do Cedro de São João
- O Menino e o Baú
- O Menino e a Mangueira
- Espelho de Aninha

ENCANTO ACADÊMICO: VOZES DE MESTRES E AMIGOS

- Encontros, Viagens, Sonhos e uma Amizade

Encanto Acadêmico: Pelas Teias da Complexidade, Corporeidade e Cultura
Pelos Caminhos Acadêmicos com Ana Angélica
Alegria e Boniteza: Marcas de uma Amizade
Ana Angélica e sua Presença Entre Nós: Falas, Gestos e Atitudes
Minha Amiga Ana Angélica, a “Anutcha”
Sobre o Encontro ou Será (Re)Encontro de Almas?
Obrigada! Anita diz Gracias Sempre!!!
Encontros, Diálogos e Transcendência
A Pequena Grande Mulher
Sobre o Tempo e as Trajetórias
O Encantamento da Dança na Relação da Universidade e Sociedade
Um Simples Relato, mas um Profundo e Bom Sentimento!
Encanto Acadêmico: Quando Arte e Ciência se Complementam!
O Encontro de Amizade do Século XXI
ENCANTO HOMENAGENS
OBRAS DA AUTORA

PREFÁCIO

DANÇA, PRÁTICAS ESCOLARES, SENSIBILIDADE E TERNURA

Jorge Carvalho do Nascimento[1]

Os estudos sobre culturas e práticas escolares, que se intensificaram no Brasil a partir das duas últimas décadas do século XX, permitiram que cada vez mais fossem descortinadas dimensões da vida escolar, que nem sempre estão visíveis para todos. Quando se fala em trabalho docente, recorrentemente, as pessoas tendem a lembrar das aulas do ensino da Língua nacional e dos fundamentos da Matemática. O trabalho dos professores na escola, contudo, é bem mais complexo do que o tradicional ensino de disciplinas obrigatoriamente consagradas no currículo brasileiro. Certamente, para os que não conhecem a realidade da prática docente, tem pouca visibilidade a importância de atividades como a sociabilidade que a escola proporciona.

Do mesmo modo, em que pese o conhecimento dado pelo senso comum, as pessoas nem sempre se dão conta dos efeitos essenciais à formação do trabalho realizado pelos professores que se dedicam à Literatura, à História, ao ensino das Ciências da Natureza e também ao modo como o ensino da Educação Física impacta na formação dos jovens. Não obstante a desorganização e a ausência de rumos, em que atualmente vive o Ministério da Educação, é importante refletir sobre as práticas escolares num momento em que parcela significativa dos que se preocupam com política educacional possuem a consciência da necessidade de rever as práticas de formação de professores nos cursos de Licenciatura.

Dentre as preocupações presentes no debate acerca da formação docente está pautada a preocupação em fazer com que os cursos de formação de professores brasileiros aliem, ao seu caráter teórico, também a reflexão e o exercício de determinadas práticas, que os estudantes valorizam na escola, mas que nem sempre possuem a necessária visibilidade. Está posto o entendimento quanto à necessidade de os docentes em atividade na escola perceberem a importância de práticas pouco observadas, que correspondem a demandas contemporâneas. Os estudantes valorizam muito aquilo que conseguem realizar no dia-a-dia da escola. É necessário realçar a atividade dos que repensam as práticas escolares e valorizam o compromisso social da escola. Os que possuem responsabilidades desta natureza não podem se descuidar da importância da formação teórica dos professores, e também não devem esquecer a relevância que tem o conjunto de práticas que entusiasmam o estudante nas atividades escolares.

Graduada em Educação Física pela Universidade Federal de Sergipe, Ana Angélica Freitas Gois é doutora em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP. Defendeu a tese “A Dança Enquanto Expressão Cultural na Educação Física e Escolar”, em 2009. Este é o sexto livro publicado por Ana Angélica. A dança é o tema predominante em todos eles. O primeiro circulou em 2012 pela editora da Universidade Federal de Sergipe. O último, “Aninha no mundo da dança”, é de 2018 e tem a chancela da Editora ArtNer. NA DANÇA DA VIDA: UM CONVITE À SERGIPANIDADE, o livro que agora temos em mãos, Ana Angélica produz um trabalho de foro mais íntimo, no qual põe o foco em três grandes paixões: a cultura sergipana, a dança e o seu trabalho como professora. Os elementos pré e pós-textuais são muito reveladores do quanto a autora cultiva a cultura do Estado de Sergipe. A relação com a cultura sergipana ganha força na dedicatória que a autora

faz aos seus pais, publicando a receita da fritada de camarão da sua mãe. E também na homenagem que faz ao folclorista Luiz Antônio Barreto, intelectual que dedicou uma vida inteira de trabalho aos estudos sobre a cultura do Estado de Sergipe. Ela também reconhece o trabalho do cantor e compositor sergipano Rogério. Outro homenageado é o ex-governador de Sergipe, Marcelo Déda Chagas.

Narrado em tom intimista, o livro é revelador da história de vida de Ana Angélica e do seu trabalho como professora e pesquisadora de dança, ambientando sempre suas reflexões nas referências que encontra no estado de Sergipe. Sob tal contexto, homenageia alguns professores que tiveram responsabilidade com a sua formação, como Airton Guimarães, o Cobrinha, que conheceu no Colégio Salesiano. E faz várias referências, até à sua colação de grau em Educação Física pela Universidade Federal de Sergipe, no ano de 1994. O leitor é colocado diante da trajetória profissional da autora, a partir do seu trabalho no Colégio São Paulo, com a professora Maria Auxiliadora de Aboim Machado. Relata com emoção os primeiros momentos das suas andanças como professora da rede pública estadual de Sergipe, atuando na Escola Luiz Alves de Oliveira, em Lagarto, na Colônia Treze. O texto passa pela Federação Sergipana de Ginástica e pelo trabalho que realiza a professora Maria Luciene Cacho Rezende, também na Confederação Brasileira de Ginástica. Trata das experiências de Ana Angelica e do seu marido, o Prof. Dr. João Carlos Carvalho Queiroz, como pesquisadores e professores em São Paulo. E assim vai até à sua aposentadoria, em 2014. Mas, não esquece de reconhecer nomes importantes como os do bailarino e coreógrafo Everaldo Pereira, do compositor Cláudio Miguel Menezes de Oliveira, da professora Renata Carvalho, do compositor Paulo Lobo, da cordelista infantil Cecé Vieira, da professora Jussara da Silva Rosa Tavares, do bailarino Gladston Santos,

da professora Lavínia Teixeira Machado, dos professores João Cardoso e João Bosco Torres dos Santos. Da mesma maneira, Ana Angélica busca referências nos poemas de Lourdisnete Benevides, Rico Lucena e Sergio Sal. O trabalho de Ana Angelica trata de temas da maior relevância, com pura sensibilidade, absoluta ternura.

Agora, vamos ler...

(Aracaju, 2021)

APRESENTAÇÃO

NA DANÇA DA VIDA: UM CONVITE À SERGIPANIDADE

objetiva apresentar a trajetória da autora e pesquisadora Ana Angélica Freitas Gois, no cenário educacional e cultural, sempre valorizando a cultura sergipana por meio das danças e outras manifestações culturais, com ênfase no Movimento Humano, especialmente no âmbito escolar. Destaca-se que esta obra foi apoiada pelo Edital de Premiação de Artes Visuais e Literatura, proposto pelo Governo de Sergipe, através da Fundação de Cultura e Arte Aperipê de Sergipe – FUNCAP, com recursos da Lei Aldir Blanc.

No contexto das ricas linguagens dançantes do estado de Sergipe, e do nosso dia a dia, cristalizou-se uma relação de pura intimidade, e que torna a autora cada vez mais responsável por cumprir, com sensibilidade e compromisso, diferentes papéis nesta sociedade da informação, em que vivemos e convivemos, na Educação contemporânea. Assim, a autora tem podido contribuir com este dinâmico e significativo movimento de conhecer, reconhecer, resgatar e registrar riquezas do nosso povo e da sua forma de se expressar, seja em qualquer canto do estado de Sergipe, especialmente por meio da sua dança.

Acreditando na importância das danças e nos seus benefícios para o ser humano, em suas diversas faixas etárias, nessa obra entende-se que valorizar a dança passa pela necessidade de adentrarmos à literatura sergipana, bem como outras expressões culturais, evidenciando a relevância que nessas expressões assumem os registros herdados e criados por diferentes gerações, ao longo da sua história. Vale ressaltar também que esse livro se

constitui numa valiosa contribuição para o acervo acerca da valorização da nossa cultura, e para enriquecimento das nossas escolas. A intenção desse trabalho emerge da singularidade da dança para contribuir na formação cultural deste público tão plural, que são os SERGIPANOS.

Gois (2004), através do seu estudo de Mestrado, “A Dança de São Gonçalo em São Cristóvão: a corporeidade no folclore sergipano”, destaca a necessidade de a escola abrir espaços para a cultura popular e o compromisso formativo da Educação Física. A Educação Física, neste processo, é entendida tanto por meio dos seus conteúdos quanto pelo estabelecimento de uma comunicação com o vasto leque de possibilidades de interpretar o mundo, oriundas da cultura popular: apresentando as possibilidades e a importância da valorização da cultura popular nas escolas, através dos jogos, das danças e das brincadeiras, viabilizando assim a relação do conhecimento com a cultura dos alunos, durante o processo educativo.

Dançar a dança da “nossa” cultura significa buscar compreender a diversidade existente no processo de existência e, dessa forma, abrir caminhos para um novo e possível enredo, para construir diferentes coreografias. Coreografias que trazem diferenças entre a vida de tantos grupos no Brasil, e no mundo, diversidade que aqui também se faz presente.

O processo metodológico dessa obra apresenta uma combinação de pesquisas bibliográfica, documental e descritiva de opinião. Para a construção da matriz teórica foi realizada uma pesquisa bibliográfica, buscando as relações dos estudos do corpo, cultura e movimento, passando pelas mudanças de paradigmas presentes na contemporaneidade, culminando com uma reflexão sobre o cenário da cultura sergipana. Posteriormente, aos dados coletados foram efetuadas análises textual, temática e interpretativa, para em seguida realizar-se a

problematização e a construção da obra biográfica, como proposta por Severino (2002). Dessa forma, a produção desse livro tem por base:

a) estudos anteriores da autora, apresentados em eventos da área de Dança, Educação, Educação Física e Esportes;

b) a partir dos estudos desenvolvidos pela autora no Mestrado em Educação Física (2001 – 2003) e no Doutorado em Educação (2004 – 2009);

c) as experiências vividas pela autora como docente em cursos de formação de professores de Educação Física em diferentes instituições de Ensino Superior, tanto de Sergipe como em outros estados do país; e

d) as experiências vividas pela autora junto aos grupos e atores, que vivem a dança e a cultura popular sergipanas.

Os objetivos da obra, como já mencionados anteriormente, foram:

1. Propiciar um conhecimento técnico e científico dos estudos da pesquisadora Ana Angélica Freitas Gois, e suas obras sobre as danças e suas variações ao longo do tempo, como manifestação cultural sergipana, e sua inserção na Educação, Cultura e Educação Escolar;

2. Investigar o discurso de diferentes autores da cultura sergipana, e promover relações com a diversidade de trabalhos oferecidos nas escolas públicas do estado de Sergipe, quanto ao ensino das danças e sua relação com a cultura brasileira;

3. Dar a conhecer a trajetória acadêmica e profissional da Professora Doutora Ana Angélica Freitas Gois e seu percurso na área de Artes e Educação, enquanto Professora da Universidade Federal de Sergipe, da qual foi aposentada em 2014, no Curso de Dança no Campus de Laranjeiras.

A obra está estruturada por capítulos, intitulados de ENCANTOS. Para a autora, a poesia está nesse lugar, canto e encanto, chamado Sergipe. Morar em Aracaju sugere possibilidades de Encantamento, por meio das suas

potencialidades culturais, humanas, naturais, sociais e espirituais de SER. E, em assim sendo, a Sergipanidade é compreendida nesse livro – e está posta em cada instante desse- como o encantar e o re-encantar do nosso espaço de vida, existência e resistência, ao longo da nossa história.

O primeiro capítulo, ENCANTO NA DANÇA DA MINHA HISTÓRIA, resgata a história de vida e o trabalho da autora, seu envolvimento e responsabilidade para com a inclusão da comunicação da cultura brasileira com a nossa escola, através do universo dançante e o rico folclore sergipano. No mesmo Encanto encontramos Sergipe: um "país" além do forró, apresentando uma forma de agradecer e registrar um pouco do nosso grande estado e mencionar pessoas e fatos, que marcam a história da autora e suas relações com essas pessoas em sua trajetória de vida. Ana Angélica Freitas Gois faz um convite ao leitor para conhecer Sergipe e suas riquezas culturais.

Nesse Encanto é possível também saborear e incorporar o sentido da corporeidade, por meio da compreensão do Professor Doutor José Maria de Paiva, filósofo que inspira a nossa reflexão sobre vida, arte e cultura, e que para a autora é um presente em sua história de vida. Em seu texto, o Professor José Maria nos brinda com seu jeito único de SER.

O segundo capítulo, intitulado ENCANTO NO RITMO DA DANÇA ESCOLAR SERGIPANA, concebe um panorama da importância das danças em contexto escolar, compondo a cultura sergipana, na visão de diferentes profissionais da região Nordeste do Brasil, especialmente no estado de Sergipe.

Alencar (1998) alerta para a necessidade de a escola abrir suas portas para a entrada efetiva da cultura do povo e afirma que o professor ainda não parece ver a cultura popular como fonte de conhecimento e, muito menos, como a função mais significante da nossa identidade. Ela constata que, com o correr dos anos, trabalhando pela

união do folclore com a educação, a escola afasta a criança de uma relação afetuosa, e mesmo científica, com a cultura popular. E, assim, muitos aspectos do folclore são vistos de forma fugaz, superficial, sem aprofundamento, ou mesmo continuidade. Como consequência, o folclore continua sendo algo curioso para quem, em um determinado momento, se concede um espaço para percebê-lo, mas não para trabalhá-lo como fonte de conhecimento validado.

Nesse Encanto, a autora convida professores e profissionais sergipanos, que desenvolvem e desenvolveram trabalhos na área da Dança e da Dança Escolar, a narrarem suas próprias trajetórias profissionais. É possível conhecer, nas Experiências e Realizações Dançantes em Sergipe, projetos e trabalhos desenvolvidos no estado de Sergipe, destacando a diversidade de participação de vários municípios sergipanos, tais como: Estância, Itabaiana, Lagarto, São Cristóvão, e Aracaju, dentre outros. As narrativas desses atores foram recolhidas pela autora, que lançou um convite geral, por meio das redes sociais e por ligações telefônicas, para a participação de pessoas que quisessem contar suas experiências profissionais no campo da dança, e da dança escolar, desenvolvidas em todo o estado de Sergipe.

Sendo assim, estão nesse Encanto as vozes de profissionais que desejaram publicar e registrar suas práticas educativas desenvolvidas por meio da Dança. Os autores dos projetos escreveram suas narrativas de forma livre e dissertativa, e possuem total responsabilidade pela produção apresentada. Aqui encontramos também uma representação da diversidade de tipos e modalidades de dança encontrados no estado de Sergipe, exemplo: ballet, dança contemporânea, dança folclórica, dança para pessoas com deficiências, dentre outros.

A autora agradece de forma carinhosa a participação dos professores: Anúbia Melo Tavares, Damião Oliveira Santos,

Dulce Olga, Leilinha Nascimento, Klely Perelo, Marinalva Lima, Nádia Francisco e Renata Carvalho.

O terceiro Encanto, intitulado ENCANTO, DANÇAM NAS RUAS DE ARÁ, é uma delícia. Sergipanos que vivem e levam Sergipe por onde vão. Atendendo graciosamente o convite geral da autora, se fazem presentes artistas, bailarinos, cordelista, dançarinos, professores e pesquisadores da Dança Sergipana. Cada um, com seu jeito especial de SER, aceitou responder a um questionário elaborado pela autora da obra e, dessa forma, contribuem para o registro e memória da cultura sergipana na contemporaneidade. As questões elaboradas para os convidados possuem um cunho investigativo sobre as práticas e manifestações culturais sergipanas, em diferentes âmbitos de atuação.

A autora agradece a participação de cada mestre aqui da nossa “Terra Sergipe”. São eles e elas: Cecé Vieira, Jussara da Silva Rosa Tavares, Gladston José dos Santos, Lavínia Teixeira Machado, João Cardoso, João Bosco Torres dos Santos, José Eloi dos Santos Filho, Herval de Lima Melo, Adelmo Braz Cordeiro Filho, Marcos Pereira Braz “ERÉ”, Everaldo Pereira dos Santos, Klely Perelo e Augusto César de Andrade Leite.

A seguir, no ENCANTO POÉTICO: ENCONTROS, POESIAS E HISTÓRIAS SERGIPANAS, a autora propõe um Encanto indispensável para todos aqueles que contemplam a arte, a poesia e as manifestações de vida em palavras, sons, imagens e movimento, compondo diferentes expressões da diversidade humana. Com muita honra e alegria, esse Encanto foi construído pela junção de pessoas, que ao longo da vida da autora, surgiram e marcaram essa história. Cada um deles enviou um ENCANTO pessoal de forma livre, de alguma forma registrando a sua relação com a cultura, com a vida e com a Sergipanidade. Esse é um Encanto que agrega culturas, por meio dos diferentes estados do nosso país, de pessoas que se firmaram com e

em Sergipe. Um momento de celebrar ator, professores e pesquisadores, criança e poetisa. Com o carinho e gratidão da autora, são compartilhados instantes de vida com Cris Souza (Sergipe), Denise Guimarães (São Paulo), Lourdisnete Benevides (Bahia), Rico Lucena e Theo Lucena (Paraíba), Salete Martins Corrêa (Aracaju) e Sérgio Sal (Aracaju/Rio de Janeiro).

ENCANTO ACADÊMICO: VOZES DE MESTRES E AMIGOS é um ENCONTRO de MUITA GENTE, que representa ainda muito MAIS GENTE, que marcou a vida acadêmica, profissional e pessoal da autora. Uma festa de celebração de histórias de vidas nessa obra. As palavras são AMOR e GRATIDÃO, da Professora Ana Angélica Freitas Gois, por cada relato, cada conto, crônica e lembrança dos Professores Doutores Claudio de Oliveira Assumpção, Pedro Paulo Araujo Maneschy, Ida Carneiro Martins, Marynelma Camargo Garanhani, Wagner Wey Moreira, José Carlos de Freitas Batista, Flávia Fiorante Inforsato, Luiz Alfonso Rangel Mayor, Roberta Gaio, Pedro Jorge Moraes Menezes, Hamilcar Silveira Dantas Junior, Mércia Guimarães, Albérico Nogueira Queiroz e Olívia Alexandre de Carvalho.

E, no ENCANTO HOMENAGENS, Luiz Antônio Barreto, Dorinha Teixeira Machado, e Lú Spinelli são lembrados-representam a dança e a cultura sergipanas, enriquecendo e fortalecendo a memória das origens, histórias e marcos importantes do nosso estado, cada um com seu estilo e trabalho:

Luiz Antônio Barreto, e os intermináveis diálogos, aulas que a autora recebia a cada ENCONTRO/ENCANTO com esse ilustre homem, que viveu e estudou a cultura sergipana com muito aprofundamento, competência e dignidade humana. Gratidão e inúmeras homenagens para ele. Salve Luiz Antônio Barreto! Sua Sergipanidade vive em nós.

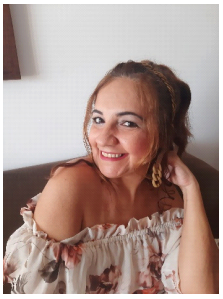
Dorinha Machado, que Encanta o nosso estado com a Dança Clássica, por toda a sua vida. Até os dias atuais,

podemos compartilhar com ela a beleza, leveza, história e poesia do ballet e sua diversidade. Em Sergipe é possível encontrar bailarinas e bailarinos que foram formados por essa bailarina, educadora e mulher de paz. Gratidão Tia Dorinha, por tanto acolhimento, amor e dedicação à sua arte de viver.

Lú Spinelli, que inundou Sergipe com a Dança Moderna e seus métodos criativos e críticos de se dançar. Inovou a história da dança e rompeu barreiras ao longo do seu trabalho, da sua vida. A autora sugere aos leitores que busquem conhecer a obra de Lú Spinelli e encontrem um universo dançante na forma de uma mulher.

Vale ressaltar o desenvolvimento de tantos sergipanos, que desses mestres da arte, cultura, dança e vida, se apropriaram. E aos quais podemos, enquanto cidadãos sergipanos, ainda mais conhecer e reconhecer, valorizando a sabedoria e a herança desses seres ilustres, que em diferentes espaços e momentos, tanto enriqueceram a nossa SERGIPANIDADE.

Enfim, não há fim... para a autora essa obra não se encerra, já que há possibilidades ilimitadas de se conhecer mais Sergipe, e de fazer florescer, assim, novos ENCANTOS na história da Sergipanidade, que vive e se transforma em cada um de nós.



Ana Angélica Freitas Gois
Aracaju, Março de 2021

ENCANTO NA DANÇA DA MINHA HISTÓRIA

A obra NA DANÇA DA VIDA: UM CONVITE A SERGIPANIDADE traz relatos emocionantes de encontros de vidas e almas, as quais, por meio de muitos estudos e vivências, experienciaram a construção e o plantio da verdadeira amizade, pautada e regada nos jardins e pilares do respeito, admiração e amor.

A sede do saber, ensinar e aprender, pesquisar e vivenciar da autora, nos motiva a adentrar nesse universo maravilhoso do movimento e da criatividade, em que tudo é ritmo e alternância, fluir e transformar, com liberdade. Dançar é não precisar de asas para voar.

A autora apresenta-nos e eterniza grandes personagens, os quais fizeram e fazem parte do nosso rico cenário sergipano, através da "arte na dança" e suas especificidades e diversidades.

Orgulho é a palavra que define o sentimento por fazer parte da sua trajetória de vida. Amo-te, Ana Angélica Freitas Gois.

Salete Martins Corrêa
Diretora do Teatro Atheneu (Aracaju/SE)

Em cada um vive uma imagem
Aquele que deve vir a ser.
Enquanto ele não a realiza,
Não alcança a sua paz.
Friedrich Rückert (2000)

Relatar o trabalho biográfico é uma tarefa complexa, mas de grande importância para quem o realiza, já que há uma necessidade de aprofundamento do conhecimento de si mesmo e uma busca constante pelo autoconhecimento. A

construção, ora narrada, se dá por meio de fatos e experiências vividas ao longo da minha vida, Ana Angélica Freitas Gois, e podem ser formas de compreensão para tantas outras diferentes vidas. Nesta obra, priorizo relatos de acontecimentos “iluminados”, significativos e especialmente felizes nessa minha trajetória até aqui. Afirmo, atualmente, que me encontro nesse estado de buscas, encontros e ressignificações de quem sou, de me conhecer e fazer uma retrospectiva de vida, no ano em que completarei CINQUENTA ANOS, no dia 17 de agosto de 2021.

Nos últimos anos, refleti e realizei diferentes questionamentos acerca da minha existência, de como me apresento para e na Terra, com e para o próximo e para mim mesma. Reflexões sobre vida, morte, destino, dentre outras, que nutrem meus dias e impulsionam novas formas de agir nesse cotidiano, permeado de transformações.

Torna-se necessário ressaltar que não possuo respostas fechadas e exatas, tampouco, fórmulas e receitas para tantas questões, mas sinto a necessidade de fluir com mais sentido e significado num percurso de vida, com a valorização de conhecer e viver possibilidades e limitações nesse universo repleto de inquietudes e aprendizagens para o meu ser. Admito que já sinto a paz de entender e respeitar a trajetória que me é imposta, determinada: a maratona do meu nascimento até a morte. E, nesse percurso de vida, minhas ações são determinantes e essenciais para crer que vale a pena registrar e continuar com essa pretensão de escrever, ler e publicar, para o leitor, aquilo que for possível e importante na minha compreensão humana.

Não sou uma pessoa famosa, mas a minha biografia revela histórias fantásticas de seres e lugares dignos de aplausos, contemplações e louvações. Os encontros que temos, ao longo dos tempos, proporcionam produções coletivas de significados, justificando assim a relevância do

seu compartilhamento nesse livro, mesmo que ainda considerando que as palavras são indizíveis para a imortalidade das experiências vividas.

Estamos na história humana vivendo mais um momento de calamidade mundial. Um vírus parece viver intensamente a partir da morte de tantos seres humanos. Encontramo-nos em 2021 e numa pandemia, que desde 2020, assola a população.

Recentemente, em dezembro de 2019, houve o aparecimento e a transmissão de um novo coronavírus (SARS-CoV-2), o qual foi primeiramente identificado em Wuhan, na China, e causou a doença que foi denominada como COVID-19 (abreviatura de *coronavirus disease*, mais o ano do seu surgimento, 2019). Doença que foi rapidamente disseminada e transmitida, de pessoa para pessoa. Conforme definida pelo Ministério da Saúde brasileiro (2021, s/p), a COVID-19 constitui-se em uma doença que

> apresenta um espectro clínico variando de infecções assintomáticas a quadros graves. De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), a maioria (cerca de 80%) dos pacientes com Covid-19 pode ser assintomática ou oligossintomática (poucos sintomas), e aproximadamente 20% dos casos detectados requer atendimento hospitalar por apresentarem dificuldade respiratória, dos quais aproximadamente 5% podem necessitar de suporte ventilatório.

Encontramo-nos, ao longo desse ano de 2021, em distanciamento social, e o movimento “FIQUE EM CASA” promoveu, para cada pessoa e cada família, diferentes formas de convivência e trabalhos. Nesta obra, não me aprofundarei sobre as questões envolvidas nesse importante momento em que vivemos. No entanto, para meu novo jeito de viver, a vontade e o exercício de leituras e escritas vieram com força total, e assumiram um papel importante e diário na minha rotina. Resultando na produção deste livro. Ser sergipana e nordestina sempre motivou meus trabalhos profissionais e, de certa forma, inspirou a produção deste livro. Revelo ainda uma

necessidade que sinto de registrar os inúmeros trabalhos que possuímos nessa diversidade cultural, em que nos inserimos, a qual precisamos agregar ao acervo das pesquisas e documentos do nosso estado.

A dança, arte e grande área do conhecimento com a qual me envolvi, nas diferentes esferas de atuação na minha história, é a grande protagonista nessa obra, especialmente no repertório educacional. E que culminou nesse resgate de personagens sergipanos, que também são responsáveis pela coreografia ilimitada de ritmos, enredos, crenças e valores do nosso jeito sergipano de ser.

SERGIPANIDADE nessa obra, significa a incorporação de um pertencimento de valor e valores, respeito aos diferentes jeitos de SER SERGIPANO, por meio da existência e resistência ao cotidiano de felicidades e adversidades de um povo. Quando olhamos e sentimos o toque de uma música da Terra Sergipe, um tamanco dançando no chão de nossas ruas, vestidos e fitas coloridas voando com o nosso folclore, o coração “arrepia” de emoção. Essa arte é digna de tanta vida, que seus dançarinos populares nos ensinam como viver, e até sem muito reclamar!

Em Sergipe falamos, declamamos, OXENTE, VIXE e CABRUNCO sem cessar. Quebramos e comemos caranguejo na brisa do mar. Dançamos forró esperando o FORRÓ CHEGAR. O milho vem à mesa para nos alimentar. Assim é Sergipe, basta você se “ACHEGAR e ARRODEAR”.

Temos Danças Folclóricas de arrepiar! São Gonçalo, Cacumbis, Taieiras, Parafusos só para começar! Festejos Juninos, Traques de Massa, Buscapés, Barcos de Fogo e Quadrilhas para poeira levantar. Portanto, somos responsáveis, mediadores para essa cultura não se acabar. A Sergipanidade contemporânea é o novo jeito de nos APRESENTAR.

Escrever e falar sobre Sergipe é um exercício ilimitado para inspirar nossos estudos e pesquisas, e em cada canto

se multiplicar. Para isso, convido vocês, leitores, para apreciar uma reflexão sobre a corporeidade, proposta pelo Professor Doutor José Maria de Paiva, enriquecendo assim essa obra, com seu jeito cultural de viver e pensar. Considero essa reflexão uma premissa para entendermos a nossa existência.

Fui mais uma vez agraciada pelo Professor José Maria, que mais do que um amigo, constitui-se em um mentor da minha história.

Corporeidade

José Maria de Paiva[2]
01/03/2021

Quero entender por corporeidade a forma de ser do homem, ou seja, a nossa forma de ser. A dificuldade para se entender esta expressão é que não usamos bem o verbo ser. Há muito tempo que me revolto com aquela nomenclatura que aprendi nos tempos de ginásio: o verbo ser é verbo de ligação. Dava-me sempre a impressão de que o importante era o sujeito e o predicado; o ser se esvaziava como mera ligação. Mesmo que a gramática tenha mudado sua nomenclatura, o uso que se faz do verbo continua igual. Há, antes de mais nada, necessidade de descobrir a substância do ser. Aí chegados, o verbo ser conferirá lugar secundário a todos os outros verbos. Afinal, o que é ser?

É preciso voltar à própria experiência! O que há de mais importante? A pergunta pode ser genérica, mas a resposta só pode ir numa direção: o mais importante é a vida! E o que é a vida? Para não cairmos em generalidades outra vez, é preciso dizer de quem é a vida. Não se dá vida em abstrato. A vida sempre é vida de alguém. Então, a resposta correta deve ser: o mais importante é minha vida ou, em outras palavras, o mais importante sou eu. Pode até parecer

sofisma o que estou arquitetando, mas afirmo que é profunda filosofia.

Eu sou o mais importante: eu sou o ponto de partida de minha referência a tudo o mais. E como devo explicar este eu sou? Partindo de nossa própria experiência, como percebemos o nosso ser? O nosso ser é ação. É um agir e, por isto mesmo, um agir sobre, um agir em relação a. Quero fazer uma reflexão e evocar nossa primeira experiência. O (nosso) ser não se dá na solidão, não se dá no vazio: só se é, sendo-com. Não se dá vida imóvel (à maneira eleática) nem, muito menos, vida isolada. O ser que é mover-se, agitar - co(a)gito, ergo sum! - só pode fazê-lo se houver o outro. Nesta visão, eu sou compreende mover-se e mover o outro.

E como se dá isto? Nossa experiência nos atesta que o mover-se implica uma totalidade: nós somos indivíduos, indivisos, inteiros e, como tais, estamos no mundo. A relação com o outro é algo que se realiza pelo que somos, pelo como somos. Ela provoca mudanças primeiramente em nós. Este primeiramente implica ordem de ser: o tocar o outro implica imediata alteração de nós mesmos, antes de qualquer consideração sobre alterações no outro! Este tocar constitui o conhecer! Conhecer é o ser (verbo) enquanto toca o outro.

A experiência de nossa indivisibilidade é fundamental neste processo. A forma como nos apresentamos, forma corporal, não é mera cobertura: é essencial (sic)! É verdade que, adultos, tocamos o mundo de forma simbólica, distanciando-nos mesmo do toque físico. Mas o simbólico só foi possível porque os contatos físicos mobilizaram o nosso ser inteiro, despertando suas potencialidades. Não temos compartimentos estanques nem mesmo compartimentos. Não dá para provar que assim é. O suposto social cristão aceita que somos corpo e alma, portanto de alguma forma divididos. Os fundamentos de nossa filosofia são sempre

crenças. A experiência mais óbvia nos confirma que agimos corporalmente.

Por corpo não queremos, tampouco, entender o físico em oposição ao espiritual. Queremos nos colocar antes dessa compreensão. Por corpo entendemos a totalidade e indivisibilidade de nosso ser, que se expressa fisicamente. Todo o nosso agir ou mover-nos acontece neste campo físico, devendo por ele serem explicadas todas as questões a nós relativas. Em poucas palavras, somos corpo. E corpo é tudo o que somos. A riqueza de experiências que temos de nós mesmos são, todas, corpóreas, devendo ser explicadas corporalmente, sejam as relativas ao (antigo) corpo, sejam as relativas à (antiga) alma.

O corpo define, assim, nossa realidade!

Após esse belo jeito de ser, pensar e agir do professor José Maria de Paiva evidencio, no Encanto da Minha História, um jardim, com as minhas raízes e frutos, que não consigo de emoção descrever. Somos fortes, somos alegres e, acima de tudo, somos filhos da Árvore - Mãe “Enilda Freitas Góis”:

Ana Angélica Freitas Góis, neste pequeno relato quero expressar sua importância na nossa família. Somos uma família unida, compreensiva, de luz, muitos amigos, abençoada por Deus, parte dessas conquistas vêm de você, minha irmã. É com grande satisfação, orgulho, privilégio, que estou nesse momento fazendo uma reflexão sobre a trajetória da nossa família. Perdemos nosso pai muito cedo, nosso super-herói. Nossa infância foi marcada por dor, insegurança, porém com o amor, a união, e a sabedoria, entre todos, superamos da melhor forma possível. Aproveitamos os ensinamentos, os valores que aquele momento estaria nos proporcionando. Percebemos a força de uma mulher guerreira, com princípios e valores, que na vida só queria ser mãe de seus quatros filhos, construindo caminhos para uma vida justa e digna para todos. Jamais me esquecerei da nossa infância, vários momentos de sorrisos, lágrimas, dor e de felicidades.

Você sempre foi fonte de inspiração na minha vida, luz, poderia dizer um talismã. Na infância, sempre queria estar ao seu lado. Na escola, a estudante que queria estudar na sala da irmã mais velha, depois conheceu a ginástica rítmica de forma prazerosa no âmbito escolar. Por admiração à sua dedicação e amor ao esporte, ficamos por algum tempo praticando, juntas, essa modalidade esportiva, com nossa eterna professora tia Salete.

Na vida profissional, meu Deus, muitas lembranças, sempre juntas. Ministrando aulas, pensando coreografias, alunas arrumadas, felizes com a vida, apesar das competições que eram vivenciadas, muitas vezes de formas injustas, cansativas. Então o amor, a minha profissão, Licenciatura Plena em Educação Física, veio da nossa união, passeios pelas quadras, competições de diversas modalidades, posso dizer que a diferença de idade entre nós me oportunizou, presenteou ter uma luz, uma estrela guia na minha vida inteira.
Nossa família sempre soube do seu potencial para os estudos, sua viagem para São Paulo, não foi traumática devido à distância, foi momento de união, cumplicidade, determinação pela busca de uma conquista coletiva. Sua conquista era nossa! Hoje temos orgulho e admiração pelos trabalhos realizados e sua carreira profissional.
Oito anos atrás tivemos uma grande provação. Sua saúde foi abalada... Melhor dizer NOSSA, pois mais uma vez a família estava ali segura, forte, unida, esperançosa, com muita fé. E você superou nossas expectativas. Sempre se mostrou uma mulher guerreira, determinada, lutadora pela sua vida ao lado de todos, que a amam até hoje.
Soubemos da sua doença em um momento de alegria para mim, estava de passagem comprada para realizar o sonho de uma viagem internacional. Eu queria desistir. Meu sonho passou a ser cuidar da sua colostomia, mas com sua capacidade de entender o porquê das coisas, sempre buscar a felicidade alheia, pediu que eu fosse. Seria seu melhor presente: a felicidade ao ver sua irmã indo para Paris. Disse, olhando nos meus olhos, não vou morrer agora, quando você voltar, estarei aqui para receber seus cuidados junto com Joaquim. Realizei meu sonho e voltei com outro presente de Deus para nossa alegria e sua cura. Com pouco tempo descobrir que estava grávida.
No seu aniversário você relatou que Giovanna seria sua cura, sinal de vida, e realmente estamos aqui felizes, rindo, chorando juntas como sempre, filhos crescendo rapidamente, família mais unida ainda. Atualmente não tenho palavras para descrever o quanto você é exemplo de mãe, mulher, força, irmã, filha, fé, amizade, tudo é possível quando temos Deus, alegria, perseverança, determinação.
Admiro-te demais, minha irmã. Você é luz na nossa família e para todos que conhecem sua história de vida. Somos muito felizes e gratos por poder compartilhar a vida com você. Amor de irmã é amor sem fim! Te amamos!

Carla Valéria Freitas Gois, irmã da autora.
Aracaju, março de 2021.

Família Freitas Gois
Walter César Freitas Gois, José Santana Gois Júnior,
Carla Valéria Freitas Gois e Nossos filhos.

Enilda Freitas Gois e membros da família

Fonte: Arquivo pessoal da autora (2019)

Sergipe: um “país” além do forró

Escrever sobre esse estado brasileiro é uma responsabilidade social, na qual me lanço com muita segurança, cuidado e respeito pela diversidade de aspectos que podemos abordar e aprofundar em uma obra pública, como esse livro. No que se refere à cultura sergipana, é possível observar expressões em diversos cantos desse estado, que se encontra na região Nordeste do Brasil. Para iniciarmos esse tour dançante, priorizo dados essenciais para conhecimento do local que é sede de um potencial e valioso acervo cultural, ao longo da sua história na humanidade.

Segundo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, doravante), a população de Sergipe chegou a 2.318.822 em 2020. Sergipe é um dos nove estados localizados na região Nordeste do Brasil, tendo como capital a cidade de Aracaju, a sigla SE e 75 municípios. O menor estado brasileiro em extensão limita-se ao leste com o Oceano Atlântico, ao sul e oeste com a Bahia, e ao norte com o estado de Alagoas (IBGE, 2017). Ainda de acordo com o IBGE (2017, sp), em relação à História de Sergipe encontramos que

> Em oito de julho de 1820, o Rei do Brasil e Portugal Dom João VI, assinava a Carta Régia elevando Sergipe à categoria de Capitania Independente. A independência do território de Sergipe da Bahia foi marcada por conturbadas lutas política e contestada na época pelos líderes baianos e senhores de engenho. Tanto que essa data entra em conflito com outra. A data de emancipação considerada até a

> década de 1990, foi 24 de outubro, quando se comemora a recuperação da Independência de Sergipe. No fim dos anos de 1990, a Assembleia Legislativa cancela a data, e a mesma passa a ser considerada como Dia da Sergipanidade. (...) Sergipe, durante quase dois séculos e meio, foi de capitania subalterna, dedicada a abastecer a Bahia com sua produção agropecuária. Dela, recebia as famílias dos dominantes, os encargos, autoridades e os produtos de seu comércio.

Encontramos diversos tipos de artes em cada canto desse encanto, que chamo SERGIPE. Teatro, música, artes plásticas, danças, artesanatos, culinária, vocabulários..., diferem e enriquecem os vários sergipanos. Somos um povo de muitos jeitos, sotaques e a união dessas particularidades formam esse SER, nos dias de hoje, resultando na nossa SERGIPANIDADE. Para nós, sergipanos, 24 de outubro

> é dia de comemorar a sergipanidade. Dia de ter orgulho da identidade e da cultura do povo sergipano. Sergipano de sangue, ou de coração, este é o dia de celebrarmos nossas crenças, nossos costumes, sotaques, nossas manifestações populares e nossa história. O Dia da Sergipanidade é um momento de fortalecer o sentimento de pertencimento daquilo que só Sergipe tem: as delícias da nossa culinária, nossa arte popular e as belezas da nossa terra, do litoral ao sertão. (...) Dia da Sergipanidade é ainda mais especial com as comemorações dos 200 anos da Emancipação Política de Sergipe. Por muitos anos, o dia 24 de outubro foi data extraoficial para as comemorações da Sergipanidade., mas foi em 2019 que esta data entrou de vez para o calendário oficial do Estado através da Lei 8.601/2019 de autoria do presidente da Assembleia Legislativa de Sergipe, deputado Luciano Bispo. Para o presidente da Alese, o dia é de comemorar as manifestações culturais e artísticas do nosso estado. “Nada mais justo que instituir o dia 24 de outubro como Dia da Sergipanidade, como atitude tanto individual quanto coletiva, que devem florescer as manifestações artísticas, as contribuições lúdicas, fazeres e saberes, usos e práticas a serem incorporadas pela aceitação, para serem consagradas e renovadas”, afirmou o deputado Luciano Bispo na justificativa do projeto (Assembleia Legislativa do Estado de Sergipe, 2020, s/p).

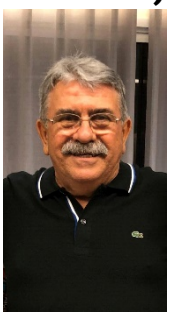
E o que é Sergipanidade para mim? Eu sempre me vi no mundo, na vida, buscando existir de forma inteira nas ações que realizei e realizo. A sergipana que sou me faz ir sempre em busca de espaço para viver o melhor e o possível, em

mim, e para o próximo. Desde muito nova enfrentei adversidades comuns na vida de um ser humano, aprendi a conviver com as dores e males de uma sociedade desigual e injusta para com os seus seres humanos. Em Aracaju me criei, me desenvolvi e ampliei minhas relações pessoais e profissionais, amei muito cada fase vivida até aqui. Não foi uma trajetória fácil no campo profissional, já que sou de uma época em que os avanços na área por mim escolhida para percorrer não eram tão acessíveis, e foi necessário partir para outros cantos, para um possível acesso aos estudos e trabalhos mais desenvolvidos em nosso país.

Sou filha do Colégio Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora. Desde criança compartilhei dessa escola que me apresentou professores, amigos e famílias, que me enriqueceu, tanto é que até hoje tenho relações de amizade, carinho e respeito com muitos salesianos. Portanto, continuo nesse processo inacabado de trocar valores e sentimentos, que não cessam de nos enriquecer e de valorizar a nossa história. A educação escolar se tornou meu grande encanto de trabalho, de certa forma, porque tenho o Salesiano como base em minha vida e na de todos os meus irmãos. Tempos inesquecíveis e histórias gravadas em nossas memórias, que vivemos e se transformaram em possibilidades de muitos encaminhamentos, dados aos nossos percursos de vida. Não deixarei de mencionar aqui pessoas que nessa fase me educaram de forma significativa, e impulsionaram passos essenciais para um melhor caminhar, dançar e viver, de forma geral. Destaco Jairton Guimarães, o Cobrinha. Quem o conhece sabe ao que estou me referindo. Mais do que um educador no Colégio Salesiano, um homem presente e extremamente firme nos princípios de uma educação qualificada. Com o passar do tempo, Cobrinha virou um amigo e um homem que muito admiro. E acredito cada vez mais em sua competência, qualidades pessoais e profissionais, que honram nosso

estado. Sua Sergipanidade é expressiva, e se multiplica em milhares de sergipanos.

Jairton Guimarães, o Cobrinha



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2020)

Já tenho publicado, em minhas obras anteriores, a importância de uma sergipana única, ímpar em minha vida, que é a professora Salete Martins Corrêa, a qual me honra com a apresentação deste Encanto da Minha História, genuinamente sergipana e que, como Salete, cheira, vibra, pulsa vida, amor pela arte e pela nossa linda terra. Salete me ensinou a dança, a ginástica, o amor à Educação Física, no Colégio Salesiano. Portanto, justifico sempre a minha escolha profissional a partir das minhas experiências vividas como aluna. Escrever sobre a Sergipanidade e não falar sobre a Salete Martins é não se deliciar com inúmeros momentos da Arte em nosso estado.

Sou filha acadêmica da nossa importante Universidade Federal de Sergipe (UFS), um campus que me ensinou a todo instante a curtir a vida, a minha juventude, sem perder a responsabilidade de ser uma professora digna de educar e de se educar por meio da liberdade que a vida oferece, sem me perder nos diversos caminhos que a juventude também apresenta. A UFS merece vários livros das nossas histórias, sergipanos que nela se formam e se multiplicam com o passar dos anos. Seu legado está espalhado pelo mundo e a Ciência assume papel de destaque na vida de todos que com ela se relacionam. Tenho a oportunidade de participar do crescimento dessa universidade e ter

registrado, na minha história de vida, momentos inesquecíveis como aluna e, mais tarde, presenteada em ser professora nos cursos de Educação Física e Dança.

Na UFS me aposentei, em 2014, (Portaria n° 1.546, de 14/07/2014) e vivi o que foi possível no universo do Ensino, da Pesquisa e da Extensão, com especiais seres humanos, e que estão em espaços diversos do nosso estado. Ter a Sergipanidade é conhecer e se reconhecer na UFS, mesmo sem ser sergipano. Um local privilegiado de tantos brasileiros e estrangeiros, que compartilham dos vários cantos de Sergipe.

Formatura em Educação Física - UFS (1994)

Fonte: Arquivo pessoal da autora (1994)

Sou filha também das instituições escolares desses cantos, que tanto percorri. Muito nova lecionei em quadras, salas de aulas, teatros e ruas de Sergipe. Comecei jovem, ao lado da especial educadora Maria Auxiliadora de Aboim Machado (Tia Cily), uma MULHER autenticamente apaixonada pela Pedagogia do Movimento, Arte e Educação, em nosso estado e na UFS. Essa mulher, que me abriu as portas das suas escolas, e da sua casa, me presenteou com uma linda família, que tanto me ensinou, e à qual hoje tenho apreço, amor e respeito, por cada um deles.

Tia Cily e seu esposo Dr. Carlos Waldemar me ensinaram o “bê - à – bá” da escola, o jeito inclusivo de interagir com nossos diferentes alunos. O incentivo às minhas ideias e projetos mais íntimos, ligados à arte e à educação, foram

por eles incentivados e, juntos, fizemos muito em cada momento vivido. A família do “Mundo da Criança” e do “Colégio São Paulo”, sem dúvida é a minha base, da qual emergiu a segurança para assumir a docência ao longo da minha vida.

Maria Auxiliadora de Aboim Machado e Carlos Waldemar Rezende Machado

Fonte: Arquivo pessoal da família (2017)

Nas estradas de Sergipe ganhei asas para voar e realizar, junto às escolas públicas, por meio da Educação Física, um novo jeito de fazer e ser professora. Na Colônia Treze, distrito do município de Lagarto/SE, especialmente na Escola Luiz Alves de Oliveira, vivi novas formas de dançar, fazer ginástica, ensinando e aprendendo com pessoas apaixonadas pela escola, pela praça linda desse lugar especial que temos em Sergipe. Inventar e reinventar um jeito novo de fazer com o tão pouco que tínhamos, mas com uma capacidade humana incrível de “fazer acontecer” nossos projetos intermináveis, alunas e alunos dispostos ao “NOVO” e, principalmente, uma comunidade unida pelo propósito de viver o elo da família, escola e sociedade, de forma geral.

Viver o sistema público de ensino ampliou minha prática pedagógica para um olhar mais coletivo e, a partir daí, desenvolvi minhas novas práticas rítmicas e gímnicas pelo Brasil e mundo afora. Conseguia, refletindo hoje, não sei como, estar em todos os cantos em que precisava estar, e realizando, sem parar, a prática de lecionar para crianças,

jovens, adultos, idosos, pessoas com deficiências. Tive uma experiência na vida muito rica, ao conviver com cada pessoa que encontrei, com quem troquei um momento de aprendizagem, e isso é significativo demais nessa trajetória de vida.

Outras estradas, que percorri com muito ânimo, amor e dedicação exclusiva mesmo, foi o trabalho junto à Federação Sergipana de Ginástica (FSG), nos anos de 1990 a 1999, ao lado de pessoas incansáveis para desenvolver a ginástica e suas possiblidades, em nosso estado de Sergipe. Nós pensávamos e agíamos com vários projetos, objetivando a inserção da ginástica sergipana em seus diferentes níveis no Brasil e, especialmente, no cenário escolar. Tive oportunidade de aprender muito, com inúmeras pessoas, nesse percurso, mas aqui destaco a professora Maria Luciene Cacho Rezende, uma mulher que nunca cessou seus propósitos de conquistar o topo para a ginástica em nosso país. Lembro bem do nosso início, em que nossas condições de trabalho eram sempre de muito empenho individual, e corríamos Sergipe inteira para adquirirmos parcerias, para daí realizarmos os nossos eventos. Como esquecer nossas “MALAS”, organizadas para cada evento? Creio que deixei esse legado no âmbito da Ginástica Sergipana. Na FSG, formamos uma equipe de amigos muito ampla, até os dias de hoje nos mantemos ligados por nossas passagens, histórias e diversos trabalhos. Os nossos campeonatos, cursos, capacitações e espaços de prática da ginástica não se esgotavam, nossos sonhos e, principalmente, a soma de tantas pessoas nessa área transformavam a cada ano essa atividade. Hoje, temos a professora Luciene dirigindo a Confederação Brasileira de Ginástica, uma grande riqueza da nossa Sergipanidade.

Professora Maria Luciene Cacho Rezende

Fonte: Arquivo pessoal da autora (2019)

Tenho também muita gratidão em ter passado e trabalhado muito na Confederação Brasileira de Ginástica, durante a gestão da presidente Vicélia Ângela Florenzano nos anos de 2001 a 2003, participando do Comitê Técnico de Ginástica Geral, atualmente, Ginástica para Todos, em que muito aprendi quanto aos diversos aspectos no campo da ginástica, dentre outros.

Uma Sergipanidade sendo incorporada a cada dia, e construindo um repertório cultural muito seguro para, de forma digna, estudar, pesquisar e aplicar várias possibilidades de se DANÇAR E SER NA ESCOLA. Em 1999, me lancei para a cidade de São Paulo, visando aprender mais e saber o que acontecia nos cantos das outras pessoas em nosso Brasil. Sergipe foi comigo, no meu corpo, na minha história e é muito difícil descrever o tanto de tantos que incorporei em São Paulo. Uma nova casa, novas famílias, amigos, colegas, mestres e muita vida traduz o tempo que vivi fora da minha terra natal e pude realizar meus estudos de Pós-Graduação.

Sergipe, na minha pequena pessoa, foi muito bem recebida, acolhida com muita alegria e parcerias surgiram, as quais até nos dias atuais se mantêm. Talvez por isso, continuo aqui escrevendo sobre essa passagem inesquecível da minha vida. Não mencionarei nomes nesse momento, com o risco ainda de ser injusta por não me lembrar de alguém. O registro da vida que tive em São Paulo está na história da minha família, meu esposo, Prof.

Dr. João Carlos Carvalho Queiroz, um curitibano que sente a Sergipanidade e vive isso de forma cabal, ao lado da nossa obra inquestionável para a academia e qualquer currículo: Joaquim Freitas Queiroz. Lá tive esse PRESENTE DIVINO, de amar e ser amada, para daí formar uma nova base de união coletiva, um intenso processo de construção, que não para em nós. Como digo: nós três somos muitas "GENTES":

Bom, eu sou filho de Ana Angelica Freitas Gois e de Joao Carlos Carvalho Queiroz, tenho 10 anos de vida. Nasci em 24/03/2011, eu vim falar sobre minha relação com meus pais, primeiro vou falar sobre a minha relação com a minha mãe. Ela está fazendo um livro e eu e meu pai vamos ajudar ela nesse livro. Eu tenho uma relação muito boa com a minha mãe, eu e ela escrevemos textos juntos, brincamos juntos. A gente tem um cachorro, ele se chama (Amor) eu minha mãe e meu pai brincamos com ele, o cachorro tem 3 meses de vida. Ele é pequenininho, ele brinca, pula, late, sobe no sofá e morde o pé de todo mundo que vem aqui em casa. Agora vou falar logo a minha relação com minha mãe a gente as vezes come fora juntos, vamos para o cinema juntos, fazemos um monte de coisas juntos eu e ela já dormimos na casa da minha vovó. O nome dela é Enilda Freitas Gois, ela é dona de casa tadinha, continuando, eu e minha mãe já viajamos juntos sem meu pai. A gente estava indo para o Rio de Janeiro, lá encontramos o meu Pai, Fomos no Cristo Redentor, tiramos fotos, fomos no Maracanã o estádio do flamengo, meu time de futebol, agora preciso dormir que amanhã tenho prova de matemática.

Joaquim Freitas Queiroz
Aracaju, março de 2021

"Caminhante, não há caminho, o caminho se faz ao caminhar".
Antônio Machado (Poema XXX, Provérbios y Cantares, 1983)

A epígrafe acima, do poeta espanhol Antônio Machado, convida-nos a inúmeras reflexões. Algumas mais profundas, outras nem tanto; todas, com importantes e significativos ingredientes: aproximações, construções, viagens, educação, cultura, caminhos. Para mim, falar da Ana Angélica Freitas Gois, e, consequentemente, da nossa caminhada, é inspirador e, ao mesmo tempo desafiador; engendra lembranças das muitas experiências vividas – alegrias, transformações, superações. Pretendo ser sintético neste relato, não por recomendação acadêmica, mas por respeito às nossas emoções. A Ana Angélica entrou em minha vida pelas mãos da sua orientadora: Profa. Dra. Roberta Gaio. Para iniciarmos esta história é preciso retornar ao ano de 2006, na cidade de Londrina, num Congresso promovido pela UNOPAR, no qual conheci a Profa.

Dra. Roberta Gaio. A partir desta data, iniciei contato – primeiro via SMS, depois por telefone – com a orientanda da Profa. Roberta Gaio, Doutoranda Ana Angélica Freitas Gois - até que em janeiro de 2007 pudemos nos conhecer e estabelecer diversas e diferentes aproximações. O cenário possível para nosso primeiro encontro, e para o início da nossa caminhada, foi o balneário de Caiobá – litoral paranaense. Momento em que dividíamos o tempo em torno do trabalho que eu realizava e das horas disponíveis para o nosso convívio. Foram maravilhosos momentos. Em julho de 2007, viajamos para Aracaju, para ministrarmos um módulo na Pós-Graduação da Faculdade Atlântico, na área escolar, a convite do Prof. Dr. Bráulio Alcantara. Momento mais do que significativo para me aproximar da cultura nordestina: pelas mãos da Ana e de toda a sua Família – destaque para sua Mãe: Enilda Freitas Gois. Também importante e, porque não dizer, decisivo para a construção na nossa história, foi a indicação do meu nome para o Prof. Wilson Santos, proprietário e Diretor Geral da Faculdade AGES de Paripiranga/BA, pelo Diretor da Faculdade Atlântico, Prof. Enilceu Lisboa – in memoriam; fato que proporcionou que participássemos da construção do Projeto Pedagógico do Curso de Educação Física e sua consequente aprovação junto ao MEC. Após esta aprovação, fomos convidados pelo Prof. Wilson para assumirmos aulas na AGES, além da coordenação do curso. Essa decisão foi o marco inicial em nossa vida: a construção de uma vida comum sob o mesmo teto. Uma difícil, mas desafiadora decisão. Pouco tempo depois me tornei professor substituto do Departamento de Educação da UFS; a Ana já era substituta do Departamento de Educação Física. Por certo, apontava aqui nossas próximas caminhadas. Estas conquistas não só nos incentivaram, como também nos impulsionaram na busca pela efetivação na Universidade Federal. Fato que ocorreu em março de 2009, para a Ana, e em abril, do mesmo ano, para mim. A Ana, no Curso de Dança, e eu, no Curso de Educação Física. A efetivação nos trouxe definitivamente para Aracaju, em busca de novos caminhos e novas construções. Muitas buscas, projetos, realizações. Tempos de muita alegria; tempos de reflexões. Lacuna preenchida com a chegada do nosso filho Joaquim. Um bebê que foi recebido e cuidado em cada momento: desde a gravidez, desde a sua chegada. Foram momentos de muita alegria para todos - avós, irmãs, familiares e amigos. Em meio a este feliz momento fomos surpreendidos, em 2013, com uma imensa provação: conhecer, aceitar, cuidar, se adaptar... viver. Em meio a essas transformações, "procurei" minimizar os possíveis impactos da falta, das "limitações", e de outras consequências, que desconhecíamos, para com o Joaquim e para a Ana. Período de nova caminhada, ao lado de um grande amigo - o personagem do filme Toy Story, Wood. Foi ele quem permitiu que diálogos e aconchegos pudessem ser abertos, "compreendidos" e realizados com maior facilidade com o Joaquim. Fato decisivo no retorno da Ana logo após a grande cirurgia. Neste período da nossa caminhada administramos ausências; foram tempos difíceis - de "tristeza" e impotência. Mas, também, de superações e de muito amor. A ressignificação da Vida. Ficou estabelecido a seguinte regra: cuidar da Ana; cuidar do Joaquim. Não poderia ser diferente. Depois de escalarmos íngremes caminhos, depois de verificar que 251 sessões de quimios tinham sido realizadas, a Ana escolheu viver! Optou por romper com o tratamento que havia sido planejado pela equipe médica: momentos de

expectativa em torno desta decisão, principalmente pela razão de que as constantes intercorrências estavam sendo geradas pelo alto grau de toxicidade, que a droga que estava sendo usada, estava produzindo. A vida, a partir desta data, adquiriu uma nova compreensão- algumas questões tornaram-se mais leves, outras, ainda pesadas. O simples passou a ser importante! O ar passou a ser um bem precioso, assim como a água, o sol, a luz do dia, o café da manhã, o almoço... tudo foi transformado; momento no qual o Sagrado se manifestou em nosso dia-a-dia, em nossa vida. De certa forma, verificamos que o Joaquim passou a ser o grande beneficiário deste "novo" estilo de vida e de cuidados; nós precisávamos e merecíamos. E assim passaram-se os dias, os meses, os anos. Celebrações e Orações; estamos aprendendo a silenciar. Em meio a tudo isso, penso que estas experiências nos ensinaram muito; transformaram-nos. Aprendizagens, desenvolvimentos, crescimentos, maturações. Estamos conseguindo ver o que antes não víamos. Ouvir o que antes não ouvíamos, silenciar o que antes não silenciávamos, autopercebermo-nos, como nunca havíamos percebido. Muito ainda temos para caminhar, e assim o faremos – enquanto houver força e vontade. Novos encontros acontecerão, por certo; assim como, transformações. Que possamos ser e estar inteiros quando os encontros e as transformações acontecerem. Finalizo este relato dizendo: O "IMPERADOR" QUE RESIDE EM MIM SAÚDA A "IMPERATRIZ" QUE EXISTE EM VOCÊ. João Carlos Carvalho Queiroz, Aracaju, 2021.

João Carlos e Joaquim, Praia do Forte/BA, 2021

Fonte: Arquivo pessoal da autora (2021)

E, assim como nós, São Paulo me levou para muitos lugares, corações e pessoas do mundo inteiro. Não fiz apenas cursos de Mestrado e Doutorado, aprendi além, a cada dia vivido. O que escrevo nesse Encanto do livro posso provar e já está registrado em cada produção que realizamos em nossa carreira profissional.

ADEMIR DE MARCO

Seu SORRISO em VIVER representa "Tanta e diferente GENTES.
Meu Carinho, amizade e GRATIDÃO por ter"
ENCANTADO O Jardim da nossa VIDA!

Ana Angélica e Ademir De Marco
(in memoriam) - 2003

Fonte: Arquivo pessoal da autora (Piracicaba, 2003)

No decorrer da minha vida passei por uma fase muito complexa em relação à minha saúde. No ano de 2013 fui diagnosticada com um câncer grave e invasivo na região retal. Durante o período de 2013 a 2019 fui submetida a tratamento árduo, contínuo, o qual, por muitas vezes, agravou a minha qualidade de vida. Ostomizada definitiva por consequência do câncer, tinha muitas preocupações e receios em dançar e, de certa forma, de desenvolver minhas atividades de rotina normalmente. Fui aposentada da minha profissão em 2014, me despedindo da função que mais amei até hoje realizar: lecionar. A UFS, dessa forma, passou a ser o meu último lar acadêmico e me sinto muito feliz pela história construída no tempo que foi possível lá viver.

O curso de Licenciatura em Dança, do Campus de Laranjeiras, município especial de Sergipe, foi meu espaço de aprendizagens significativas, com todos que desse campus participavam, especialmente as crianças e discentes, que se envolveram no Projeto de Extensão, que coordenei enquanto lá trabalhei. O projeto de extensão intitulado "Dança na Univer Cidade" foi uma especial criação de relações com a comunidade local do nosso

estado. O Projeto está escrito nessa obra, no Encanto NO RITMO DA DANÇA ESCOLAR SERGIPANA, próximo momento do livro.

E, nesse processo de mudanças completas em minha vida, conheci o Professor Everaldo Pereira, dono do “Espaço Nu Tempo”, na cidade de Aracaju. O ser humano iluminado Everaldo Pereira transformou meu modo de viver naquela fase e me fez dançar de forma plena, única e jamais dançada. Construímos uma relação de parceria, encontros, e muitos momentos de experiências e realizações afetivas, emocionais e humanas. O cenário da Nu Tempo me proporcionou novos olhares para a prática da dança, trouxe um elo de amizades e entrega constante com todas as pessoas que fazem parte dessa família.

O meu desenvolvimento motor e emocional se mostrava muito ativo e positivamente comecei a me sentir melhor frente aos desafios do tratamento do câncer, e suas sequelas em mim. Eu e a Nu Tempo dançávamos sem parar, lembro bem que até durante algumas das minhas internações, Everaldo e as amigas do Grupo Nu Tempo dançavam no meu leito do hospital, era uma sensação inexplicável, que só ampliava a minha esperança e a vontade de viver e, assim, dançar mais. Produzimos muito e o “Método de Ensino Dança Livre”, desenvolvido pelo Professor Everaldo Pereira, oportuniza às pessoas a liberdade de expressar o repertório corpóreo de cada Ser, suas potencialidades, bem como suas limitações. O professor evidencia o que nos envolve com mais emoção e facilita nossa relação com a dança. O seu jeito de nos dizer dançando o que sentir e como mover, é simplesmente único, individualmente construído e coletivamente compartilhado.

Assim, Everaldo fortaleceu o meu corpo e inundou a minha alma, onde quer que eu dançasse e com qualquer condição em que eu estivesse. O benefício da dança no processo das intermináveis quimioterapias foi inquestionável e elevou minha qualidade de vida na fase

mais difícil que já vivi nesses meus quase 50 anos de vida. A sensibilidade do bailarino e coreógrafo Everaldo já é conhecida no mundo inteiro, e Ser Sergipano mostra uma notoriedade maior para essa obra e meu relato de dança, ou melhor, de VIDA! Ele me deu ENERGIA e isso era vital para meu fortalecimento e desenvolvimento nos momentos de maior fraqueza.

Everaldo Pereira e Ana Angélica

Fonte: Arquivo de Kika Garcez (2016)

Dançar com a Minha Alma foi a melhor
Coreografia que você criou.
Seus Passos me fizeram flutuar no instante em que
Meu Corpo do chão não saía.
Sua Dança Livre me encheu de Energia e Amor, resultando no espetáculo
Maior: “MINHA VIDA".
(Ana Angélica Freitas Gois, 23/02/2021)

As obras que produzi estão no meu currículo, que está registrado na Plataforma Lattes do CNPq, mas, como Professora Universitária, a necessidade de atualizar e produzir intensamente me impulsionava, ao longo das décadas em que trabalhei, por vários cantos desse planeta. Nessa obra quero deixar impresso um pouco do tanto que realizamos. No final do livro, especialmente no Encanto Acadêmico, está registrado, por meio de relatos de tantos MESTRES, a diversidade de encontros e trabalhos realizados, mas, que ainda assim, jamais traduzirão o que realmente aprendi com cada enfoque mencionado e pessoas envolvidas.

Sergipe é um “país”, um universo de gente que faz, sente, pensa e vive seus sabores, ritmos, cantos, dores, homens e mulheres, e expande para o mundo seu jeito único de ser. Portanto, sugiro que o leitor dessa obra se aproprie dessas breves informações e conheça esse paraíso, localizado nesse tão rico e carente Brasil. Diante das resumidas informações apresentadas sobre o nosso grande estado, ressalto o objetivo que possuo de promover o conhecimento e valorização das expressões populares, costumes e tradições das diferentes comunidades, que dançam nossa cultura nas ruas, praças, igrejas, centros sociais, escolas, dentre outros importantes locais de Sergipe. A valorização cultural das distintas expressões populares, ao longo dos tempos, surge de forma dinâmica e plural, obedecendo às tradições que são transmitidas e transformadas, de gerações em gerações. Esse movimento de nossa cultura provoca reflexões acerca da necessidade de ampliação do entendimento- e da forma- com que produzimos e reproduzimos as múltiplas manifestações culturais de um povo e sua riqueza, no âmbito escolar. Um espaço que agrega e vai além, pois é a nossa grande história.

Bem-Vindos a Sergipe! PENSEM NUMA COISA BOA!

Letreiro “Eu amo Aracaju”

Fonte: G1 (18/03/2016)

Referências

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE SERGIPE. (Brasil). *Dia da Sergipanidade é autoria do presidente Luciano Bispo*. Sergipe. 24 out. 2020.

Disponível em https://al.se.leg.br/dia-da-sergipanidade-e-autoria-do-presidente-luciano-bispo/. Acesso em 15 dez. 2020.
G1. (Brasil). Letreiro “Eu amo Aracaju” é instalado na orla de Atalaia. Sergipe. 18 mar. 2016. Disponível em: http://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2016/03/letreiro-eu-amo-aracaju-e-instalado-na-orla-da-atalaia.html
IBGE. (Brasil). *Sergipe.* Brasília. 2017. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/se/historico. Acesso em 14 nov. 2020.
MACHADO, A. *Proverbios y cantares.* Poesías completas. Madrid: Espasa-Calpe, 1983.
MINISTÉRIO DA SAÚDE. (Brasil). *Coronavírus* (Covid-19). Brasília. Disponível em https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca. Acesso em 27 fev. 2021.

ENCANTO NO RITMO DA DANÇA ESCOLAR SERGIPANA

O processo educativo se mostra como uma busca por um alargamento da apropriação e percepção de valores humanísticos, compatíveis com a nostalgia da própria história e um por vir calcado na necessidade de sobreviver ao século dos mil e uma competições profissionais, industriais, tecnológicos e emocionais. (Carla Saul Marcelino, 2020, p.52)[3]

A partir da perspectiva educativa da dança, enfatizo, nesse momento, alguns aspectos que encontramos ao longo das últimas décadas de ensino nas escolas do estado de Sergipe, acerca da sua existência, desenvolvimento e realização. Considero alguns questionamentos importantes para refletirmos juntos sobre o panorama atual da dança, que se encontra ou se ausenta nos diferentes níveis de ensino, em nossas escolas.

Quem dança? O que dança? Quem ensina dança? Quem dirige e supervisiona a dança na escola?

Todos nós dançamos nos mais diferentes espaços e nas variadas fases das nossas vidas. É quase impossível não nos lembrarmos de histórias sem alguma passagem dançante ao longo da nossa existência. A dança se transforma ao longo da história humana, portanto, torna-se uma atraente e vibrante arte para se estudar, pesquisar e dançar, na sua ampla diversidade de existência e resistência.

A relação entre Dança e Cultura é dialógica, constante, e revela possibilidades de comunicação com as diferentes linguagens artísticas e expressões da sociedade em que estamos inseridos. Dessa forma, busco evidenciar o nosso compromisso social, aqui nessa obra, de difundir e enriquecer as reflexões sobre o ensino da dança no âmbito escolar sergipano.

Crianças, jovens, adultos e idosos se encontram dançando em cada canto do nosso planeta, país, cidade, rua, festa, casa entre tantos outros espaços. E nas escolas? A dança se faz presente? E de que forma? Em Sergipe as escolas promovem o encontro dos seus alunos com essa arte, atividade e movimento cultural de cada ser humano e suas diferenças?

Sim! Nossas escolas, em sua grande maioria, apresentam a dança em suas atividades festivas e comemorativas, de datas que celebram marcos da nossa história e cultura. Alguns exemplos dessas datas são: Dia das Mães, dos Pais, do Índio, Festejos Juninos, etc. Datas essas significativas para as escolas e famílias, culminando em apresentações com figurinos especiais, geralmente criados para os contextos apresentados nas referidas comemorações. A dança está presente, geralmente, de forma “passageira” nas escolas e não representa o processo sobre o qual desejo refletir e inspirar as pessoas que fazem a nossa escola sergipana e também aqueles que dançam. Ressalto a necessidade de compreendermos a dança não apenas como um produto para a realização de datas comemorativas. E, aqui, não desvalorizo as mesmas, mas considero a importância de irmos sempre além. Vislumbro a dança e sua pluralidade de forma contínua, e que pode enriquecer e ser enriquecida pelo movimento e cultura humana.

Observamos um vasto acervo de estudos e pesquisas científicas na área da dança e da diversidade humana, impulsionando, assim, novos trabalhos e projetos para os professores e profissionais que desenvolvem a dança em seu âmbito profissional.

O que dançar?

Temos, em nosso estado de Sergipe, trabalhos bem diversificados na área da dança, com ênfase na cultura popular local e, que de forma qualificada, valoriza a participação dos alunos no processo global de criação e produções na arte de dançar na escola. Considero, aqui, a

relevância dessas práticas educativas, as quais não são, na sua maioria, registradas- para, dessa forma, possibilitar a construção da memória da dança, da escola e daqueles que dançam. É muito oportuno destacar o rico material que temos nas escolas, e a escassez desses significativos trabalhos nos acervos de pesquisas, para a área da dança e da educação escolar.

Sugiro, ao longo da minha atuação acadêmica e profissional, a necessidade de registrarmos e compartilharmos produções, formando assim um trabalho coletivo com mais democratização para os que desenvolvem a dança, de forma geral. Vários aspectos podem ser aprofundados para entendermos as dificuldades e facilidades que a maioria dos professores encontra para desenvolver trabalhos na área da dança escolar em todo nosso país.

Nesse momento, evidencio possíveis reflexões a partir de uma carta escrita pela professora Renata Carvalho, que gentilmente compartilhou-a conosco. A professora Renata possui sua formação em Dança pelo curso de Licenciatura da Universidade Federal de Sergipe. Tenho muita alegria em ter convivido com essa artista e professora tão competente e comprometida com o exercício de lecionar e promover a educação, por meio da arte. Fui sua professora no curso da UFS e sempre aprendi muito com seu jeito crítico e criativo de ser.

Carta Aberta aos Alunos e demais...
Memórias da Escola, Abertura de jogos e alguns desabafos

Professora Renata Carvalho
Lagarto, 06/05/2019

Foram três anos e meio, mas juro, vivi uns oito aqui. Tudo sempre foi muito, as alegrias e as chateações. E, fazendo uma retrospectiva, foram muito mais abraços do que distâncias; mais choros de emoção do que de tristeza; mais risada dentro de sala de aula do que broncas; mais esperanças renovadas do que descrenças. Comecei o magistério aqui. Ou no quintal da minha casa, com um quadro verde que meu pai fez para mim, quando tinha uns 12 anos de idade, onde ensinava português e inglês. Ali eu me realizava, era feliz com meus alunos imaginários, sonhando com os reais, vocês.

Em outubro de 2015 pulei de paraquedas, recém-chegada de Lisboa, do meio de um Doutorado, para uma cidade da qual só conhecia o nome. Se Portugal foi meu sonho de formação intelectual, Lagarto seria minha oportunidade de dividir os conhecimentos adquiridos com meu povo. Não fazia ideia do que me aguardava, só sei que havia euforia e uma inquietação em pôr na prática tudo aquilo em que eu acreditava.

Chego aqui e me deparo com uma realidade social difícil, onde os alunos têm problemas estruturais e familiares imensos, inimagináveis, e cada vez mais casos de depressão e tentativas de suicídio. A escola passa a ser a válvula de escape para minimizar esse déficit social. Um grande impacto para mim. Estava diante de um desafio enorme: despertar nesses alunos, em situações tão adversas, o sentimento pela arte, expressão maior da sensibilidade humana. Não tive escolha, me dediquei de corpo e alma nessa empreitada. Para minha surpresa, descobri, ao longo

dos anos, inúmeros potenciais, talentos escondidos, artistas fantásticos e seres humanos raros... O que me estimulava diariamente a me doar para eles, na certeza de que poderia contribuir não só intelectualmente, mas, principalmente, ajudá-los a se encontrarem, a perceber que eles eram grandes, que podiam o que eles quisessem.

Era início de outubro quando, em meio à organização do Dia da Consciência Negra, chego e já me foi logo sendo atribuída a tarefa de fazer uma coreografia para o evento. E é por onde começam meus pedidos. Exigi figurino e tocadores de atabaque ao vivo. Não havia dinheiro. Mas será mesmo? Depende do nível de insistência (e ameaças, é claro!). “Ou me arranja tecido para o figurino ou vai todo mundo nu em protesto! E não me ofereça tnt!”. Na minha cabeça funcionava assim: o aluno tinha que ter o melhor que pudéssemos dar, esforçando-se um pouco mais, e não aquilo que era mais confortável de dar. E, assim, tivemos figurino e atabaques. Logo depois, com minha cabeça fervilhando, queria uma sala de Artes! Senti ainda mais a necessidade depois do Projeto da CN (Consciência Negra), quando alunas e alunos vieram falar comigo que queriam mais! Alunos querendo mais? Isso é lindo, né?... “ahh, mas não tem espaço”, “não tem como...”, e meses de insistência foram passando, tentando negociar, escrevi projeto e nada... Até eu lançar uma nova ameaça: “não preciso mais! Já fui chamada para fazer parte da Escola de Dança da Seed em Aracaju, vou para onde me querem!”. E, como por encanto, uma solução foi encontrada. Era preciso mobilizar amontoados de três salas para que uma delas ficasse vazia e ser solamente de Arte. E assim fizemos.

“Minha equipe”, como gostavam de chamar, que nunca me deixou na mão, se juntou- e eternos vai-e-vem de carrinho de mão, cheio de livros, outros objetos, estantes, mesas e computadores, iam sendo reorganizados em outras salas, que também estavam cheias. Uma loucura! E por fim, lavamos a sala e começamos a colorir, não com tintas

(porque não havia dinheiro para isso, como sempre), mas com sorrisos, movimentos e criações.

E para colocar a sala ainda mais para trabalhar, e os alunos, claro, ensadecidamente escolhi quatro turmas para estrear o PROJETO PÁTIO DAS ARTES/2016. 9º E e F; 3º A e B. Digo isso porque eram 24 turmas em sala de aula, e quatro espetáculos a serem produzidos paralelamente, para a III Unidade. Além do Projeto da Consciência Negra, para ser montada uma exposição de arte e a comissão de frente para a marcha pelas ruas! Foi um ano louco, divertido, de muito trabalho, pedras no caminho e muita paixão... E, no final do ano, apresentamos: PÁSSAROS SEM BORDAS; FESTA, FLOR E ALGUNS ESCÂNDALOS, SIM!; ENTRE MALANDROS E CABARÉS e TUDO QUE PASSA EM MIM É MUITO. Apresentamos em vários lugares, entre Lagarto e Aracaju, sendo que o último passou um ano se apresentando.

Desde que comecei essas ações na escola passei a conhecer mais meus alunos. Os 50 minutos de aula, 1x por semana, 40 na sala, nunca será suficiente. O projeto, além de contribuir para isso, contribuía para desengessar uma escola que era conivente com um sistema que amordaça, que limita e quer calar. Não bastava ceder o espaço, como se fosse um favor. Lamentávamos a falta do que a gente chama de “chegar junto”, presenciar, torcer, aplaudir e querer que tudo aquilo só crescesse. Isso entristecia a todos nós, mas, ao mesmo tempo, fortalecia “nosso movimento” dentro da escola. A gente se uniu ainda mais. Nunca foi fácil tentar tornar a matéria de arte respeitada, nunca foi fácil ouvir “e reprova, é?”, “passei em Física e vou ficar para recuperação em Arte?” e tantos outros comentários que doíam. Nunca foi fácil, mas eu compreendia, ao mesmo tempo, que aquilo foi construído dentro da própria escola, desde as primeiras séries. E como eu poderia exigir tanto, se a própria direção/coordenação, teoricamente formadas por pessoas esclarecidas, não eram

capazes de compreender que o tão falado protagonismo juvenil passa também pela relação com as artes sem a necessidade de virar artista? Aceitassem, ao menos, que um professor formado naquela disciplina sabia o que estava fazendo. Mas isso foi ficando cada vez mais difícil.

Doía-me ver um corpo diretivo apático, resistindo veladamente a qualquer ação “fora da caixa” e subserviente a jogos políticos, mas doía-me ainda mais o descaso de muitos alunos, mesmo sabendo da infeliz construção do sentido de arte dentro da escola. Doía-me porque meu trabalho sempre foi e sempre seria para eles. E eu chorava. Chorava porque via uma série de injustiças e bastidores recheados de imprudências. Chorava porque achava que tudo poderia vir a ser em vão. Mas como minha mãe assertivamente diz, que eu só quero aquilo que é mais difícil e me dá mais trabalho, eu escolhi pagar pra ver. E isso quer dizer continuar fazendo aquilo em que eu acreditava, porque, quando se ama, é a única opção. Senti sempre muito companheirismo, de muitos alunos e alunas, seria até injusto citar nomes, mesmo alguns estando bem presentes até hoje – eles sabem -, correria o risco de deixar algum de fora. Eu sei também que eles me perdoariam, pois já sabem da minha memória de Dory, mas prefiro não passar por isso. Esse companheirismo foi sempre o que me fortaleceu diante de tudo que eu via/sentia. Os abraços de corredor, as conversas no privado, o amadurecimento visível a cada unidade e a cada ano, as brincadeiras em sala de aula... Relações que se estreitavam e ressignificavam o meu estar ali.

O ano de 2017 foi do “VILA-BEM-ME-QUER”, espetáculo do 2º, e último ano, do Pátio das Artes. Os bastidores desses projetos eram sempre muito intensos, divertidos, estressantes e aprendizados que só a prática pode proporcionar. Mas quem queria saber de processos internos quando o que mais interessava era quantos alunos começaram o projeto e com quantos terminou. Essas e

outras “preocupações” para mim eram irrelevantes quando eu assistia, de perto, transformações fortíssimas acontecendo com aqueles que permaneceram. Além de um início de formação de plateia, que já exigia ter dança/teatro para assistir.

Nesse mesmo ano, outra exposição da Consciência Negra, com direito à confecção de um labirinto – que daria um capítulo à parte, feito por um grupo do 3º ano C – mais a comissão de frente, que eu já desistindo de fazer, o 3º B insistiu, pois era o último ano deles e eles queriam muito... E tudo foi feito. Dois projetos grandes sendo feitos paralelamente. O espaço até existia, mas de uma forma silenciosa e tolerante. Como aqueles alunos poderiam adquirir o sentido de pertencimento, se ao dar o melhor si naquilo que amavam fazer, os olhos desviavam-se, ou sentiam-se invisíveis? Como poderiam se sentir valorizados se a exposição montada para a C.N. foi retirada e empilhada, sem autorização minha ou dos alunos? Como ser protagonista quando forçavam a apatia? Como confiar quando retiram sala – de arte – sem comunicar?

É... 2018 começava difícil e anunciava o difícil ano que ele realmente foi. A verba para pintar e equipar a sala, que já não era mais de arte, de novo, como por encanto, apareceu. Do pátio das artes, sobrou o pátio. A arte permanecia nas salas de aula, como sempre. Porque, fora delas, o silêncio tinha que pairar, com corredores vazios e conteúdos sendo despejados para cumprir as tabelas... Reuniões intermináveis ao longo desses anos para que, se no final tínhamos um PPP (Projeto Político Pedagógico) inútil? Pois o que interessava era a aprovação numerosa. Eu tinha duas opções: me entregar ao cínico sistema ou viver surtando de vez em quando. Fiquei com a segunda... Esse povo das artes já é meio surtado mesmo, não é? Mas eu preciso reforçar, de novo, o papel dos alunos nesse processo. Muitos, sem saber, seguraram minha peteca para não cair. Quando eu pensava em desistir de tudo, pequenos milagres

aconteciam. Foi quando “FANTASMAS EM CORES E VERSOS” foi pensado e preencheu minha vida durante algum tempo. Uma proposta da professora Rosana, para que eu pensasse, junto com ela e seus alunos, um trabalho para o fim do projeto dela. E aí me veio essa lindeza... e um novo fôlego tomou conta de mim.

Grupos de arte foram formados durante esses anos, como “Bordado” /o “Tudo”, que se juntou ao Bordado, e, por último, o “Ser Cacto”, que continua até hoje. A ideia era não desistir, nem de mim, e nem deles. E tentamos isso juntos. E vocês pensam que eu não me estressava com eles? Ahhhh e como! rsrsrs falar disso seriam mais três folhas...e eu preciso ir parando. Por último, solenes “nãos” às tentativas de fazer oficinas de dança e teatro na escola esse ano de 2019, com a justificativa de que eu vou embora. Essa decisão é tão absurda quanto tanta coisa que aconteceu por lá. Tem muito menos a ver com questões educacionais do que vocês pensam... E aí aceitei o “não”, e fomos para a praça fazer arte. Depois me juntei à Catiana, no Projeto Mergulhe. Nome bem propício quando te fazem querer ir para a beirada.

Eu sempre entendi a escola como um lugar de transformação, um lugar para nos tornar mais humanos, que a gente sentisse prazer em estar nela. Um lugar que se preocupasse menos em entupir de alunos as salas para que conteúdos fossem despejados, e mais um lugar que os percebessem como seres humanos em potencial, não só para receber, mas para dar. “Hoje tivemos o prazer de mostrar nosso aprendizado, do que realmente é arte. Poder tocar em cada pessoa que nos assistia é emocionante. Nunca vou me esquecer, serei eternamente grata a ti, professora.” [fala de uma das alunas que esteve em um dos projetos].

Era essa a escola que eu queria quando cheguei por aqui. Não senti isso e me decepcionei. O tal sistema realmente tem força, mas que só acha espaço quando têm pessoas que

servem a ele. Ao contrário, não. Ele fica sem espaço e as ações em benefício verdadeiro a uma educação transformadora. Isso é possível.

Vivi experiências inusitadas, uma instituição voltada exclusivamente para a Educação, deixava de lado sua função básica por questões mesquinhas, egos feridos e por não conseguir aceitar o rompimento com o marasmo tradicional, acomodado e quase inquestionável, em detrimento do que deveria ser o maior objetivo da escola: o aluno e sua formação ampliada. Sendo estes, únicos, vergonhosamente, prejudicados. Não me cabe aqui falar das motivações que levam a escola pública a chegar a esse estado de degradação. É um fato incontestável, mas não tentar mudar é inaceitável. Ainda pior é, de forma medíocre, tentar impedir ações que, comprovadamente, percebiam e colaboravam com o aluno como um todo.

Eu passaria horas a falar sobre esses anos e esmiuçaria ainda mais, mas é uma carta. Em breve vou embora e eu precisava falar para quem está chegando agora – a escola é de vocês! Lugar de transformação e de voos! Não permitam o mínimo. Existe uma potência em cada um que só saindo da zona de conforto pode ser descoberta. Briguem para ter a escola que vocês acham que merecem. E precisava falar para quem esteve por lá esses anos. Nós resistimos! E eu me orgulho muito de vocês... Muitos me dizem que eu os transformei, mas vocês me fizeram melhor, mais forte, mais humana.

Saio daqui com depoimentos de colegas de trabalho que disseram que os alunos e as alunas, que estiveram nos projetos, melhoraram a atenção em sala de aula, que melhoraram a forma de apresentar os trabalhos, que estavam mais proativos. Tudo isso eu percebi na minha sala também, além de perceber o espírito de responsabilidade e coletividade extremamente potencializados. O exercício da paciência, do olhar sensível para os colegas e para si mesmo. Foi muito, foi tanto! Saio daqui com uma das

maiores experiências que vivi em minha vida, sou muito grata a isso. Juntos vivemos histórias inesquecíveis: juntos, fomos mais que alunos e professora, fomos faxineiros, pintores de parede, amigos e amigas, confidentes, juntos fomos além. Choramos juntos e rimos demais... Obrigada. Estarei pelas redes quando precisarem, mas os levarei comigo, guardados aqui dentro no meu melhor lugar.

Precisava abraçar e agradecer a cada um de vocês – e aos que não puderam vir -, pois cada um a seu modo fez parte dessa história e continuará a fazer. Preciso celebrar, pois fui mais feliz do que triste. Mas a tristeza tem sua beleza. Sempre me fez criar.

Professora Renata Carvalho

Fonte: Arquivo pessoal da autora (2021)

Poema da Professora Renata Carvalho na inauguração dos espaços Galeria de Arte e Canto de Leitura (06/05/2019)

Como encontrar equilíbrio onde tudo é avalanche?
O sistema ganha força na preguiça
A disciplina ganha força no desconhecido
O outro leva sempre a culpa
E vale a pena achar de quem é?
Por enquanto, isso...
Enquanto isso, a subversão
da força, remar contra marés
do sentido, ramificar direções
do ensino, provocar voos
da culpa, conversar consigo
da arte, fazê-la!
Quanto à avalanche?
Ela se transforma.

Encontramos um vasto panorama de desafios e características para a existência da dança na escola. O que mais nos impulsiona a acreditar nos diferentes trabalhos existentes em nosso estado é o AMOR, e o envolvimento dos professores com as possibilidades que a dança oferece aos alunos, e a todos aqueles que fazem a escola, bem como à sociedade de forma geral. A luta é uma constante dos professores, para encarar cada vez mais uma realidade escolar injusta, desqualificada em vários aspectos, que contextualizam o universo educacional. Os desafios vão desde as instalações físicas, geralmente insuficientes, ou até mesmo inexistentes, para as práticas corporais, tais como as danças, entre outras áreas do saber.

O incentivo, por parte dos gestores da escola, nem sempre é significativo, resultando, assim, na desistência de muitos professores em realizar seus projetos e desvalorizando até seu desempenho e uma carreira mais efetiva na área da dança escolar.

Em Aracaju, assim como no estado de Sergipe, encontramos inúmeros trabalhos em dança em diversas escolas, nos âmbitos público e privado. Nesse livro, podemos conhecer alguns professores e seus trabalhos com a dança. O convite para que partilhassem suas histórias foi feito no período de 2020 e 2021, através das redes sociais e mediante algumas ligações telefônicas.

Considerando o momento de dificuldades, que enfrentamos durante a pandemia do novo Coronavírus, compreendemos que muitos professores não tiveram condições de enviar seus projetos dentro da área em questão. Professores de Dança e Educação Física abrilhantam, dessa forma, esse momento, com suas experiências ao longo do tempo, em nosso estado. Sendo assim, apresento e já agradeço aos professores que se fazem aqui presentes: Anúbia Melo Tavares, Damião Santos, Dulce Olga, Leilinha Nascimento, Klely Perelo,

Marinalva Lima, Nádia Francisco, e Renata Carvalho. Há também o relato da experiência da própria autora, que foi desenvolvida como Projeto de Extensão da UFS. Comecemos essas narrativas com aquela de Klely Perelo, com o ensino do Ballet Clássico em Sergipe.

Experiências e Realizações Dançantes: Ensino do Ballet Clássico em Sergipe

Klely A. Perelo[4]

Introdução

O ballet tem sua origem nas danças de corte e constitui-se com a influência das danças populares europeias. Possui uma terminologia própria, que é estudada ao longo da formação do bailarino. O ballet é uma técnica que exige um trabalho profundo e continuado, o que o torna complexo e exigente. O estudo dessa técnica possui características específicas naquilo que se refere ao estudo e ao trabalho de corpo, exige do bailarino muita disciplina e determinação. Quanto ao espaço, exige-se um piso adequado, tamanho confortável, barras em altura correta e espelhos. Essas características tornam essa arte muito específica, tanto para quem a faz como para quem a ensina. Os espaços adequados para o ensino desta arte, na maioria das vezes, são encontrados em academias de dança e dificilmente encontraremos uma sala apropriada para ballet, por exemplo, em uma escola regular.

Durante 13 anos atuando em Aracaju, pude perceber como essa técnica tem avançado para diversos espaços de ensino da dança, tais como: as academias, escolas, universidade, festivais, oficinas oferecidas por particulares ou poder público. E, em cada espaço desses, o ballet

assume uma função diferente e isso pede um modo de aplicá-lo também de forma diferente.

Nesse breve relato trago minhas experiências em alguns desses espaços de atuação da dança.

Ballet clássico em academias

A maior parte das minhas experiências no ensino do ballet clássico foi em academias de dança na Bahia e em Sergipe e também nesse espaço se deu minha formação em ballet clássico, como bailarina e professora de ballet. Esses espaços proporcionam um estudo prático da técnica clássica de forma mais aprofundada para aqueles que desejam se profissionalizar como bailarino clássico, pois possuem professores formados em algum método de ballet. Essa é uma condição primordial para um bom desenvolvimento da técnica. Para tanto, as academias necessitam de profissionais qualificados para desenvolver o estudo correto da técnica do ballet, mas ainda encontramos muitas academias com profissionais pouco qualificados para desenvolver esse papel, o que torna difícil o desenvolvimento correto da técnica.

Em Aracaju existem diversas academias de ensino do ballet. Dentre elas, temos: a Academia Passo a Passo, Partner Centro de Dança, Centro Cubos de Dança, e, outras duas, que encerraram suas atividades em 2020, a Academia Sergipana de Ballet e Ballet Celia Duarte. Os métodos de ballet utilizado nessas escolas, em sua maioria, são o método russo e o inglês, sendo que os professores e donos de escola de dança desenvolvem suas metodologias baseadas nesses métodos. O estudo dos métodos é muito importante para uma boa aplicação da técnica, e todo professor de ballet deve ter formação em pelo menos um desses métodos. Existem cinco métodos de ballet: método italiano (Cecchechi), método francês, método russo (Vaganova), método inglês (Royal Academy of Dance),

método cubano (Escuela Cubana de Balé), método americano (Balanchine) e o dinamarquês (Bournoville).

Quando cheguei em Aracaju o método da Royal Academy já era conhecido em duas academias, porém não se faziam mais exames por não terem professores registrados para isso. Então, em 2007, com minha chegada, foi possível a retomada desses exames, o que proporcionou uma qualificação maior para os estudantes de ballet na cidade e gerou uma procura significativa de bailarinos, que desejavam obter uma formação em ballet. Outro ponto que observei foi também a procura por parte de professores, que desejavam atualizar seus conhecimentos. Abaixo, nas figuras de 01 a 06, alguns momentos que ilustram minha trajetória profissional em Sergipe. Todas as imagens são do arquivo pessoal da autora desse texto.

Aluna Leticia Chapermam (2017)

Ballet Coppelia, adaptação Klely Perelo, Corpo de baile do Ballet Célia Duarte (2014)

Ballet Paquita, adaptação Klely Perelo, Ballet Célia Duarte. Foto: Tomas Kolisch (2018)

Com o desenvolvimento técnico, outras escolas passaram a aplicar o método inglês, como foi o caso do Centro Cubos de Dança (2017 e 2018) e da Adagio Academia de Dança (2019), e pude contribuir para a preparação técnica de muitos bailarinos, durante alguns anos. Também nesse período organizei um Projeto Político Pedagógico de Dança para o Centro Cubos de Dança, além de curso de atualização para professores. A partir desse projeto, a academia desenvolveu seu programa de aplicação dos conteúdos de ballet. Com uma preparação maior do estudo da técnica foi possível levar grupos de bailarinos para festivais competitivos e cursos no Brasil e no exterior, tais como: Festival Internacional de Dança Joinville (2012), em Santa Catarina; Seminário Internacional de Dança de Brasília (2016), no Distrito Federal; no Ballace Festival de Dança (2015 e 2017), na Bahia; Festival Latino Americano de Dança (2020), na Argentina e na Mostra Competitiva de Dança de Pernambuco (2020).

Esses festivais proporcionam aos bailarinos muitas possibilidades de aprimorarem sua técnica através de bolsas de estudo, no Brasil ou em outros países, ou até mesmo contrato de trabalho, como foi o caso do ex-aluno, o bailarino Lázaro Silva, que em 2017 recebeu convite para atuar na Lamondance no Canadá, durante sua participação no Seminário Internacional de Dança de Brasília, em 2018.

Bailarino Lázaro Silva Espetáculo VIVA, Lamondance season 10, Canadá (Foto: AdrianO D)

Alunos para exame da RAD - Centro Cubos de Dança (2017)

Alunas para exame RAD, Ballet Célia Duarte (2012)

Ballet clássico na escola

O ballet, durante muito tempo, foi visto como base de aprendizado para outras danças. Esse pensamento criou, de certa forma, uma postura equivocada sobre os conteúdos da dança no ambiente escolar, dificultando a aplicabilidade correta sobre o entendimento da dança na escola. O ballet no ambiente escolar deve ter outro enfoque, pois os objetivos são outros. O professor deve ter atenção

ao modo de aplicar a técnica, visto que não é um espaço limitado ao ballet mas, sim, ao ensino da dança no seu sentido mais amplo, experimentando, criando possibilidades para o corpo, desenvolvendo a percepção corporal, etc. Porém, ressalto que não será o estilo de dança que fará um bailarino menos ou mais limitado ou livre, mas, sim, o modo como é aplicado. São muitos os benefícios que o ballet traz à formação da criança, desde a fase da educação infantil. Nessa fase não se ensinam técnicas, mas outras habilidades devem ser desenvolvidas nessa faixa etária.

Outro ponto que gostaria de frisar é a utilização dos benefícios e fundamentos do ballet clássico no esporte, como na Ginástica Rítmica, que busca na técnica clássica competências necessárias para um bom desempenho das ginastas. Nesse espaço de atuação tive contato com as ginastas do Instituto Dom Fernando Gomes – IDFG, desde 2017. Com esse grupo pude trabalhar os fundamentos do ballet, desenvolvendo uma atuação voltada para ginastas de alto rendimento.

C*onsiderações*

Acredito que o ballet deva ser acessível a todos, e pode e deve estar presente nos espaços de dança, seja em academias ou escolas regulares, como conhecimento de uma técnica de dança. Porém, sua aplicação deve ser feita de forma consciente e não permitir que seja um fator limitante à expressão da pessoa. É necessário haver objetivo claro, saber onde se quer chegar e o caminho a ser percorrido. Assim será possível extrair dessa técnica tão antiga e exigente os benefícios que ela proporciona ao desenvolvimento corporal como um todo. Nessa direção, acredito que as diversas metodologias de ensino do ballet clássico podem e devem ser aplicadas com o intuito de promover a aprendizagem e a linguagem da dança como expressão humana, fazendo suas conexões, gerando

conhecimento e formando um sujeito criador e transformador.

Referências

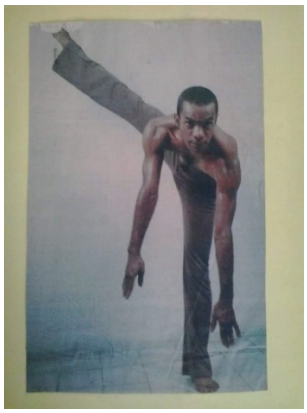
CONE, T. P. *Ensinando Dança para Criança.* 3ª ed. São Paulo: Manole, 2015.

SAMPAIO, F. *Balé passo a passo:* história, técnica e terminologia. Fortaleza: Expressão gráfica e editora, 2013.

VAGANOVA, A. *Fundamentos da dança clássica.* 1 ed. Curitiba: Appis, 201

Contempodança

UMA HISTÓRIA DA DANÇA



Francisco de Assis Santana Santos

(1966 – 2006)

Leilinha Nascimento[5]

Introdução

Foi no ano de 1996 que Francisco Santana, também conhecido como Chiquinho, decidiu abrir seu próprio espaço de dança o qual, além de aulas de dança, também seria um local para extravasar as criações da sua mente inquieta de artista. Era uma sala pequena, localizada na rua Siriri, já chegando na Avenida 7 de Setembro, na cidade de Aracaju. Funcionava na parte inferior de uma casa de andar, onde moravam sua mãe, irmã e sobrinha. Uma placa amarela na calçada anunciava o nome escolhido: Espaço Contempodança. A entrada possuía um portão de ferro e um pequeno jardim, com um conjunto de bancos e mesinha, que servia como sala de espera. Passando outro portão,

havia uma antessala com uma mesa de escritório e duas cadeiras- era a secretaria, apesar de não haver funcionário. Uma divisória com porta e visor de vidro separava a secretaria da sala de aula. Na sala havia barra, espelhos, ventiladores e quadros com fotografias do Ballet Stagium, feitas por Dinho Duarte, primeiro fotógrafo de dança sergipano. No lado oposto da divisória, uma passagem, que dava acesso ao vestuário e depósito.

Chiquinho ministrava aulas de ballet, jazz, dança moderna e técnicas contemporâneas. Quem se matriculava tinha direito de fazer aulas todos os dias, no horário escolhido. Ele defendia a formação diversificada do bailarino, com várias técnicas e estilos. Pagava-se uma única taxa mensal para ter acesso a tudo. Também ensaiava nesta sala o grupo Nós em Cia, formado em 1986, por Chiquinho, Iradilson Bispo e Sidney Azevedo. Este grupo participou, além de outros eventos, do Circuito Nacional Palco Giratório, do SESC Sergipe. e assistir aos seus ensaios era uma atração e uma inspiração para os alunos.

Em 19 de dezembro de 1996 foi realizado o I FAZ Dança de Sergipe, no Teatro Atheneu, um festival de dança com o objetivo de reunir, em um mesmo evento, todas as pessoas que faziam a dança em Sergipe. Com os primeiros alunos da escola, Chiquinho montou o elenco da Cia Espaço Contempodança, que teve seu nome simplificado posteriormente para Cia Contempodança. A Cia era o laboratório de criação e também a representação da escola em eventos.

Cia C*ontempodança*

A partir daqui vou escrever em primeira pessoa, pois sinto-me muito à vontade em relatar as histórias da Cia, já que estive presente na maior parte delas. Comecei a fazer aulas de dança no Espaço Contempodança em 2001, por indicação da professora Mari Lima, coreógrafa do grupo Aerodance, do qual participei enquanto estudei na Escola

Técnica Federal de Sergipe, e dois anos ainda depois da minha conclusão de curso. Havíamos participado do IV FAZ Dança com o grupo e conhecido Francisco Santana, que fez questão de vir falar conosco durante o evento.

Naquela época estava cursando Educação Física na UFS e já estagiava com professora de aeróbica na Academia Atyva, no bairro Siqueira Campos. Terminava minha aula às 19h e saía correndo, literalmente, para pegar aula com a turma das 19h... Sempre perdia o aquecimento, mas a corrida já compensava essa parte. Às terças e quintas, tinha ensaio da Cia depois da aula, começava logo após uma pequena pausa para a água e algumas boas risadas e seguia até às 22h ou mais. Chiquinho sempre convidava os alunos para assistir aos ensaios. Sua alma de artista reluzia com os olhares da pequena plateia, eufórica. Aos sábados também tinha ensaio, mas com horário apenas para começar. Para estes ensaios ele costumava chamar apenas aqueles sobre os quais tinha alguma intenção de desenvolvimento artístico. Ele dizia: venha fazer uma aula com a Cia para ver se você se identifica.

Assim, quando fui convidada para ir ao ensaio do sábado, fazer aula com a Cia e ajudar na contrarregragem, senti-me tão nervosa que parecia ter uma casa de marimbondos dentro da barriga. Para mim, que sonhava em ser dançarina desde criança, e que só tive oportunidade de começar a estudar a dança aos 16 anos, participar de uma cia. de dança era a oportunidade de viver meu sonho.

A Cia estava preparando um espetáculo autobiográfico chamado “Caatinga das Danças”, sua poética viajava pela infância e imaginário de Chiquinho na cidade baiana de Santa Brígida. O grupo ensaiava e preparava figurinos e adereços. O espetáculo estreou na programação do Encontro Cultural de Laranjeiras (2002), com Francisco Santana, Araceli Rodrigues e Cyntia Greysiela como intérpretes, e eu na contarregragem. Passei a frequentar todos os ensaios e logo estava pegando as cenas do

espetáculo também. Dancei pela primeira vez com a Cia em maio de 2003, no 35º aniversário da UFS, e desde então nossas histórias se entrelaçam.

Chiquinho tinha ainda muitas ideias para experimentar... e falava dos espetáculos anteriores e das apresentações com muito entusiasmo. Na lista já constavam: “Calma! Não se desespere” (1998); “Minha obra, assinado...” (2000); “Máscara” (2001); “O Peso do Meu Corpo” (2002) e “Caatinga das Danças” (2002).

O elenco foi crescendo, pois agregar era um verbo que Chiquinho amava na prática, chegando a ter 10 intérpretes em cena, dividindo espaço e suor dentro da saleta durante os ensaios. Alguns fizeram apenas uma rápida passagem, outros ficaram mais tempo entre idas e vindas. Outros permanecem até os dias atuais. Foi uma fase incrível de imersão na dança. Eu estava no Espaço quase todos os dias, às vezes chegava antes das 16h e só saía depois das 22h. Fazia aulas, ministrava aulas, jantava, ensaiava e ainda batia papo. Subia a ladeira da rua Siriri, voltando para casa com a leveza de quem voa. Ali não era um refúgio, era minha morada da arte. Produzimos nesse período o VI, VII, VIII e IX FAZ Dança sob a coordenação de Chiquinho. Fizemos performances em eventos particulares e participamos dos principais eventos culturais do estado, a exemplo do Festival de Artes de São Cristóvão/FASC. Encontro Cultural de Laranjeiras, Encontro Cultural de Itaporanga D’Ajuda, ForróCaju, Festival de Danças de Sergipe, 50 anos do Teatro Atheneu, Projeto Verão, Expressões Artísticas ao Meio Dia (SESC Sergipe) Mostra SESC de Artes Cênicas, Rua da Cultura, dentre outros. Produzimos os espetáculos: “O Pecado da Carne” (2003); “Membrana” (2003); “Máscara” (remontagem); “Fé de Cada Caminho” (2005) e “Obra sem Título” (2006).

Em 2006, o palco de Chiquinho ficou mais iluminado, as estrelas viraram seus refletores, as nuvens suas coxias e a imensidão azul a sua cortina. Por esse motivo, “Obra sem

Título” foi estreado, mesmo sem ter sido finalizado, como parte do espetáculo “Athelier das Obras” (2007), na I Semana Sergipana da Dança, no Teatro Tobias Barreto. Foram tempos de muitas incertezas para a Cia. Voltamos a ser 3: Adriano Matos, Araceli Rodrigues e eu. Sem negar a identidade que Chiquinho imprimiu na Cia, mergulhamos na criação de “Mandalas” (2008), o processo durou aproximadamente um ano e foi estreado na II Semana Sergipana da Dança, marcando a nova fase da Cia. Recebemos críticas positivas e negativas, mais que isso, descobrimos a nossa forma de criar e interpretar. Tivemos mais mudanças no elenco... continuamos a criar e na sequência vieram: “Canal Aberto” (2009); “Casulo” (2010); “Quando a Luz Apaga...” (2012); “Ritual do Fogo” (2013) e “Nenhuma Teoria” (2014).

Participamos de eventos em nosso estado e fora dele. Fizemos intercâmbio com Pedro Salustiano/PE (2006), Dudude Herrmann/MG (2016), Denise Stutz/RJ (2017), ganhamos prêmio no Ballace Festival de Dança/BA (2008), participamos do Encontro Cultural de Estância, de todas as edições da Semana Sergipana da Dança, Projeto Verão, Bienal de Cultura da UNE/BA, Festival SESC de Artes Cênicas, Aldeia SESC de Artes Cênicas, TobiArte, Virada Cultural/SE, Festival de Artes Cênicas de Sergipe (FACS), participamos de palestras na UFS. Demos continuidade à realização do FAZ Dança até a 12ª edição.

CARTAZ DO XII FAZ DANÇA

ARACAJU (2008)

Fonte: Arquivo pessoal da companhia (2008)

Faz Dança/Galeria da dança

Em 2009, éramos 3: Adriano Matos, Brenda Katherine e eu. Pensávamos em ampliar as fronteiras do FAZ Dança, incluir outras linguagens relacionadas à dança como: performances, intervenções urbanas e videodanças, além das oficinas e mostras coreográficas, que já aconteciam. Escrevemos o projeto do Galeria da Dança, evento que transformaria a cidade num espaço aberto de contemplação da dança em praças, parques, orla, calçadões, shoppings, espaços culturais e teatros. Inscrevemos num edital de incentivo promovido pelo SESC e fomos premiados com o valor de R$3.000,00. Enfim, tínhamos o capital para tocarmos nossas ideias.

Além do público fiel, conquistado desde a época do FAZ Dança, e com a abertura do curso de Licenciatura em Dança da UFS, tivemos a oportunidade de ampliar o evento para atender à demanda crescente de escolas e grupos de várias localidades, que pretendiam ser conhecidos e reconhecidos. Nosso objetivo sempre foi mostrar ao público a diversidade da produção artística em dança que temos em nosso estado, contribuir para a formação artística dos bailarinos e coreógrafos, e para a formação de uma plateia para a dança. Organização, qualidade e carinho sempre estiveram entre as nossas principais preocupações. Contando com o apoio de uma equipe de amigos extremamente profissionais, técnicos competentes e com a colaboração dos bailarinos e coreógrafos participantes, o 1º Galeria da Dança superou as nossas expectativas e as de quem acompanhava o FAZ Dança. Assim, conquistamos a confiança do público e o evento tem crescido a cada edição em termos quantitativos e qualitativos. Atualmente estamos na 12ª edição.

Na 6ª edição criamos o Troféu Francisco Santana, como forma de homenagear e manter viva a memória do nosso

mestre. O prêmio, além de ser um incentivo aos participantes, é também uma forma de agradecimento. A entrega do troféu marca o encerramento do evento, sempre com muita emoção e comemoração. Nos palcos do Galeria da Dança dançam pessoas de todos os gêneros, idades, e localidade, amadores e profissionais dos mais variados estilos de dança. É uma enorme confraternização de pessoas que fazem e amam a dança. O respeito e o carinho ao trabalho dos colegas são visíveis até nos bastidores, onde podemos testemunhar os sorrisos dos encontros, os abraços dos reencontros e os olhares das despedidas. Todos os anos eu fico emocionada, imaginando o impacto que nosso evento pode provocar na vida de algumas daquelas pessoas: daquela criança que nunca viu um teatro e, de repente, está em cima do palco e quase não consegue nem dançar, admirando as fantásticas luzes coloridas. Ou daquele jovem, que está vencendo a timidez com a ajuda da arte, melhorando a autoestima e criando forças para enfrentar os próximos desafios. Também aquele idoso, que sempre sonhou, ou nunca nem sonhou, em pisar num palco e agora está ali, brilhando, sentindo que ainda possui muita vitalidade e que, na verdade mesmo, a alma nunca envelhece.

E a gente vai vendo os bailarinos crescendo, tornando-se profissionais e retornando como coreógrafos. A história segue acontecendo diante dos nossos olhos. Não tem como não se emocionar! Quantas vezes os meus olhos marejaram, assistindo as apresentações dali mesmo da coxia, e tendo que respirar fundo, para não fazer a locução com a voz embargada? Muitas vezes esse esforço foi inútil. Mas gosto ainda mais de pensar no impacto que tudo isso causa na minha vida. Na 11ª edição, realizada em 2019, o evento teve 11 dias de programação, sendo: 5 dias de intervenções em locais abertos ao público, 4 dias de mostras coreográficas no teatro, 1 dia de oficinas de dança e 1 dia para a cerimônia de entrega do Troféu Francisco Santana.

Reunindo aproximadamente 1.000 dançarinos e um público de mais de 5.000 pessoas. Segue a lista das cidades que já estiveram presentes em nosso evento: Aracaju, Areia Branca, Barra dos Coqueiros, Campo do Brito, Capela, Carira, Frei Paulo, Itabaiana, Japaratuba, Lagarto, Malhador, Moita Bonita, Neópolis, Nossa Senhora da Glória, Nossa Senhora do Socorro, Nossa Senhora das Dores, Paripiranga/BA, Pinhão, Pirambu, Poço Verde, Propriá, Ribeirópolis, Rosário do Catete, São Cristóvão, São Domingos, Simão Dias, Siriri, Teresina/PI, Tobias Barreto, Umbaúba.

Dentre os profissionais que já ministraram oficinas no Galeria da Dança estão: Ana São José/BA, Anani Sanouvi/África, Anna Kadosh, Ariane Trindade, Arilton Assunção/SP, Arline Souza, Beth Sotero, Cal Guimarães, Catarina Hora, Cleanes Santos, “Colores” Robert David/Uruguai, Cristiane Oliveira, Edith Meric/França, Evelise Batistel/RS, Flávia Kahyna, Gladston Santos, Hayffa Manzato/SP, Iris Fiorelli/SP, Jussara Rosa Tavares, João Cardozo, Jonas Karlos, Julieta Menezes, Jully Lázaro, Júnior Hayabuza, Júnior Rodrigues, Lú Spinelli, Marcos Rubão, Matias Santiago/BA, Nildinha Fonseca/BA, Paloma Augusta, Patrícia Bonito/SP, Paulo Lacerda, Rodolpho Sandes, Tathiany Moura, Thalile Sampaio/BA, Tatiana Melins, Ton Toy e Viviane Gonzaga.

Atualmente, somos 3: Adriano Matos, Nauã Vieira e eu, mas somos muitos mais, somos um pouquinho de cada um que passou pela Cia Contempodança, pelo FAZ Dança e pelo Galeria da Dança. Aprendemos que só conseguimos produzir em coletividade e para a coletividade. Que ao mesmo tempo em que estamos nos inspirando em alguém também estamos sendo a inspiração de outro. Que para continuarmos juntos é preciso termos muito mais do que interesses em comum. E que empatia e gratidão são valores essenciais para todo e qualquer ser humano.

Em nome da Cia Contempodança, registro aqui a nossa gratidão.

Leila Nascimento – Adriano Matos – Nauã Vieira
Aracaju, 2019

Fonte: Arquivo pessoal da autora

A Arte da Dança no Universo das Deficiências

Nádia Francisco[6]

Nádia Francisco e Natália Legal (2015)

Fonte: Arquivo pessoal da autora (2015)

Introdução

A arte é um instrumento simbolicamente importante no espaço comunicativo, que contribui efetivamente para o processo pedagógico, pois potencializa e aprimora a comunicação através de diferentes aspectos da aprendizagem, além de romper barreiras relacionadas à exclusão (PRADO, 2009). A dança, como meio fomentador da aprendizagem, amplia a diversidade do conhecimento transformador e destaca-se pela capacidade de estimular a

subjetivação do movimento, o que pode favorecer a imagem corporal, a criatividade e a possibilidade de integração de pessoas com deficiência a um meio que até então só era acessível às pessoas sem deficiência.

Utilizando metodologia para desenvolver trabalhos de caráter artístico-educacional-avaliativo, abarcando a comunicação entre o artista “deficiente” e o espectador, visamos promover e incentivar a dança para pessoas com deficiência, no intuito de valorizar um corpo que tem necessidades e desejos de expressão. Expressão essa que permite a compreensão de um corpo que dança e transmite significados, a partir da informação simbólica inerente ao movimento estético.

Como exposto em estudos realizados por Francisco (2011), visto que a dança para pessoas com deficiência (Dança Inclusiva) ainda se encontra em processo de adaptação no estado de Sergipe, surgiu a necessidade de pesquisar as possibilidades de divulgação da dança para todos, por ser um tema relevante e pertinente. Ademais, propor a inclusão e a integração de pessoas com deficiência à prática da dança, além dos diversos processos envolvidos na aprendizagem artístico-cultural, os quais envolvem vários aspectos concernentes aos limites e possibilidades de criação da arte em um corpo que fala simbolicamente, demonstrando que todo ser humano tem um potencial inerente a ser desenvolvido. Isto permite desmistificar o ideário da dança possível apenas para pessoas sem deficiência e com um padrão estético uniforme, com corpos esbeltos e de altas habilidades físicas.

Ainda de acordo com a mesma autora, perceber, ver e interpretar para entender este processo, que explora certas aptidões corporais, está relacionado à investigação sobre a dança para um corpo diferente, com amplas possibilidades de comunicação através de movimentos a serem executados para desenvolver efeitos positivos, de forma que o indivíduo se sinta seguro a cada ação

realizada. No desenvolvimento da proposição da dança para pessoas com deficiência, ideias, questionamentos e pesquisas foram empregados para a elaboração de um processo inclusivo, tendo como característica investigar as múltiplas possibilidades da dança para esse público, inclusive a estruturação do esquema corporal, inserindo a arte da dança na vida desses indivíduos, utilizando aulas experimentais em vários corpos, como forma de inclusão. Neste caso, a proposta é uma compreensão dos significados da dança para pessoas com deficiência, ou não, como forma de inclusão. Praticando atividades que se utilizam do próprio recurso corporal dos participantes, compreendendo a estrutura e o funcionamento do corpo, estabelecendo possibilidades de inclusão de atividades que envolvem o ritmo e a expressividade, respeitando as particularidades de cada um, mas estimulando o desenvolvimento do seu potencial.

A eficácia da dança inclusiva contesta as mais diferentes opiniões contrárias às diversidades de corpos que podem dançar, para que se construa uma inclusão que seja relevante para o processo de criação artística, para a expressão e a comunicação, e que se torne pertinente como movimento transformador na sociedade. Isto porque a dança procura compreender, através da coreografia/movimentos, os gestos da interpretação, a face que busca com o olhar, com o sorriso, com a seriedade, passar suas emoções e sensações. Tudo isso ligado à contextualização do discurso, utilizando os corpos dos sujeitos (d) eficientes: seus movimentos que representam suas singularidades e particularidades, baseados em níveis, espaço, tempo, ritmo e movimento, mediante a dança, a música e a linguagem (FRANCISCO, 2011). As aulas de dança para pessoas com deficiência, como assim concebidas, foram ministradas entre os anos de 2009 a 2015, no Projeto Arte na Escola, no município de Nossa Senhora do Socorro, estado de Sergipe. Atividades que

proporcionaram o conhecimento do ambiente, empregando-se instrumentos que facilitassem a aprendizagem de diversos conteúdos, estimularam a socialização, a comunicação corporal, a memorização de conhecimentos, através de dinâmicas que englobavam variados corpos, e proporcionaram a retenção dos movimentos coreográficos. Utilizando movimentos d'eficientes no seu modo de exercer, comunicar e mover, sempre em sintonia com o contexto da dança.

Considerações finais

Consideramos que toda a atividade desenvolvida no processo de dança para pessoas com deficiência está em contemplar todos os corpos, oferecendo-lhes oportunidades para comunicarem-se através da linguagem do corpo, vinculados ao movimento e à expressão, que resultam em dança. Mas é necessário ressaltar que para alcançar a conquista da dança inclusiva, retirando o ar de superação de corpos, se faz necessário que todo trabalho desprendido seja compreendido como tal por toda a sociedade. Isso é de suma importância para o desenvolvimento e crescimento da consciência social inclusiva, e que deve se fazer presente em apresentações artísticas. A arte de dançar de efetivos corpos traz à tona emoções e sensações, que vivem em constantes transformações, no decorrer da trajetória da vida. Existir, pertencer, ser aceito, estabelecer-se e, de certo modo, "progredir" na interface de uma sociedade coadjuvante, na qual, inevitavelmente, o elemento corpo deve ser considerado pelo sujeito comunicador e por todos os demais espectadores. A dança inclusiva, na medida em que vai evoluindo e ganhando significado para cada ser, pode favorecer o desenvolvimento da consciência humana quanto a que todos somos iguais em direitos e deveres. A fim de existirem possibilidades de incentivar a dança para pessoas com deficiência, ou não, é necessário valorizar o corpo como tendo significados e símbolos. Deixando o

recado de que não existe corpo perfeito, nem corpo com o qual não se possa dançar. E esse é um tema que fará muita diferença para o desenvolvimento social e educacional futuro em nosso estado.

Para finalizar, esperamos que esse trabalho estimule pesquisas e ações futuras, e mais abrangentes, sobre esse tema.

Referências

FRANCISCO, N. *Dança eficiente:* do andante ao cadeirante, uma possibilidade para todos. [Projeto de Pesquisa]. Laranjeiras: Universidade Federal do Sergipe, Núcleo de Dança; 2011.

PRADO, N. *Dança e Deficiência:* um espetáculo de sucesso. Aracaju: J. Andrade, 2009.

Projeto Cultura Corporal na Escola

COLÉGIO ESTADUAL GUMERCINDO BESSA

Professor Damião Oliveira Santos[7]
Coordenador do Projeto: Giogenes Anjos Moura
Março de 2020 / Estância (SE)

A*presentação*

Nota-se, nos estudantes do Colégio Estadual Gumercindo Bessa, localizado no município de Estância, Sergipe, um grande interesse por atividades culturais e esportivas, contraditoriamente, o nível de sedentarismo dos estudantes é alto, possivelmente provocado pela escassez na oferta de atividades físicas e esportivas na região. Aliando-se a isso, o tempo ocioso desses jovens tem levado a certo crescimento da violência escolar. Desse modo, estamos propondo atividades culturais esportivas extracurriculares, no caso deste projeto, “Cultura Corporal na Escola”. Dessa forma, busca-se, além de atuar na diminuição do sedentarismo, desenvolver atividades que promovam valores como respeito, disciplina, responsabilidade, tolerância e espírito

de equipe, contribuindo na formação de cidadãos conscientes e ativos na sociedade.

A ausência de uma quadra esportiva é um elemento que dificulta a realização das chamadas aulas práticas, e impossibilitam um trabalho mais significativo e mais bem estruturado para professores e estudantes. Mesmo assim, muitas das ações produzidas no Colégio Estadual Gumercindo Bessa, traduzem o comprometimento com a aprendizagem dos estudantes do referido colégio, priorizando aspectos fundamentais para uma formação concatenada com a formação humana, preocupada com o papel social por eles ocupado, com a história que os ligam ao mundo e enfrentando a realidade, perspectivando a sua transformação.

Esses princípios são centrais na elaboração de conceitos sobre os elementos constitutivos do referencial curricular da Educação Física na escola. Neste sentido, promover a dança, o jogo, a ginástica, o esporte, a luta, sob essa ótica, é uma ferramenta importante, que pode contribuir na formação integral dos estudantes, pois alia a prática a uma reflexão crítica. A proposta do referido projeto é trabalhar com os elementos da Cultura Corporal, e se justifica na medida em que essas atividades fazem parte do contexto do Colégio Estadual Gumercindo Bessa e tem tido enorme aceitação por parte do público alvo, durante as aulas de Educação Física.

O*bjetivos*

Promover atividades teórico-práticas com os elementos da Cultura Corporal entre os estudantes do Colégio Estadual Gumercindo Bessa; desenvolver com os estudantes a reflexão crítica necessária para a prática dos elementos da Cultura Corporal (jogo, dança, ginástica, luta, esporte); contribuir para a formação crítica dos estudantes no tocante à pratica dos elementos da Cultura Corporal (jogo, dança, ginástica, luta, esporte); promover, a partir da

prática, elementos da Cultura Corporal, essenciais à convivência como: respeito, cooperação, solidariedade, respeito mútuo.

Público-alvo
O público a ser atingido são estudantes com idades entre 12 e 17 anos, regularmente matriculados na escola, que estejam frequentando as aulas.

Metas
Participar dos eventos culturais e esportivos promovidos pela escola; promover eventos de cunho cultural na comunidade escolar e criar um grupo formado por estudantes para participar das atividades culturais promovidas pela escola.

Procedimentos metodológicos
Para Libâneo (2002), o método de ensino é a ação do professor, ao dirigir e estimular o processo de ensino em função da aprendizagem dos alunos, quando utiliza, intencionalmente, um conjunto de ações, passos, condições externas e procedimentos. Na escolha do método pedagógico devem-se levar em conta: o professor, sua experiência, sua personalidade, seus valores e suas metas de aprendizagem; o aluno, sua maturidade, sua conduta diante das atividades e seu interesse e, ainda, o meio, isto é, o lugar, o tempo e as condições de segurança para a execução das atividades.

Assim, para a efetivação do projeto, utilizaremos aulas teóricas e práticas acerca dos elementos e fundamentos dos elementos da Cultura Corporal, a partir de uma metodologia que aponta a dinâmica da explicação/execução, partindo do geral para o específico, que tem por finalidade o treinamento da técnica, da tática e a execução das atividades em si. O método global será o mais utilizado, pois este faz com que os estudantes

aprendam mais facilmente os fundamentos do esporte. Este método consiste em ensinar uma destreza motora apresentando o seu conjunto. Porém, em determinados períodos de execução do projeto, poderão ser utilizados outros métodos de ensino, tais como o misto e o global em forma de jogo. O intercâmbio entre equipes de outras escolas também será privilegiado, com o intuito de aprimorar e avaliar o desempenho da equipe.

As aulas acontecerão às quartas-feiras e sextas-feiras das 13 as 15h, vespertino, sendo 2 (duas) aulas com duração de 50 minutos cada aula.

Avaliação e acompanhamento

As avaliações deverão ser feitas seguindo a lógica do projeto. Dessa forma, no decorrer das aulas, serão aplicadas atividades que explorem a observação do desenvolvimento de cada estudante. Para montagem do grupo, a avaliação acontecerá a partir dos resultados nos jogos.

Festival de ginástica: tema circo (2015)

Fonte: Arquivo pessoal do autor

Festival de Cultura Corporal: tema Cinema (2018)

Fonte: Arquivo pessoal do autor

Referência
LIBÂNEO, J. Adeus, professor, adeus, professora?: novas exigências educativas e profissão docente. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

Projeto Pátio das Artes

COLÉGIO ESTADUAL SILVIO ROMERO
Professora Renata Carvalho[8]
2016 e 2017/Lagarto (SE)

(2016)

(2017)

Para começar...

O Projeto “Pátio das Artes” surgiu em 2016, com a percepção do distanciamento dos alunos da prática artística, aliado ao pensamento crítico-reflexivo e contemporâneo sobre Arte, e do entendimento de que aprender arte deve ser buscado também através do fazer artístico. Nesse caso, de os alunos estarem mais próximos ao como se constrói um espetáculo, desde a escolha do tema, e seu desenvolvimento, à escolha da trilha sonora, do figurino, e tudo isso funcionando em conjunto, para que todas as decisões estejam de acordo com o tema.

Trazer essa construção para dentro da escola relaciona-se fortemente com a vivência em sala de aula e a proximidade com os alunos, quando tal proximidade revela que a maioria dos alunos nunca foi ao teatro, ou nunca assistiu a um espetáculo de dança.

Caminhos: onde se quer chegar

O Projeto abrangeu quatro turmas: dois 9ºs anos do Ensino Fundamental e dois 3ºs anos do Ensino Médio, de modo que cada turma teve um tema diferente, mas dentro de temáticas trabalhadas em sala de aula, para que fossem desenvolvidas as apresentações. O tempo das apresentações variou entre 18, 25, 30 e 40 minutos, de acordo com a resposta de cada turma. Os espetáculos eram compostos por diferentes linguagens artísticas (música, dança, fotografia, desenho, teatro...), e cada turma se dividiu em grupos, conforme as linguagens com as quais mais se identificavam, para o desenvolvimento do tema e a construção do trabalho. Com isso, objetivou-se incentivar a sensibilidade e a criatividade; possibilitar espaço para que os alunos, que já tinham habilidade para alguma linguagem artística, potencializá-las; ampliar a visão, na relação teórico-prática do que pode vir a ser arte, estimulando o olhar crítico-reflexivo através do pensamento e do fazer artístico.

Em 2017, o Pátio das Artes passou a fazer parte das atividades do ensino médio integral, que começava neste mesmo ano na escola. O projeto EMI começou atrasado, entre agosto e setembro, e funcionava em contraturno, de modo que os alunos podiam escolher em qual oficina queriam participar. Para dança, tínhamos quatro turmas, duas pela manhã e duas pela tarde, totalizando cerca de 30 alunos. Alunos e alunas dos 1ºs, 2ºs e 3ºs anos do Ensino Médio, que conviviam entre si e criavam juntos. Mesmo a base sendo a dança, outras linguagens, como teatro e música ao vivo foram integradas. Dessa vez, criamos um espetáculo de 50 minutos, com 22 pessoas em cena, e estreamos no pátio da escola, nos três turnos.

Modos de fazer

A ideia do projeto de 2016 foi apresentada na primeira unidade de ensino de 2016, de forma que a culminância fosse na terceira unidade. Nos primeiros meses, com alunos

e professores envolvidos encontrando-se uma vez na semana, em contraturno ao período das aulas regulares, a discussão foi feita em torno da pesquisa do tema, quais linguagens seriam escolhidas, figurinos, cenário, além da organização dos ensaios. No mês referente à terceira unidade, todo ele foi dedicado ao projeto. Além das aulas semanais de Arte, em horários extras para suprir a demanda do projeto. No ano seguinte, 2017, o projeto funcionou através de inscrições nas oficinas oferecidas pelo EMI, e as aulas e ensaios continuaram a acontecer em contraturno às demais aulas. Eram quatro turmas e cada uma tinha uma aula por semana, com a duração de 2 horas. Esse tempo não foi o suficiente para a demanda de aulas, ensaios, discussões, e construção coletiva do cenário. De modo que, durante um mês, o grupo precisou, junto comigo, ir à escola em todos os finais de semana, para que todas as turmas conseguissem ensaiar juntas (aos sábados) e construir o cenário (aos domingos). Entre os dias 13 e 16 de dezembro de 2016, manhãs e tardes, foi realizada a primeira edição do Projeto Pátio das Artes, com os seguintes espetáculos, com imagens das respectivas turmas, todas do arquivo pessoal da autora:

9ºE: Festa, flor e alguns escândalos, sim!

Aqui nos inspiramos em dois momentos importantes para a arte e música brasileira: a Semana de Arte Moderna (1922) e a Tropicália (1967-68). Conhecendo esses movimentos artísticos em sala de aula, ouvindo-os, decidimos criar um diálogo entre alguns dos artistas desses movimentos, através de algumas das suas obras representativas, peculiaridades e músicas.

3ºA: Tudo que passa em mim é muito

A ideia desse tema surgiu depois de ter sido feito um exercício individual em sala de aula chamado *fast writing*, ou escrita rápida. A escrita tinha que ter a realidade de cada um como base, mas teria que ser escrito sem preocupação com coerência, mas sim com o que vinha de dentro de cada um, sem filtros. O resultado foram textos que falavam de política, diferenças sociais, depressão e problemas na escola. Diante desse material, percebi a profundidade de cada discurso, e sugeri que os usássemos como tema do espetáculo. Com trechos de cada escrito, formou-se um texto único, que foi a base para essa criação.

9ºF: Pássaros sem bordas

Durante a idealização desse projeto me deparei com o livro “O menino do mato”, de Manoel de Barros. Uma obra extremamente delicada, inventiva, e com um imenso potencial para ser trabalhada. Assim, esse livro nos remeteu à infância e às suas brincadeiras. Foi a partir disso que desenvolvemos esse trabalho.

3ºB: Entre malandros e cabarés

Inspirado na Ópera do Malandro, de Chico Buarque de Holanda, o trabalho trouxe algumas das 17 canções que compõem a Ópera original. Num ambiente de corrupção, gingados, e prostitutas, na década de 1940 no Rio de Janeiro, com a guerra assolando o mundo e mandando seus ecos para o Brasil. A comédia musical original tem o repertório composto exclusivamente para a peça. Toda com conteúdo crítico e sugestivo. “Homenagem ao Malandro”, por exemplo, que antes eram aqueles da boemia, hoje são os engravatados do Senado e das colunas sociais. O elenco conta com prostitutas, cafetões, contrabandistas, policiais corruptos e travestis. Pertencentes ao mais baixo escalão da sociedade, no final tornam-se os novos burgueses, sugerindo a verdadeira máscara da sociedade brasileira. A disputa pelo poder, com críticas veementes, foi colocada com um teor humorístico, acompanhado por muito samba. Aqui, trabalhamos em cima de canções marcantes, que tratam de temas importantes, como, por exemplo, o conflito de uma mãe por ter tido uma filha que seguiu pela prostituição.

No dia 27 dezembro de 2017 pela manhã, tarde e noite foi realizada a segunda edição do Projeto Pátio das Artes

Vila bem-me-quer (alunos do Ensino Médio Integral)

Escolhemos falar do amor através de histórias reais. O tema surgiu em conversa com o grupo, que sugeriu alguns temas e, por votação, ficou escolhido esse. A ideia foi trazer para a cena histórias recolhidas de pessoas ou casais, que quisessem compartilhá-las conosco, seja do casal que viveu juntos por 50 anos, ou daquele que nem chegou a concretizar o relacionamento; ou daqueles que viveram uma relação à distância, ou daquela que foi atrás do amado em outro país. Para que as histórias fossem contadas, havia uma pessoa que chegava à cidade com uma placa “escuto histórias de amor” e à medida em que essas histórias eram contadas a essa ouvinte, o espetáculo acontecia. O cenário foi feito com 52 caixotes de feira customizados, que viraram uma vila com cinema, correio, um café, frutaria e uma floricultura. A vila era colorida, e era nosso lugar de paz, e de amor.

Projeto: Dança na Escola

COLÉGIO ESTADUAL POETA GARCIA ROSA
Professora Marinalva Lima[9]
2019 a 2021/São Cristóvão (SE)

O “Projeto Dança na Escola”, foi idealizado, em 2008, pela Professora de Educação Física, Marinalva Lima, no Colégio Estadual Gaspar Lourenço, em São Cristóvão, no estado de Sergipe, com o objetivo de dar oportunidade aos alunos que não tinham condições econômicas para pagar una academia ou escola de dança. Além disso, estimular a disciplina e, principalmente, melhoria nas notas e participação nas atividades educacionais. O projeto foi desenvolvido nas escolas públicas em que a Professora Marinalva Lima

lecionou, tais como: 24 de outubro, John Kennedy e 11 de agosto, inclusive com alunos especiais. Desde 2019, a professora desenvolve o mesmo projeto na Escola Estadual Poeta Garcia Rosa, com apoio da equipe diretiva e, mesmo com a pandemia, o projeto se mantém nas aulas de Educação Física.

Alunas na Galeria da Dança – Aracaju (2019)

Fonte: Arquivo pessoal da autora

Programa Arte na Escola – Um Sonho Realizado

COMUNIDADE ESCOLAR MUNICIPAL NOSSA SENHORA DO SOCORRO

Professora Anúbia Melo Tavares[10]

A ideia de criar um projeto artístico/pedagógico que permitisse a promoção de aulas de dança envolvendo a comunidade escolar municipal de Nossa Senhora do Socorro nasceu em 2005, fruto da experiência pessoal da Professora mentora do projeto, Anúbia Melo Tavares. A partir da aceitação da ideia pela Secretaria Municipal da Educação-SEMED, dando pleno apoio para execução da proposta, deu-se o início das aulas de dança, contando naquele momento com apenas uma professora e havendo, posteriormente, a inclusão de uma estagiária. As aulas tiveram início na Escola Municipal José do Prado Franco, no horário oposto aquele em que os alunos estudavam regularmente. Nascia, então, o Projeto Arte na Escola.

O móvel desse projeto era possibilitar o acesso dos alunos à dança e, ao mesmo tempo, promover uma via de integração e socialização entre os envolvidos, ofertando-lhes uma atividade artística que permitisse a ampliação de suas oportunidades. Neste início, a proposta atendeu aproximadamente 30 alunos. A partir do ano seguinte, em

2006, as aulas de dança foram estendidas para outra comunidade escolar, precisamente na Escola Nair Menezes, passando a atender a mais de 100 alunos. E desde então o projeto não parou de crescer...As aulas foram acontecendo, priorizando o desenvolvimento corporal e cognitivo, por meio da dança/educação, permitindo que novos caminhos para um processo de inclusão social tivessem início. E, desta forma, o projeto convergia para a formalização de uma boa parceria com as disciplinas curriculares, fortalecendo cada vez mais o papel da escola pública do nosso Município, Nossa Senhora do Socorro.

No final do ano de 2006, como culminância do projeto executado durante todo o ano, foi apresentado o primeiro espetáculo do Arte na Escola, com a participação de vários alunos da rede. A ideia de encerrar os trabalhos com uma apresentação artística dos alunos foi um sucesso logo na sua primeira edição. A partir de então, passou a fazer parte do planejamento da Secretaria Municipal da Educação a construção de um espetáculo anual, permitindo o fortalecimento da proposta pedagógica e incentivando os alunos para a prática artística. Desde o surgimento do projeto foi visível sua aceitação e seu crescimento, mas no ano de 2010 houve um avanço ainda maior, com o ingressar das professoras Mirian Francisco e Nádia Francisco, momento em que foram alcançados mais de 400 alunos matriculados, inclusive com atendimento inclusivo, dança para cadeirantes, aulas inicialmente ministradas pela especialista Nádia Francisco.

A partir deste período, o professor Danielson Barreto iniciou sua trajetória no Arte na Escola, integrando a equipe da produção artística, bem como a professora e compositora Luciana Valente. Em anos posteriores o projeto Arte na Escola teve a honra de receber como convidados os artistas: Samir Amin Lauar Rodrigues, Gabriel Serafins, Mayana Francisco (Centro Cubos de Dança), Elisson (Centro Cubos de Dança), Carlinhos, (Centro Cubos de

Dança), Beatriz Contador, Pamela, Betto Vidall, banda Joia Rara, dentre outros...

Todo o trabalhado desenvolvido no decorrer desses anos tem dado muitos frutos, quiçá o mais importante deles, neste momento, seja a concretude da sua natureza inclusiva, pois mais de 70% da equipe de trabalho é formada por ex-alunos do projeto, pessoas que nasceram profissionalmente por conta dessa iniciativa e dessa realização da Secretaria Municipal de Educação, fato que apresenta grande valor. Ademais, muitos alunos têm tido oportunidades que transformaram suas vidas, a exemplo do bailarino Fernando Mendonça, que iniciou sua vida como bailarino no Projeto Arte na Escola, sendo morador da comunidade do Parque dos Faróis, foi aluno da professora Mirian Francisco naquela comunidade, e atualmente integra, como bolsista, o corpo de baile da academia Petit Danse, no Rio de Janeiro. Outros alunos também são destaques como bolsistas no Centro Cubos de Dança, Aracaju-SE, a exemplo dos ex-alunos: Graziele Custódio, Carol Santos e Patrick Santos. Neste ano de 2020, embora estejamos em processo de pandemia, tivemos a aprovação de mais um bailarino, desta vez, Julio Cortes, aprovado para compor a academia Petit Danse, no Rio de Janeiro.

Outro destaque é a aluna Stefani Nascimento, atual bailarina do Arte na Escola, moradora do Parque dos Faróis, classificada para o Festival de Dança em Joinville no ano 2018, sendo ensaiada pela professora Tati Mellins. Neste contexto, a Secretaria da Educação teve papel fundamental, pois vem dando apoio e promovendo ações transformadoras para os alunos, inclusive permitindo que outros sejam estimulados por esses bons resultados. Outro fato de grande importância é a participação, nos últimos quatro anos consecutivos, de alunos do programa no Festival Nacional Ballace de Dança.

Atualmente, o programa alcança mais de 1000 alunos da rede municipal de ensino de Nossa Senhora do Socorro,

motivo que orgulha toda nossa gente. Por fim, no ano de 2016, por conta de sua importância no processo educacional e cultural do município, o projeto, considerado o segundo maior evento cultural da prefeitura de Nossa Senhora do Socorro, foi transformado em programa por meio da Lei n. 1.143/2016, ganhando status de política pública educacional permanente na esfera municipal.

Espetáculos produzidos desde o início do projeto
Ano: 2006 - Espetáculo: Minha terra é Sergipe

Ao longo do ano de 2006, o desenvolvimento do trabalho, que resultou na ampliação do quantitativo de alunos atendidos, fez surgir outras ideias, dentre elas a proposta de construção de um projeto artístico/pedagógico que culminasse em espetáculo a ser apresentado pelos próprios alunos da rede municipal. Após debate com a equipe de professores e alunos, optou-se por criar um espetáculo que evocasse e valorizasse, por meio da dança, o amor, o sentimento de sergipanidade e a cultura da Terra do Índio Serigy, lar de nascimento dos nossos alunos e espaço de suas vivências e convivências. Neste contexto, surgiu o nome e a temática do espetáculo “Minha Terra é Sergipe”. Esse primeiro espetáculo foi encenado no Ginásio “Sesi”, no Conjunto Marcos Freire I, e dele participaram aproximadamente 180 alunos, entre crianças e adolescentes, tendo sido trabalhadas e apresentadas coreografias e músicas que valorizavam a cultura local e regional. Os alunos, antes de iniciarem a aprendizagem coreográfica, fizeram pesquisas sobre o tema que seria desenvolvido, fomentando assim o gosto pela produção numa perspectiva de valorização da cultura sergipana. Com isso, os ritmos não eram apenas uma repetição de movimentos, mas um aprendizado com significado e valor. O sucesso daquela apresentação já sinalizava a importância do projeto para a comunidade do Município.

No ano de 2007, dando continuidade à proposta, foi desenvolvido novo espetáculo, intitulado “Contos Infantis”, realizado no Ginásio “Sesi”, pela Secretaria Municipal da Educação, com participação de 200 alunos. Nesse espetáculo foram trabalhadas as linguagens da dança, do teatro e também da literatura. Procurou-se dar ênfase aos contos infantis, de modo a que o aluno reconhecesse a importância da leitura, da narrativa e da construção de textos. Assim, foi possível interligar as atividades lúdicas da proposta do Arte na Escola com as atividades pedagógicas construídas em sala de aula. Ainda nesse ano, após uma audição, formou-se o Corpo de Baile da SEMED, que se constitui até os dias atuais. No ano de 2008 houve a continuidade do trabalho desenvolvido em 2007, aprofundando-se a temática dos contos infantis. Desta forma, o incentivo à leitura continuou tendo relevância por meio das ações executadas, a exemplo dos estudos das biografias de Monteiro Lobato e de Cecília Meireles, que serviram de base também para a construção do espetáculo de 2008, que foi realizado pela Secretaria da Educação no Ginásio “Sesi”. Neste evento, participaram aproximadamente 230 alunos. Neste mesmo ano, registrou-se a participação dos alunos do projeto Arte na Escola em outros eventos, a exemplo do “Projeto Meio Ambiente”, envolvendo os amigos da escola. Os alunos participaram também de encontros diversos, como na “Primeira Semana Artística e Literária do Colégio Nair Menezes”; da “Formatura dos alunos do 5º ano” e da abertura do evento intitulado de: “O que você tem a ver com a corrupção?”, promovido pelo Ministério Público da cidade de Nossa Senhora do Socorro. Desta forma, considera-se importante a participação dos alunos na propositura do espetáculo e também em outros eventos, capazes de estimular o alunado para a busca e concretização do conhecimento através de um processo de troca de informações e de oportunidades.

Ano: 2009 Brasil de culturas mil

O ano de 2009 foi marcado por mais um espetáculo. “Brasil de Culturas Mil”, foi realizado pela Secretaria da Educação no Ginásio “Sesi” e dele participaram aproximadamente 250 alunos. Esse elenco apresentou, de forma interpretativa e criativa, diversas manifestações culturais de nosso país. Foram apresentadas coreografias, que enfatizaram a riqueza das regiões brasileiras, a exemplo de nosso folclore, que deu um tom especial à nossa diversidade cultural.

Ano: 2010 Dança: a arte da vida

Em 2010, o espetáculo “Dança: a Arte da Vida”, abordou a valorização da dança, apontando seus benefícios para o desenvolvimento corporal. Historicamente, as danças em grupo são encontradas nas manifestações religiosas das primeiras civilizações, aperfeiçoaram-se até possuírem ritmo, passos e roupas especificas para determinados contextos. No Egito, por exemplo, registro datado por volta do ano 2000 a.C., indica que havia cerimônias de danças em homenagens aos deuses. Os tratados sobre dança surgiram a partir do século XVI. Essa manifestação cultural, presente em todos os povos, foi escolhida como temática do espetáculo de 2010. A partir desse ano, em face da ampliação do quantitativo de alunos, o palco da apresentação foi o Teatro Tobias Barreto, local de grande importância cultural e maior teatro de Sergipe. Neste espetáculo apresentaram-se aproximadamente 280 alunos, que evidenciaram a dança como uma arte possível a todos. Os atuais currículos escolares da primeira infância estão imbuídos com a tendência de incluir artes criativas – como as plásticas, música, teatro e dança – entre suas disciplinas, ganhando assim lugar de destaque dentro do tema educação. Por meio dos métodos desenvolvidos em tais disciplinas, crianças aprendem com as experiências do próprio corpo a agir livremente no espaço em que vivem e a

interagir com as pessoas que as cercam. A dança, atividade que prioriza uma educação motora consciente e global, não consiste somente em uma ação puramente pedagógica, pois alcança outros campos, a exemplo do psicológico. Consideramos que isso é positivo para o comportamento infantil, além de proporcionar uma estreita relação de resgate dos valores culturais e de aprimorar o senso estético, o valor da ética e o prazer da atividade lúdica para o desenvolvimento físico, emocional e intelectual.

Ano: 2011 espetáculo: Cantos e encantos da infância

Em 2011, o projeto teve um avanço significativo, resultado da ampliação da equipe e a consequente maior abrangência das comunidades. O espetáculo “Cantos e Encantos da Infância” apresentou a magia do mundo infantil e tornou possível a participação de mais de 350 crianças e adolescentes, em um evento de muita alegria e ludicidade. Neste ano, o projeto ganhou a participação, na produção artística, do professor Danielson Barreto e da professora Luciana Valente, parceria que perdura até a atualidade. O espetáculo de brilho, cores e emoções, realizado pela Secretaria de Educação de Nossa Senhora do Socorro mostrou, através da dança, todo talento dos jovens do município, que integram o Projeto. O imaginário infantil esteve presente durante as 22 coreografias que marcaram o espetáculo, com brincadeiras, bonecas, bolas, palhaços e arco-íris, cujos elementos enfeitaram o palco do Teatro Tobias Barreto, fazendo com que o público – formado por familiares e amigos – voltasse a ser criança.

Ano: 2012 espetáculo: Apoteose cultural

Já no ano de 2012, foi desenvolvida a proposta que culminou no espetáculo “Apoteose Cultural”, com a participação de mais de 400 alunos. O espetáculo permitiu uma viagem aos continentes, dando ênfase aos países que influenciaram para a formação da cultura brasileira. Levou-

se em conta ritmos, culinária, danças, religiosidade... o espetáculo foi realizado pela Secretaria Municipal da Educação, no Teatro Tobias Barreto, em Aracaju e contou com 22 coreografias. A participação, como elenco, da professora Natiara Silva, do professor Danielson Barreto e da aluna Yasmim Castro, deu um tom especial ao espetáculo, cuja encenação teatral proporcionou ao público um passeio cultural, apresentando a diversidade existente no Brasil e em outros países.

Ano: 2013 espetáculo: O eclipse do beija-flor

Em 2013, o projeto já atingia uma proporção muito além do que se esperava, ou se imaginava inicialmente, alcançando quase todas as comunidades escolares socorrenses, contando com aproximadamente 600 alunos participantes. Neste ano, foi desenvolvido um projeto macro, que tratava do cuidado com o meio ambiente, envolvendo alunos, escola e comunidade, com palestras e peça teatral, percorrendo-se todas as escolas do município em uma caravana. E com alunos da Escola Padre Pedro sendo ensaiados pela equipe da escola e do Arte na Escola, promovendo a sensibilização da comunidade para o cuidado necessário com o meio ambiente. A culminância deste projeto se deu com o espetáculo intitulado “O Eclipse do Beija-flor”. Este espetáculo abordou de forma artística o consumo exagerado imposto pelo processo capitalista. O texto, produzido por Dan Barreto e Anúbia Melo, permitiu uma reflexão sobre o consumo exacerbado e seus nefastos efeitos na vida das pessoas e no meio ambiente. Fez-se a analogia entre os seres humanos, seres místicos e elementos da natureza.

Ano: 2014 espetáculo: Três povos, uma nação de aquarela

Já em 2014, o espetáculo “Três Povos, Uma Nação de Aquarela”, apresentou uma retrospectiva histórica, desde o período pré-colonial até a atualidade, revivendo os períodos

colonial, Império e República. Esse espetáculo apresentou a diversidade cultural e a riqueza do povo brasileiro, que mesmo vivendo, a grande massa, submetida a forte desigualdade social, ainda possui a beleza e a criatividade reverberada em sua constante alegria. Os alunos da rede municipal de ensino de Nossa Senhora do Socorro brilharam em duas noites de espetáculo no Teatro Tobias Barreto. As coreografias foram apresentadas com foco na história do nosso povo, aliando-se à produção teatral com alunos da rede municipal.

Ano: 2015 espetáculo: Bem me queres

Em 2015, foi produzido o espetáculo “Bem Me Queres”, cuja temática possibilitou uma aproximação entre a comunidade escolar e a comunidade em geral, por meio de uma proposta artística e pedagógica que desenvolveu o exercício da alteridade e do amor pelo próximo. O Teatro Tobias Barreto foi palco de um emocionante espetáculo, apresentado por mais de 700 alunos da rede municipal de Nossa Senhora do Socorro. O tema do espetáculo fez alusão à inclusão social e à relação entre as pessoas, enfatizando o cuidado, o respeito e o amor ao próximo. A mola propulsora enfatizou a alteridade- trate o outro, como de fato, gostaria de ser tratado. O espetáculo contou com a participação significativa de bailarinos cadeirantes. Uma novidade desta edição foi a parceria firmada com a Universidade Federal de Sergipe – UFS, Departamento de Educação Física, que cedeu as cadeiras de rodas especiais para a movimentação dos bailarinos cadeirantes no palco. O tema se resumiu em tudo aquilo que você quer para você, ou seja, que aquele bem que você quer pra você seja reverberado naquilo que você quer para o outro, independentemente da cor da pele, orientação sexual, condição econômica, física ou social. Outro ponto a ser destacado foi a participação de Luislinda Valois, sendo homenageada pela sua história e sua

importância no contexto social, por meio da música inédita que leva seu nome, composta por Luciana Valente e Betto Vidall.

Ano: 2016 espetáculo: Sonhos

Em 2016, o espetáculo “Sonhos” foi desenvolvido dentro de um contexto autoral, que permitiu fazer uso dos sonhos para se alcançar a realidade. Com uma personagem âncora foi possível apresentar diversos contextos, significando que a vida só tem sentido se sonharmos. E, mais uma vez, o Teatro Tobias Barreto foi palco de uma emocionante apresentação, promovida pela Secretaria Municipal da Educação. A exibição desse espetáculo atraiu muitos espectadores e foi através da dança que os alunos da rede municipal de ensino encantaram a todos os presentes. Em 2016 o Programa completou onze anos de existência e dez edições de espetáculos realizados. O título “Sonhos” foi escolhido para contar histórias vividas por alunos do projeto ao longo desse período, foi apresentado também uma síntese dos espetáculos anteriores de 2006 a 2016, ano a ano. Contamos, neste ano, com a participação da banda Joia Rara, que compôs, com a participação da professora Luciana Valente, a música “Um Sonho na Ponta do Pé”. A essência deste espetáculo foi a de apresentar correlações entre os sonhos e a sua realização, por meio da execução do programa Arte na Escola, a exemplo dos ex-alunos, que hoje são professores de dança (estudantes do curso de dança da Universidade Federal de Sergipe). Neste sentido, considera-se que o programa contribui, inclusive, para direcionamentos profissionais. Aproveita-se para agradecer a todos os parceiros da Universidade Federal de Sergipe, em especial ao Departamento de Dança, compreendendo professores, alunos e funcionários, os quais têm, incondicionalmente, abraçado o Programa Arte na Escola.

Ano: 2017/2018 espetáculo: Se essa rua fosse minha

No ano 2017, foi desenvolvida uma parceria com a Polícia Rodoviária Federal (PRF), a fim de que fosse apresentada, em todas as escolas da rede municipal de Nossa Senhora do Socorro, a proposta do trabalho pautada na conscientização da conduta correta no trânsito. Para tanto, foi trabalhada essa temática de forma lúdica e responsável, fazendo uso de recursos tecnológicos, tendo sido ponto de partida para trabalhar as atividades pedagógicas e artísticas no ano de 2017. Profissionais da PRF proferiram palestras e envolveram os alunos na temática referida, desenvolvendo o projeto "Educação Para o trânsito". como proposta inicial. O objetivo foi promover o conhecimento, e a sensibilização para práticas corretas no trânsito, visando a atuação de condutas diárias pautadas numa ação preventiva, a partir das regras estabelecidas na legislação brasileira, na busca pela redução da violência no trânsito. O projeto culminou, no início do ano de 2018, com o espetáculo "Se Essa Rua Fosse Minha", tendo ampliação do número de edições em relação aos anos anteriores, de 02 (duas) para 04 (quatro) apresentações, proporcionando maior acesso dos alunos da Rede Municipal e do público em geral ao Teatro Tobias Barreto, em Aracaju.

2019- Proposta "Socorro: nossas raízes..."

A Secretaria Municipal da Educação, por meio do Programa Arte na Escola, desenvolveu o projeto artístico/pedagógico para o ano de 2019 com a temática geral: "Nossas raízes...". A proposta inicial foi lançar a referida temática como elemento fomentador das atividades pedagógicas e artísticas para o ano de 2019, promovendo a integração entre o Programa Arte na Escola, escolas municipais e a comunidade em geral. O planejamento visou a execução de atividades, que foram desenvolvidas no curso do ano letivo de 2019, a fim de fortalecer o valor de pertencimento dos estudantes e da comunidade em geral

ao município, fortalecendo sua identidade. A partir da história do município de Nossa Senhora do Socorro foi construída toda a produção artística, voltada para conhecer, resgatar e reviver, através de mostra de fotografias, de desenhos, de vídeos, de poesia e de cordel, a produção artístico-cultural do munícipio. A equipe do Programa Arte na Escola trabalhou essa temática nas aulas de dança, com ênfase para a cultura Socorrense, cuja culminância se deu por ocasião da apresentação do espetáculo “Nossas Raízes...”, na qual foi feito um resgate da literatura, da música, do folclore e da própria história, como elementos formadores da diversidade cultural da população de Nossa Senhora do Socorro.

A escola foi mola propulsora nesse processo, considerando sua potencialidade enquanto instituição social para promover o conhecimento. A arte, por sua vez, foi ferramenta para sedimentar esse conhecimento. A produção artística do Programa Arte na Escola desenvolveu o espetáculo, “Nossas Raízes...” tendo como elenco alunos da rede municipal, abordando a história de Nossa Senhora do Socorro, construindo coletivamente a sensação de satisfação por ser deste lugar. A temática do espetáculo procurou desenvolver o enredo por meio das apresentações de dança e teatro, fazendo inicialmente alusão ao povo que ocupava o espaço territorial hoje denominado Nossa Senhora do Socorro, passando pela formação do município até a atualidade.

Neste contexto, o espetáculo se desenvolveu com ênfase nas inter-relações promovidas pelos diversos processos de comunicação existentes no ambiente de vivências, a exemplo do estudo desenvolvido pelo engenheiro alemão Peter Wohlleben (2017), o qual afirma existir uma rede de ligações entre as árvores, a partir, fundamentalmente, das suas raízes. Essa mesma rede de energia foi, por analogia, associada à toda conexão existente entre pessoas, matérias, cultura e história da nossa municipalidade, numa grande

rede e teia de arranjos formais e informais, que nutrem e enriquecem o cotidiano do povo socorrense.

Assim, a educação formal, que é a base para a formação do indivíduo numa ação complementar àquela proporcionada pela família, procurou contribuir como ação mútua e multiplicadora nessa rede de comunicação, considerando que todos os integrantes da comunidade escolar fazem parte dessa rede, que busca promover a propagação do conhecimento e, nesse contexto, valorizar a cidade e as pessoas.

Nosso trabalho em imagens

Fonte: Secretaria Municipal da Educação, Secretaria Municipal da Comunicação e Prefeitura de Nossa Senhora do Socorro

Referência

WOHLLEBEN, P. A vida secreta das árvores. O que elas sentem e como se comunicam. Rio de Janeiro: Sextante, 2017.

"Arte Livre": Revitalizar, Fortalecer e Ampliar Horizontes

Professora Dulce Olga Graça Leite[11]
Itabaiana (SE)

Contextualização

O Colégio Estadual Murilo Braga, fundado em 29 de novembro de 1949, é referência na Rede Estadual de Educação como espaço de transformação da vida de muitos itabaianenses e cidades circunvizinhas. O CEMB, como é

carinhosamente referido, inaugurou uma etapa importante para o estabelecimento de uma cultura acadêmica no interior, a partir da promoção, no seu espaço grandioso, de condições para o avanço nos níveis de estudo de uma comunidade em formação. Sentaram-se nos nossos bancos escolares os alunos que hoje figuram no estado, no Brasil e no mundo como pessoas de sucesso profissional, respeitadas por sua integridade e gratas pelas vivências proporcionadas pelo colégio. Para esta comunidade, o "Murilo" é um caso de amor. Cumprindo seu papel no que se considera missão essencial da Escola, o Colégio Estadual Murilo Braga sempre foi palco de ações diretamente associadas à promoção da civilidade, tendo como base o resgate e a valorização da cultura, bem como o desenvolvimento artístico de seu alunado e da comunidade do agreste. Dentro dessa perspectiva, a instituição sempre realizou, ou foi espaço para eventos, cujo objetivo principal se constituiu na manutenção da intelectualidade serrana.

Nesse contexto, em 17 de dezembro de 1992, por iniciativa das professoras Maria José Alves da Paixão e Marineusa Alves de Andrade, ambas aposentadas, foi criado o Grupo Arte Livre no Colégio Estadual Murilo Braga, com o objetivo de desenvolver, por meio da arte, de forma interdisciplinar, a consciência sociocultural do indivíduo. Desde os idos de 1992 o grupo desenvolve significativa atividade e é reconhecido no estado de Sergipe por sua aclamada presença em festividades, eventos institucionais e participação em concursos de dança em nível nacional. Para os seus membros, o "Arte Livre" constitui-se como escola de dança, pois foi o primeiro espaço de formação de aspectos dessa arte; para a escola, o grupo é visto como ferramenta de formação plural, de acompanhamento dos resultados acadêmicos do estudante e de protagonismo juvenil. Nesta comunidade, o "Arte Livre" foi meio de acesso ao estudo do corpo e do movimento, no cuidado da saúde e no

desenvolvimento do ser em completude, temáticas tão enfatizadas nos dias atuais.

Por conta da sua história construída, e por contribuir para que o Colégio Estadual Murilo Braga possa oferecer uma proposta de educação diferenciada, com vistas a uma prática de humanização e sensibilização de seus educandos, chama-se a atenção para a necessidade de reestruturação do Grupo “Arte Livre”. Norteados pela ideia de que “a aquisição de diferentes manifestações artísticas e culturais é fundamental para a formação humana por possibilitar à criança expandir suas experiências de vida e recriar um repertório de práticas e conceitos singulares” (SERGIPE, 2018, p. 67). Esta unidade de ensino visualiza o Grupo “Arte Livre” como caminho diferenciado para atender da melhor maneira as demandas do seu alunado.

Objetivos

Revitalizar e reestruturar o Grupo “Arte Livre” com base numa perspectiva ampla de formação cultural e artística alinhada a uma proposta pedagógica humanizadora; reconhecer o grupo como projeto pedagógico da escola; elaborar e estabelecer plano de ação para atuar na gestão do grupo; promover acesso a elementos artístico-culturais por meio da prática da dança e formação de plateia; desenvolver a capacidade criativa dos alunos; valorizar a expressão artística dos alunos em dança e discursos artísticos afins (música, teatro etc.) na escola; oportunizar o início de estudo técnico e pesquisa na dança para integrantes do grupo e abrir espaços para outros aprendizados artísticos: música/técnica vocal, pintura, teatro.

Justificativa

A comunidade dos alunos do Colégio Estadual Murilo Braga é composta por educandos provenientes da zona urbana e rural do município de Itabaiana, bem como de

cidades circunvizinhas. Apesar de ser uma escola situada na região central da cidade, sua clientela é formada, em sua maioria, por alunos que estão distanciados do acesso às atividades culturais e artísticas mais presentes no contexto urbanizado, que em nossa realidade de interior já são escassas. A escola, portanto, passa a abraçar a responsabilidade de ser, muitas vezes, o único ambiente em que o aluno experimenta o contato com as manifestações artísticas. Porém, a própria dinâmica do ensino-aprendizagem no contexto de Ensino Fundamental (séries finais) e do Ensino Médio já requer conhecimento acerca das manifestações culturais e artísticas que são patrimônio da humanidade. Dessa forma, “é papel da escola incluir as informações sobre a arte produzida nos âmbitos regional, nacional e internacional, compreendendo criticamente também aquelas produzidas pelas mídias para democratizar o conhecimento e ampliar as possibilidades de participação social do aluno” (BRASIL, 1997, p. 35).

Pensando nessa direção, a criação do Grupo “Arte Livre”, em 1992, tinha como objetivo a transmissão e o resgate do conteúdo cultural da realidade do aluno, para que, no contexto da sala de aula e de mundo, o educando não estivesse alheio aos componentes culturais que identificam a sociedade da qual ele é parte. Àquela época, a dança e o teatro foram os discursos artísticos utilizados como meio para a disseminação desses valores culturais. Com o passar dos anos, a dança se sobrepôs ao teatro, e nos dias atuais é a expressão artística do grupo.

Além de ferramenta pedagógica, o “Arte Livre” se caracteriza como mais uma maneira de a escola permitir ao aluno a condição de galgar empregabilidade ao final de sua passagem pela escola, alinhando-se ao que diz a Lei de Diretrizes e Bases da Educação em seu artigo 22: “A educação básica tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhes meios para

progredir no trabalho e em estudos posteriores” (BRASIL, 2017, p. 17). Em nosso meio, parte dos profissionais que atuam hoje no contexto da dança e da Educação Física, atendendo às demandas para estas áreas nos municípios do agreste, foram alunos do Grupo “Arte Livre”. Observa-se, portanto, que ao fomentar o desenvolvimento artístico dos alunos, abrem-se chances para futura profissionalização dos mesmos e à garantia de renda.

Dentro dessa perspectiva, pode-se observar que a revitalização do grupo e a busca pela manutenção de seu funcionamento oportunizam outras possibilidades de descobertas das aptidões dos indivíduos, uma vez que “a formação em arte [...] pode abrir o leque das múltiplas escolhas que o jovem terá que realizar ao longo de seu crescimento, na consolidação de sua identidade” (BRASIL, 1997, p. 37).

Público-alvo: Alunos e ex-alunos do Colégio Estadual Murilo Braga. Alunos das escolas jurisdicionadas à Diretoria Regional de Educação 03.

Recursos

O Grupo “Arte Livre” não possui recursos que sejam direcionados exclusivamente para a sua manutenção. O grupo depende da doação voluntária de colaboradores da escola para a compra de materiais básicos para a composição de figurinos, inscrição de seus membros em eventos da área de dança, dentre outros custos. Sendo assim, uma das finalidades deste projeto é definir como pode ser estabelecida a alimentação financeira do grupo. Por se tratar de um projeto de cunho pedagógico, a Escola deve inserir nos seus planos de aplicação do Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE) e Programa de Transferência de Recursos Financeiros Diretamente às Escolas Públicas Estaduais (PROFIN) os recursos necessários para a manutenção do Grupo “Arte Livre”. As demandas financeiras do grupo devem ser

antecipadamente apresentadas à equipe gestora por meio de orçamento anual, resultado do planejamento de ações e a serem realizadas pelo grupo: espetáculo, confecção de figurinos, compra de material de uso específico etc.

Em razão da existência de demandas financeiras, que não possam ser supridas pelos recursos previstos nos repasses garantidos à escola, podem ser estabelecidas outras formas de garantia de recursos. Uma possibilidade é a criação de contribuição simbólica mensal para despesas urgentes e não previstas no orçamento anual do grupo. Essa contribuição, de natureza voluntária, pode ser feita por professores, demais funcionários da escola ou por quem se dispuser a colaborar com a atuação do Grupo “Arte Livre”. Cabendo, ao final de cada ano de atividade, a apresentação da prestação de contas por parte do Grupo “Arte Livre”, tornando públicas suas despesas e valor em caixa (quando houver). Acerca dos recursos para reestruturação da sala utilizada pelo grupo para aulas, ensaios e arquivo, cabe informar que este espaço carece dos seguintes equipamentos: espelho, barra para ballet, armário e roupeiro, piso para dança e aparelho de som.

Atividades do Grupo “Arte Livre”

(2006) (2013)

Fonte: Arquivo pessoal da autora

Referências

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2019.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: arte / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.
BRASIL. LDB: Lei de diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017.
ESCOLA DE DANÇA DE SÃO PAULO/FUNDAÇÃO THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO. Manual do aluno. [S. I: s. n.], 2017. Disponível em: < http://theatromunicipal.org.br/formacao/ escola-de-danca-de-sao-paulo/ #manual-do-aluno-2.>. Acesso em: 30 nov. 2018.
SERGIPE. *Currículo do Estado de Sergipe*: Integrar e Construir / Educação Infantil e Ensino Fundamental. Ana Lucia Lima da Rocha, Muricy Souza e Adailson de Jesus Silveira (Coord). Aracaju: Secretaria Educação, 2018.

Dança na Univer Cidade: Escolinha de Dança

Prof Dra Ana Angélica Freitas Gois[12]
Laranjeiras(SE)/ 2010

O projeto teve por objetivo estudar, aplicar e desenvolver as diferentes concepções de Dança, presentes na formação acadêmica e profissional da área em questão, e as suas relações, tomando como referencial a prática da Dança para o ensino público do município de Laranjeiras, principalmente na faixa etária infantil. O intuito foi contribuir para a política de extensão da Universidade Federal de Sergipe (UFS) e promover, de forma significativa, uma constante comunicação com a comunidade de Laranjeiras, acerca das relações culturais e educativas, por meio da produção do conhecimento na área da Dança. E, dessa forma, expandir e ampliar a relação histórico-cultural do saber produzido no bojo dos cursos de

formação em Licenciatura em Dança. Os/as acadêmicos/as do Curso de Licenciatura em Dança estavam nesse Projeto, desenvolvendo ações e intervenções pedagógicas com fundamentações advindas das diferentes disciplinas cursadas durante o curso de Licenciatura em Dança, promovendo, assim, possibilidades de elaboração, execução e acompanhamento das suas potencialidades enquanto futuros/as professores de Dança. O projeto também promoveu elaboração de artigos e eventos, dentre outras importantes produções acadêmicas, visando a identificação e a contribuição das práticas pedagógicas desenvolvidas no Projeto Dança na Univer Cidade: Escolinha de Dança para a produção de conhecimento na área da Dança.

ENCANTO DANÇAM NAS RUAS DE ARÁ

Esse Encanto é pura diversidade, de pessoas e de trabalhos em nossa cultura sergipana. Diferentes âmbitos de atuação, e riquezas de cada história de vida, representam esse momento relevante desta obra. Vamos iniciar esse momento contemplando essa bela música de Paulo Lobo, cantor e compositor, que nos convida para VIVER a nossa cidade. Ará é a forma em que ele apresenta e chama a nossa cidade, ARACAJU!

RUAS DE ARÁ
(Letra da música Chiko Queiroga; Antonio Rogério
Composição Paulo Lobo, 2000)

Nossa cidade, cenário da ponte
Entre o houvera e o haverá
Tem gente que é terra
Tem gente do mangue
Todo dia nas ruas de Ará
Tem velho safado
Tem beiju molhado
Tem deputado marajá
Tem rico que é pobre
Tem preto que é nobre
Todo dia nas ruas de Ará
Ará Cajueiro Aracajuá
Dança guerreiro
Ruas de Ará
Senhora de idade
Vem da Soledade
Um moço que vai trabalhar
Dondoca doideca
Doutor de traveca
Todos os dias nas ruas de Ará

Tem gente bacana

Tem falsa baiana
Boçal, tem vagal, tem paxá
Na nossa cidade

Ou lugar em que todos dançam, criam e vivem suas artes em todos os cantos: SERGIPE! Um balaio, um celeiro, ou mesmo um caldeirão, que ferve todos os dias nas mais diferentes culturas, que se misturam em nossos corpos, no que comemos, falamos, vestimos, dançamos e produzimos em nosso estado sergipano contemporâneo. Nesse maravilhoso e rico ENCANTO encontramos amados "fazedores" da nossa cultura, amantes das Artes, e que aqui representam tantos seres, que em Sergipe criam e recriam importantes obras, que sequer conhecemos.

É com muita alegria, honra e gratidão que lhes apresento Maria Célia Vieira Santos, Jussara da Silva Rosa Tavares, Gladston José dos Santos, Lavínia Teixeira Machado, João Cardozo, João Bosco Torres dos Santos, José Elói Filho dos Santos, Herval de Lima Melo, Adelmo Braz Cordeiro Filho, Marcos Pereira Braz "ERÉ", Everaldo Pereira dos Santos, Klely Perelo, Augusto César de Andrade Leite e suas importantes reflexões sobre Dança e Cultura Sergipana. Nossos convidados são artistas, professores, pesquisadores, e cordelistas, e divulgam, por meio das suas práticas profissionais, a cultura do nosso estado de Sergipe. A autora da obra elaborou um questionário, com questões abertas, para que os convidados pudessem responder e expressar, de forma livre e dissertativa, perspectivas pertinentes sobre as respectivas práticas profissionais, e suas considerações acerca da Dança Sergipana e da política pública cultural, além de registrar seus trabalhos e aqueles de outras pessoas, que representam a Dança Sergipana na contemporaneidade.

Agradeço imensamente o carinho e respeito por eles dedicado a esse Encanto e registro aqui, também, a vontade de ampliar o número de convidados sergipanos para compor esse ENCANTO. Contudo, por questões editoriais, que limitam a quantidade de laudas para

execução deste livro, isso não foi possível. É com muita alegria e carinho, então, que apresento para vocês, leitores, alguns dos muitos ilustres sergipanos, que produzem arte na nossa terra amada.

Com vocês, o ENCANTO DANÇAM NAS RUAS DE ARÁ!

Quem é você?
Meu nome de batismo é *Maria Célia Vieira Santos*, posteriormente fiquei conhecida como Tia Célia e hoje sou eletronicamente *Cecé Vieira.*

Sergipe aparece no seu trabalho?
Sergipe é a minha maior fonte de inspiração!

Você dança a cultura sergipana?
Eu levito quando danço.

O que e por que dançar em nosso estado?
A dança popular sergipana para mim é um encontro ancestral! Remete-me a um passado que desconheço, mas com o qual me identifico. Devemos dançar no nosso estado, como forma de resgatar as nossas origens e mantê-las vivas.

O que pode ser transformado em nosso estado para um amplo alcance das nossas práticas culturais?
Acredito que uma das formas transformadoras, e de grande alcance, seja criar-se, através das prefeituras, em cada município, um dia na semana para apresentação de uma dança popular. Nesse dia, que seria dia de semana, uma escola seria contemplada e o grupo, além de contar a história daquela dança, ensinaria toda coreografia da mesma.

O que você pretende deixar registrado aqui nessa obra?
Gostaria de registrar a importância da multiplicação dos saberes, desde a mais tenra idade, como forma de permanecer viva a cultura popular sergipana, visto que Sergipe é um dos maiores estados brasileiros ricos em folclore.

Q*uem é você*?
Eu sou mulher nordestina, mãe, irmã, casada e professora. Recebi o nome de *Jussara* e herdo os sobrenomes *da Silva Rosa Tavares*.

Sergipe aparece no seu trabalho?
Sempre. Sou uma encantada pela nossa cultura e minhas ações são movidas pela produção cultural do nosso povo.

Você dança a cultura sergipana?
Sim, eu danço e pesquiso a cultura sergipana.

O que e por que dançar em nosso estado?
Eu costumo dançar o que me move e me representa, por isso danço as nossas tradições, as nossas diversidades, os nossos biomas, os nossos sabores e cores, nossos causos e versos, nossos sons. Faz-se importante dançar no nosso estado como ato político e estético. Político na perspectiva de preservação e desenvolvimento de ação identitária das nossas tradições culturais, e estético por possibilitar outros modos de fazer, que não somente os hegemônicos e eurocentrados.

O que pode ser transformado em nosso estado para um amplo alcance das nossas práticas culturais?
Políticas públicas culturais comprometidas com essas práticas. Pessoas com competência, responsabilidade e compromisso ocupando cargos que viabilizem essas mudanças e políticos éticos comprometidos com seu estado e sua população.

O que você pretende deixar registrado aqui nessa obra?
Na verdade, não tenho pretensões. Espero contribuir com sua obra e dizer que tem muitos sergipanos e não sergipanos que desenvolvem trabalhos artísticos sérios e de qualidade, inspirados nos modos de ser do povo sergipano.

Quem é você?
Gladston José dos Santos. Funcionário público, aposentado, ex-bailarino, ex-manequim modelo, atualmente trabalhando com dança de salão.

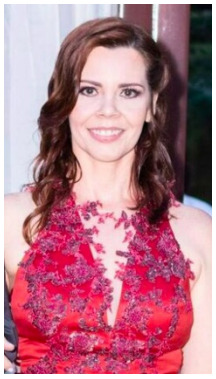
Sergipe aparece no seu trabalho?
Acho que sim, mas nos bastidores. As Misses Sergipe 1980 (Márcia Menezes Melo) e 1983 (Ana Paula de Santana) foram treinadas e coordenadas por mim durante todo o reinado. Inclusive, o título de Miss Simpatia do Brasil, em 1983, é do Estado de Sergipe.

Você dança a cultura sergipana?
Quando estava na Academia Studium Danças, sim. Tínhamos repertório de coreografias com músicas do nosso folclore.

O que pode ser transformado em nosso estado para um amplo alcance das nossas práticas culturais?

Sou o primeiro bailarino homem em Sergipe. Rompi várias barreiras e preconceitos à época. A dança é universal e não poderíamos estar fora do sistema. Hoje, a dança está muito mais diversificada, com muitos adeptos. A cultura e a arte têm que ser apolíticas...Pessoas certas nos lugares certos, que vejam a cultura e a arte como um todo para a coletividade e não para uma minoria, ou por indicação. Aquele que mais tiver trabalho divulga aquele que tem pouco. Ajude, incentive a crescer. Outrora, já existiu no estado uma gama de informações culturais. Hoje tudo está mais difícil, mas se pode melhorar. É só querer.

O que você pretende deixar registrado aqui nessa obra?
Meu agradecimento sincero pela lembrança do nosso nome para expressar algum comentário. E desejar que novos horizontes culturais venham a surgir para o engrandecimento de todos que amam a "Cultura e Arte" de um modo geral, em nosso estado.



Quem é você?
Sou apenas *Lavínia*. Sou sergipana, filha e neta de sergipanos, enveredei pelo campo artístico, no início dos anos 1990.
Sergipe aparece no seu trabalho?
Sergipe aparece em todos os meus trabalhos, afinal de contas, desenvolvo esses aqui em Sergipe.

Você dança a cultura sergipana?
Eu danço essa cultura sergipana a partir do reforço das nossas raízes, destacando a gastronomia, música, danças, trajes, porque dançar em nosso estado é estar aqui. Dançando nosso estado, nossa cultura, toda beleza da indumentária dos nossos figurinos, músicas, das batidas de nossas percussões, que são maravilhosas.

O que pode ser transformado em nosso estado para um amplo alcance das nossas práticas culturais?
Incluir, fazer nossas práticas, o nosso trabalho no meio científico, meio acadêmico, nas redes sociais. Não conseguimos fazer isso sozinhos. Tenho focado mais o trabalho no meio acadêmico e minhas contribuições já estão com repercussões em níveis internacionais.

O que você pretende deixar registrado aqui nessa obra?
A dança nos permite conhecer, nos permite compreender, escutar-nos corporalmente. E esse é um entender com consciência, para se pensar de forma mais ampla, integrando nossa inteligência intelectual, emocional e espiritual.

Quem é você?
Sou *João Cardozo*, carioca, nascido em 1971, residindo em Aracaju desde 1976. Iniciei na dança em 1990, fiz dois meses de Jazz Dance e em seguida nove anos de Balé Clássico. Em 1997 comecei a trabalhar com dança de salão, atividade que exerço até os dias de hoje, junto com minha esposa Fernanda Silva.

Sergipe aparece no seu trabalho?
Sergipe aparece no meu trabalho através do forró, dança que faz parte da cultura do nosso povo.

Você dança a cultura sergipana?
No curso de Licenciatura em Dança da UFS tive oportunidade de conhecer nossas danças folclóricas nas aulas de Danças Tradicionais Sergipanas, com a professora Jussara Rosa, e pude praticar algumas delas.

O que e por que dançar em nosso estado?
A dança de salão é uma modalidade presente na vida do nosso povo e nas nossas casas, como “Recanto do Chorinho”, “Casa Dançante Raimundo Baiano”, “Beer House” e “Casa de Forró Cariri”, as quais fomentam essa prática como parte cultural e social do povo sergipano.

O que pode ser transformado em nosso estado para um amplo alcance das nossas práticas culturais?
Políticas públicas voltadas para as práticas culturais através de editais e projetos, que levem as danças populares aos pontos turísticos, fomentando e fortalecendo nossa cultura.

O que você pretende deixar registrado aqui nessa obra?
A dança transforma e torna a vida mais feliz. Tenho muito orgulho e gratidão de ser parte dessa transformação para muitas pessoas.

Quem é você?

Acredito que somos energias, feixes de luz em contínuo movimento, em estado pulsante. Princípio, fim e meio. Muito meio, talvez sempre meio, pois princípio e fim são meios referenciais, que limitam certas trajetórias de vida. A vida é o meio, o agora, o movimento, a dança infinita. Assim, sou uma memória em movimento, uma ritmicidade, um corpo que dança, um gesto da natureza assentado na mãe-terra. Manifestei-me na terra, mais precisamente em Aracaju, capital do estado de Sergipe, em 05 de outubro de 1974, um sábado, à noite, às 22 horas. José Alves dos Santos e Janira de Oliveira Torres Santos, por meio de outros antes chegados, abraçaram e se responsabilizaram pelo meu nascimento e desenvolvimento nesse mundo. A quem sou muito grato pela oportunidade. E o fluxo segue, e a vida continua. Fui denominado *João Bosco Torres Santos*. Um menino negro, índio, nativo, eternamente de pé no chão e com a mente nas nuvens, nas estrelas. Puro ar, forte, robusto, resistente, impetuoso, observador, criativo, convicto do seu amor pela vida e lutador, guerreiro da liberdade. Mas, também, solitário por vezes, muitas vezes, e pensador sempre, contemplador da natureza, habitante de um paraíso existencial intocável, profundo e silencioso, e ao mesmo tempo barulhento inquieto e poético-musical-dançante. Enfim, é difícil descrever o que ainda não está pronto. Pois, também somos incompletude e a cada gesto e em cada ato, vamos nos moldando, nos conhecendo, nos lapidando. De certo, reconheço em mim um grande apreço pelas práticas corporais. Sempre fui muito inquieto, hiperativo e isso me fez, logo no começo da minha adolescência, ter a certeza que queria trilhar o caminho da Educação Física, viver e propagar o movimento em suas diversas perspectivas (naturais, culturais, estéticas). Minha primeira paixão, assim como acontece com muitos garotos, foi o futebol. E foi o futebol que me trouxe à Educação Física. E, uma vez atuante nessa área de conhecimento, outras práticas, já comuns ao meu cotidiano cultural, me despertaram a atenção, a exemplo da capoeira e da dança. Iniciei meus estudos no Educandário Nossa Senhora de Fátima, localizado no Bairro Cirurgia, em Aracaju. Minha mãe era a proprietária da escola e lá estudei até o 4º ano do ensino fundamental. Posteriormente, no Colégio Salesiano, conclui minha educação básica em 1991. Em 1992 ingressei no curso de Educação Física na UFS, concluindo-o em 1997. Segui a carreira acadêmica cursando especialização em Estudos Contemporâneos em Dança, na UFBA (2004) e em Arte-Educação na Faculdade São Luís de França (2006). Também cursei mestrado em Memória Social e Bens Culturais na Unilasalle, em Canoas/RS (2013). Atualmente, estou cursando licenciatura em música pela Uninter (Curitiba/PR). Paralelamente a essa formação acadêmica

atuei como professor de Educação Física Escolar em instituições particulares, desde outubro de 1993, e ingressei na Rede Estadual de Ensino, no estado de Sergipe, em 23 de março de 1999, onde continuo atuando. Nessa trajetória, a linguagem Dança ganhou destaque em minhas práticas e atuei no Serviço Social do Comércio (SESC), em Aracaju/SE, como técnico em educação, realizando cursos de Danças de Salão, de 01 de fevereiro de 2006 a 20 de janeiro de 2008. Desde 1995 tenho atuado em diferentes academias em Sergipe e na Bahia, bem como participei de eventos em nível local, nacional e internacional, a exemplo do GymBrasil (Gymnaestrada Brasileira), em 18 de dezembro de 1994 e a Gymnaestrada mundial em Berlim, na Alemanha, em junho de 1995. Também viajei por alguns estados brasileiros, como Bahia, Minas Gerais, Alagoas e Espírito Santo, atuando como bailarino e coreógrafo em bandas sergipanas e da Bahia. Sigo atuando em associações, academias e escolas, de modo continuado ou em eventos, e ministrando vivências e produzindo coreografias, tendo como referencial de base o Método "Dança Livre-EUAÍ": método de pesquisa e ensino da dança, que criei e lancei em 2018. Em 2015 fundei o Espaço de Dança Bosco Daju, onde realizo aulas, oficinas e eventos artísticos, integrando linguagens como poesia, música e dança. Atualmente, possuo registro de profissional de Educação Física, junto ao CREF 20/SE e de Bailarino e Coreógrafo, pelo SATED/SE. E tenho como pseudônimo Bosco Daju. Em termos de pesquisa, tenho como principais eixos temáticos: cultura, corpo, cultura corporal de movimento, dança, música, poesia. Considero como minhas principais criações dois livros publicados: 'A Dança em cena: reflexões sobre a criatividade nos processos coreográficos' (2014) e "Dança Livre-EUAÍ (2018) – método de ensino da dança"; o espaço artístico-cultural "Espaço de Dança Bosco Daju" (criado em 2015); as coreografias e as trilhas sonoras integrantes dos espetáculos cênicos: "EUAÍ: caminhos do ser" (um trabalho solo. Uma trilogia que engloba Imounrara, Nativos e Nego da terra) e "Filhos de Ará" (espetáculo que relaciona as belezas naturais à cultura aracajuana). Esse espetáculo já foi montado e apresentado duas vezes, mas está em processo de remontagem e adaptação para um trabalho solo[13]. "A vida é um contínuo aprendizado, uma singela caminhada. Cada um de nós é a própria história em ação e, a cada passo, geramos ciclos de possibilidades que nos criam e recriam o mundo - somos seres autobiográficos". (Bosco Daju).

Sergipe aparece no seu trabalho?
Sim, sempre. E posso citar dois exemplos bem ilustrativos: a escolha do meu pseudônimo e a produção do espetáculo "Filhos de Ará". Adotei como pseudônimo: "Bosco Daju": Bosco é um termo italiano que significa Bosque e Daju (meu sobrenome energético e referencial) diz respeito a esse ambiente, a esse espaço onde floresci e onde vivo. Pois sinto uma ligação muito especial, uma energia muito forte aqui nessa cidade. É como se eu tivesse sido forjado das suas entranhas. As praias, a areia, o vento, o sol, os mangues, sinto-me sempre em casa, na linda Aracaju. Desse modo, Bosco Daju representa uma energia da natureza, um tronco, uma árvore que floresceu no reino de Aracaju, um espírito assentado nas terras de Ará. A forma que hoje assumo

tem muito dessa atmosfera, aracajuana, sergipana. No que se refere ao espetáculo “Filhos de Ará”, tive a ideia de compor uma apresentação que destacasse os elementos naturais e os relacionasse com a vida do aracajuano, com suas práticas culturais, de modo que pudéssemos, artisticamente falando, retratar a singularidade desse lugar e do seu povo. Nessa apresentação destacam-se os rios e mares que banham Aracaju, os manguezais e o mercado municipal. Todas as músicas que compõem a trilha sonora e as coreografias foram compostas por mim e trabalhadas para traduzir a alegria e a satisfação de ser/estar em Aracaju. Já tive a oportunidade de apresentar esses espetáculos em grupo, na feira de Sergipe, no Gonzagão, no Centro de Criatividade, mas, atualmente, estou reestruturando a proposta para uma apresentação em solo. Enfim, penso que enquanto ser social, enquanto integrante de uma coletividade, de algum modo nosso lugar de existência fala para o mundo por meio das nossas criações artísticas. Nossos gestos e sons têm sotaques, nuances que singularizam nossas produções. Desse modo, independente da temática que busque compor em meus trabalhos, muito de Sergipe estará presente, mesmo que de modo inconsciente. Mas, além do meu pseudônimo e dos “Filhos de Ará”, buscarei em outras obras abordar temáticas relevantes em termos de Sergipe.

Você dança a cultura sergipana?
A cultura sergipana se integra à minha existência desde a infância, durante o ciclo junino (principalmente), mas, também, em outras épocas do ano. Nos festivais culturais que acontecem em São Cristóvão, Laranjeiras, Japaratuba, nos carnavais, etc. Do mesmo modo, as influências das danças de matriz africana existentes em Sergipe, em inúmeros Terreiros de Candomblé, distribuídos nos mais diversos municípios, também fortalecem a compreensão da nossa ancestralidade africana, assim como os resquícios memoriais das populações indígenas, que primeiramente habitaram essas terras. E toda essa influência cultural dos ritmos musicais, e das danças que integram o folclore sergipano, as religiosidades, as festividades em geral, se diluem e se destacam em minhas produções. Sou um ser cultural, que vive a musicalidade e a dança sergipanas, e apresento vestígios dessa existência na minha produção artística. Um forte exemplo é o espetáculo “Filhos de Ará”, que citei na questão anterior.

O que e por que dançar em nosso estado?
Há muito o que se dançar em nosso estado. As belezas naturais, a diversidade cultural do nosso povo e, também, nossas manifestações artísticas, as questões sociais, as experiências políticas, os fatos históricos, as problemáticas da vida cotidiana e contemporânea, dentre outras temáticas relevantes. Para isso é importante compreender as dinâmicas culturais. Ter sensibilidade aguçada para reconhecer as similaridades que o nosso estado possui com os demais estados brasileiros, bem como as suas especificidades, tudo aquilo que nos faz único. É nessa mistura que se compõe a textura sergipana. Os processos de identificação do nosso povo podem ser percebidos nessa dinâmica social, nas contínuas trocas e transformações com outros grupos e sociedades, sempre realçando o nosso modo de expressar: o jeito

sergipano de se dinamizar na atualidade. Trabalhar com cultura é muito mais do que simplesmente produzir “coisas” ou seguir padrões técnicos, acadêmicos, modelos de tradição, etc. Significa compreender os referenciais culturais do nosso povo e as possibilidades de intervenção, transformação e ressignificação da nossa existência social. Tudo isso com muito cuidado e atenção, porque também não se trata de criar identitarismos: saber pensar/agir mundial e localmente é necessário na conjuntura contemporânea. Eis o porquê dançar em nosso estado. É papel do artista e de suas obras servir de provocação, de elemento de reflexão e ação, de subsídio para a construção de sentidos de pertencimento, de afirmação e, também, de transformação política, social, cultural e artística, estabelecendo um diálogo plural no mundo contemporâneo. Nesse sentido, esboço uma provocação: é preciso discernir, pelo menos conceitualmente, o “dançar em Sergipe” do “dançar Sergipe”. Dançar em Sergipe pode representar a ação de um profissional de dança em nosso estado, sem considerar que os caminhos da sua produção, de algum modo, projetam e/ou ressignificam o pensamento e a construção da sergipanidade. Já o “dançar Sergipe” tem como foco principal destacar a singularidade do dançar sergipano, sem que isso signifique fechar-se ou não reconhecer as múltiplas trocas humanas, que também nos compõem. O que quero dizer é que é necessário ter em mente os conceitos de diversidade, que são a base das organizações culturais, aplicando a ideia de relativismo cultural (desconstruindo hierarquias culturais estabelecidas), e compreendendo que há um hibridismo cultural (conceito difundido por Peter Burke, que representa as contínuas trocas de saberes e fazeres entre os diferentes povos, ao longo da história mundial). Nessa trajetória, não podemos nos deixar dominar pela simples reprodução de padrões estéticos já disseminados na atualidade, que acabam por exercer forte poder ideológico. Isso tudo revela o papel político das artes e dos artistas. Sigo essa ideia de “dançar Sergipe” porque acredito que cada um e cada grupo (cada povo) é uma célula, que colore o mundo com sorrisos, sonoridades e gestualidades próprias, transitórias e efêmeras, relativas às suas experiências de vida. Somos uma caminhada, e precisamos destacar nossos passos na estrada da vida e da criação artística. Não dançar em Sergipe seria abrir mão de registrar no mundo o que se é e o que se vive.

O que pode ser transformado em nosso estado para um amplo alcance das nossas práticas culturais?

Sempre há o que ser mudado para favorecer a fluidez das práticas culturais em nosso estado. Destacarei três pontos que categorizo como: 1 – Focar Sergipe; 2 – Diálogos da gestão cultural em Sergipe com a classe artística e 3 – Ação individual/coletiva dos artistas. Em primeiro, ao dizer “Focar Sergipe”, me refiro a enfrentar uma postura que ainda percebo estar em evidência em nosso estado. Uma atmosfera de “pequenez”, que insiste em perdurar. Essa ideia de que vivemos no menor estado do país e isso acaba se transferindo para o âmbito simbólico. Como resultado, tudo o que aqui se produz, por vezes, os próprios sergipanos veem como se fosse algo menor, pequeno, sem qualidade. Uma questão cultural, um inconsciente coletivo muito complexo, que acaba por minimizar nossas criações, sobretudo quando possuem uma

estética inovadora, não seguindo os padrões já estabelecidos por núcleos tradicionais, acadêmicos e/ou midiáticos. Seguindo esse raciocínio, os processos educacionais acabam por reforçar essa condição, ao apenas pontuar a história e a cultura sergipanas em datas comemorativas, e/ou sempre deixar para o fim do ano a “História de Sergipe”. Sem querer generalizar, muitas vezes esse é o caminho da nossa formação e da nossa construção simbólica enquanto povo. Isso nos torna um apêndice no bojo da História e Cultura brasileira e universal. Para alguns, isso pode parecer um exagero, mas, quando precisei e atentei para a necessidade de conhecer a história e cultura sergipanas, tive que ir buscar referências como “O negro e a violência do branco”, de Ariosvaldo Figueiredo, “Etnias sergipanas”, de Feltre Bezerra, dentre outras obras, disponibilizadas na Biblioteca pública Epifânio Dória e no Instituto Histórico Geográfico. Possibilidades que me foram “negadas” (enquanto silenciadas) no cotidiano escolar. E assim tem sido. Nosso povo tem vivido como consumidor de produtos culturais prontos, elaborados e disseminados maciçamente, e não tem tido a oportunidade de se ver, de se conhecer nesse processo, embora, como meros consumidores, se sintam anestesiados e confortáveis nesse papel. Como resultado, a diversidade da cultura sergipana, que é manifestada nas produções que realçam a sergipanidade, encontra muita dificuldade de ter amplo alcance junto ao público sergipano. Como se houvesse uma estrutura que propiciasse o adormecimento da nossa sergipanidade. Continuo a ser um batalhador da diversidade e da liberdade de expressão. Considero muito importante o diálogo, as múltiplas trocas. Mas também considero fundamental o artista deixar registrado o seu caminho pessoal/coletivo, contribuir com a construção da autoestima do seu povo, ajudando-o a refletir sobre sua conexão com as demais sociedades, mas também reconhecer a sua existência singular. Pois somos uma singularidade, uma historicidade, e nossas criações artísticas fazem parte dessa trajetória. Portanto, observar, investigar, pesquisar, dialogar sim, desde que não estejamos, diretamente ou indiretamente, sendo coagidos a reproduzir padrões estéticos para que possamos ser vistos, ouvidos ou aceitos como artistas e como coletividade. Outro aspecto importante a ser considerado, para que nossas práticas culturais tenham um amplo alcance em Sergipe, diz respeito à necessidade de rever e/ou melhor, estabelecer os diálogos da gestão cultural com a classe artística. É preciso ser levado em consideração, e com mais zelo, a palavra “parceria”. Os órgãos culturais, em nosso estado de Sergipe, precisam entender que têm como papel garantir a fluidez das produções dos artistas sergipanos, sobretudo aquelas obras que falam do nosso estado e/ou que, de algum modo, redimensionam a nossa existência social, cultural e artística. Nesse sentido, posso citar o caminho das políticas de editais cada vez mais burocráticos e excludentes, propostas pelos órgãos públicos, ano após ano, que também atribuem pouco valor financeiro ao trabalho criativo e de circulação das produções artísticas locais. Tudo isso, somado às poucas propostas de eventos culturais, que esses órgãos promovem em nosso estado, torna muito difícil o fazer artístico em Sergipe. O diálogo a que me refiro precisa existir e ser transformado em ações concretas, que auxiliem os artistas a fluírem suas obras e exercendo todos, artistas e gestores, os seus respectivos papéis sociais. Naquilo que compete aos

artistas, é preciso entender seu papel político em todo o processo. Nós divertimos as pessoas com nossa arte, mas não somos meros animadores de plateia. Não há "inocência" no fazer artístico. Mesmo que um artista não tenha consciência dos impactos do seu trabalho criativo, ele reafirma ou questiona valores e padrões comportamentais a todo instante. Somos agentes da nossa existência. E, nesse sentido, acredito que precisamos nos reunir mais, resistir mais, propor sempre mais e mais. O artista é um ser pensante, construtor, provocador, transformador. Numa sociedade, quando os artistas e suas obras silenciam, quando se alienam e param de compreender e questionar sua realidade social, deixam de ser proponentes. Seu fazer é consumido pelo simples entretenimento. Com isso, fragiliza-se a reflexão e a projeção da superação de dificuldades. E, assim, toda a coletividade se acomoda na reprodução de padrões estabelecidos, e nos tornamos meros consumidores consumidos, sem autoestima, sem criatividade, sem reconhecimento e sem voz.

O que você pretende deixar registrado aqui nessa obra?
Deixarei registrada minha caminhada e minhas obras, que nada mais são do que resquícios da existência de um ser vivido, perceptivo, que se assentou em Sergipe para contemplar o mundo todo. A formação voltada às práticas corporais e os questionamentos elaborados publicados em livros, coreografias, poesias e músicas que, hoje, encontram no Espaço de Dança Bosco Daju seu núcleo criativo efervescente. Os livros publicados sobre a dança, até o momento são: "A dança em cena: reflexões sobre a criatividade nos processos coreográficos" (resultante da dissertação de mestrado que cursei em "Memória social e bens culturais"; "Dança Livre – EUAÍ" (método de dança autoral que traz uma proposta singular de compreender o universo da dança, em sua prática). Quanto às obras coreográficas, cito duas: "EUAÍ: caminhos do ser" que engloba as partes Imounrara, Nativos e Nego da terra; e, "Filhos de Ará" (que já foi elaborada e apresentada em grupo, mas que no momento está sendo remontada para uma proposta em solo). É importante lembrar, que como tenho estudado a linguagem da música, e tenho sempre muita curiosidade pelo universo sonoro e, também, pelas poesias, todas essas obras coreográficas têm uma trilha sonora própria e autoral, que componho e gravo, fortalecendo a unicidade de cada proposta. Enfim, todas essas criações citadas e as demais, que surgirão ao longo da minha existência, serão as memórias dos caminhos. Referenciais importantes, que de algum modo, deixaram e deixarão suas marcas na história da arte, dança e música sergipana. O desejo de artista é que essas obras, além de representarem a existência de um sergipano, sirvam de apoio, de subsídio, de memória, para os demais artistas e membros da sociedade sergipana, plurificando ideias. De modo que a sergipanidade possa fluir como o vento, ou possa desdobrar-se em ondas infinitas, exalando força e felicidade, assim como as ondas que quebram na Praia de Atalaia, na nossa linda Aracaju.

Quem é você?
Meu nome é *José Eloi dos Santos Filho*. Sou formado em Educação Física Licenciatura Plena pela Universidade Federal de Sergipe, pós-graduado em Arte-educação pela Faculdade São Luiz de França e mestrando em Culturas Populares na Universidade Federal de Sergipe. Atualmente, sou funcionário público da Rede Estadual de Ensino, atuando como coordenador pedagógico na Escola Estadual José da Silva Ribeiro Filho, em Aracaju (SE).

Sergipe aparece no seu trabalho?
Sempre! Observo como uma forma não só de valorizar, mas de enaltecer nossa cultura, a qual é muito rica em todos os aspectos.

Você dança a cultura sergipana?
Há mais ou menos quatro décadas. E nesse tempo sempre enfatizamos o que temos de melhor e, muitas vezes, incutimos a contemporaneidade em nossos trabalhos de dança, sem fugir das nossas características e priorizando sempre nossa identidade.

Sergipe aparece no seu trabalho?
Desde os cinco anos de idade que danço. Tudo começou numa pequenina escola chamada Educandário John Kennedy, na Rua Divina Pastora, das professoras Lourdes e Estelita. Na escola tínhamos uma professora de Educação Física, chamada Leda, assim era conhecida. E lá, além das atividades recreativas, jogos e brinquedos de roda, populares, coordenação motora, etc., nas datas festivas ela criava coreografias de acordo com o período comemorativo, ou seja, do carnaval ao final de ano, com as festas natalinas. Então vivenciamos inúmeros tipos de danças e folguedos de Sergipe, do Brasil e do mundo. Daí o início da paixão pela dança, pela cultura. E quando vim morar na comunidade do Conjunto Leite Neto tive a oportunidade de conhecer o Mestre Euclides, com seu “Guerreiro Treme Terra” (acho que era esse o nome), e em seguida Augusto Barreto, do “Mamulengo de Cheiro”, e essa amizade perdura até os dias atuais. Esses cinco personagens foram os meus maiores influenciadores pelo folclore, folguedos e, hoje em dia, mais especificamente, pela quadrilha junina.

O que e por que dançar em nosso estado?
O menor da Federação, mas grande e imponente culturalmente. Historiadores, a exemplo de Sílvio Romero, Luiz Antônio Barreto, Aglaé Fontes D’Ávila, são referências que nos levam a enaltecer o sentimento de pertencimento da

nossa sergipanidade, culminando valores artísticos-culturais do passado e do presente. E como não interpretar esse imenso repertório da história de Sergipe através da dança? Claro, retratamos outros estilos, vivenciamos outras experiências, pois a cultura está diretamente atrelada aos atuais aspectos da indústria cultural.

O que pode ser transformado em nosso estado para um amplo alcance das nossas práticas culturais?
Creio que projetos de políticas públicas permanentes e específicas, editais de valorização aos profissionais em geral, artistas, agentes culturais, técnicos, produtores etc., sem distinção e privilégios.

O que você pretende deixar registrado aqui nessa obra?
Nossa, pergunta difícil (risos). Mas dizer que a cultura e a dança estão diretamente ligadas à arte e à educação, e possuem um poder natural e transformador de pessoas, comunidades, e dos mais variados segmentos da sociedade. Enfim, as pessoas que participam de um grupo folclórico e/ou companhias de dança são pessoas que possuem uma sensibilidade mais expressiva, o amor está mais presente em suas vidas, consequentemente, vislumbram um mundo melhor através da arte, da cultura, da dança.

Quem é você?
Herval de Lima Melo, itabaianense nato, fiz a minha primeira graduação em Dança Licenciatura pela Universidade Federal de Sergipe (2012), logo após uma pós-graduação em Arte-Educação pela Faculdade São Luiz de França (2014). Além de algumas especializações em danças de salão, como o curso de professores Jaime Aroxa, no Rio de Janeiro, curso de formação Cardas, em São Paulo, coordenado pelo professor Marcelo Granjeiro, e experiência no melhor: o aprendizado da vida.

Sergipe aparece no seu trabalho?
Atualmente tenho uma escola de dança, já há oito anos, na cidade de Itabaiana (Sergipe). Fiz algumas passagens como profissional de Dança como: 2012 – Itabaiana (SE) Professor de dança pelo Programa (PETI); 2013-2014 – Areia Branca (SE) Professor de dança para Melhor Idade e Pro-Jovem (Assistência social) e 2019 pelo programa (SCFV); 2013-2014 – Cristinápolis (SE) Professor de dança para Melhor Idade (Assistência social); 2014 – Nossa Senhora do Socorro (SE) Professor de Dança, Projeto Dança na Escola, na Escola Estância de Arte; em 2017 como professor em Danças de Salão nas

instituições de ensino particular, Colégio Dom Bosco, Monteiro Lobato e, atualmente, Colégio Arco-Íris.

Você dança a cultura sergipana?
Sim. Ainda adolescente, vivenciei a arte da dança no Ensino Médio, no Colégio Estadual Murilo Braga, de lá para cá, mesmo com todas as diversidades da vida, a dança esteve ali próxima a mim, me direcionando a acreditar que esse seria meu futuro, tentar levar um pouco mais de leveza para outras pessoas, e tendo esta como profissão para vida.

O que e por que dançar em nosso estado?
Acredito intensamente no poder que a dança tem, as transformações que ela pode trazer na vida do ser humano. A dança, em minha opinião, salva vidas. Eu sou um exemplo disso. Filho de pais separados, aos cinco anos, minha mãe, meu irmão e eu fomos morar em São Paulo. Na minha pré-adolescência, considerada uma das fases mais conturbadas, tive a sorte de me apegar à arte, e logo, à dança. Penso que essa, com toda certeza, me salvou milhares de vezes e, dessa forma, acredito que propagando essa linda arte posso salvar também outras pessoas.

O que pode ser transformado em nosso estado para um amplo alcance das nossas práticas culturais?
Acredito que, primeiramente, se os profissionais se valorizassem, juntando forças em forma de união em prol da melhoria da classe. Só aí, já teríamos uma grande conquista. Deixarmos de ser hipócritas e entender que a dança tem, sim, o seu valor e precisa ser reconhecida urgentemente. Que os nossos representantes governamentais tenham um olhar de mais importância ao desenvolvimento cultural, social e artístico do nosso estado. Assim nos proporcionado a levar essa linda arte para mais crianças, jovens e até mesmo adultos, dando direcionamentos e ensinando valores.

O que você pretende deixar registrado aqui nessa obra?
Gostaria de deixar registrado que a dança tem um papel fundamental na sociedade. Atuando no desenvolvimento social, modificando vidas através da disciplina e agregando valores à vida daqueles que, muitas vezes sem perspectivas, acabam encontrando, através da arte, sua própria história. Deixar também a luta dessa sergipana arretada, professora Ana Angélica, minha sincera gratidão por ter proporcionado, como professora do Curso de Dança licenciatura (UFS), o caminhar do ensino-aprendizagem com tanta maestria. Com toda certeza, foi um grande pilar para minha formação acadêmica e com uma contribuição enorme no profissional que sou hoje. Obrigado por não desistir em divulgar o melhor da dança sergipana.

Quem é você?
Sou *Adelmo*, popularmente conhecido como *Dell Cordeiro*. Um eterno jovem apaixonado pelo rico e fantástico mundo da arte do movimento. Nascido e criado nesse estado de Sergipe, desde cedo prestigiei e pude diretamente participar de algumas das nossas mais prazerosas manifestações artísticas. Coordenei grupos de dança, participei de algumas bandas de forró eletrônico e adentrei no mundo acadêmico por meio do incrível curso de licenciatura em dança da Universidade Federal de Sergipe. Tive a honra de ser aluno da professora Ana Angélica e participar do Projeto Dança na Univer Cidade, coordenado na época por ela. Por meio dessa experiência me reconheci de imediato como um eterno aprendiz e agente transformador, capaz de apresentar, por meio da Dança/Educação, um novo olhar e uma perspectiva de resgate da nossa cultura popular, reafirmando sua importante disseminação na sala de aula.

Sergipe aparece no seu trabalho?
Sim, encontrei justificativa por meio do projeto desenvolvido, ainda na graduação. Com base na curiosidade em compreender as escolhas profissionais dos dançarinos, que buscam o curso de licenciatura em dança em nosso estado. Busquei assim apresentar a importância de acreditar e não desistir jamais da Dança como profissão.

Você dança a cultura sergipana?
Acredito que a Dança sempre foi além da simetria e pré-estabelecimento de padrões. Todo movimento é vida e pura expressão. Sendo assim, a Dança sempre contribuiu para o equilíbrio das relações humanas consigo e com o outro. Hoje, pausei sua prática para contribuir diretamente com a formação humana, lecionando a disciplina de educação artística, e realizo um trabalho entre artistas e a unidade de cultura denominada Centro de Criatividade, do nosso município. Contribuindo na sua coordenação.

O que e por que dançar em nosso estado?
Todo movimento expressa quem somos e nossa forma de ver o mundo, denuncia nosso estado de espírito e apresenta parte da nossa identidade, que muitas vezes grita por socorro, sentindo a ausência de uma acolhida de movimento. Quanto mais expressivo, mais comunicativo, e as portas do mundo se abrem quando você expressa o que sente. E é exatamente com essa dança da acolhida que comungo hoje, forma empática de conviver afirmando a importância de trocar acolhimento expressivo.

O que pode ser transformado em nosso estado para um amplo alcance das nossas práticas culturais?
É necessária uma representação mais humana e igualitária na área das políticas públicas, visando, dessa forma, colocar em prática o que historicamente vem sendo apresentado somente em teorias.

O que você pretende deixar registrado aqui nessa obra?
Desejo fortalecer a necessidade de acreditar que é possível sim, por meio da Dança, transformar e salvar vidas, mesmo com tantos percalços e instabilidades representativas de defesa na área.

Quem é você?
Marcos Pereira Braz (Eré). Ex-funcionário da Secretaria Estadual da Cultura do Estado de Sergipe, atualmente desenvolvendo com a melhor idade um trabalho de dança popular no município de Barra dos Coqueiros. Grupo de dança popular “AS MANGABEIRAS”.

Sergipe aparece no seu trabalho?
Esse é meu estado de origem, onde traduzo em prosa e versos o meu movimento artístico.

Você dança a cultura sergipana?
Sou nascido e criado em uma comunidade em que se respira arte popular. O bairro Cirurgia tem muito a contar, desde os blocos de entrudos às festas juninas, aos personagens como o “Senhor Leopoldo do Rasgadinho” e “João da Cruz”, e com o “Arraial do Arranca Unha”, além da escola de samba IMPÉRIO SERRANO, criada e dirigida por meus familiares.

O que e por que dançar em nosso estado?
Por presenciar no passado a minha infância, acima citada. Fui criado nesse meio artístico, como também a minha frequência nos terreiros de candomblé da área, assim como as brincadeiras de circos de lençol, no fundo do quintal, onde eu era a rumbeira, vindo a atrair o público local (1964). Participei do grupo de capoeira YEMANJÁ, existente no SESI (clube dos trabalhadores, 1978), vindo em 1982 a descobrir outros ares. Um certo dia, fui chamado para participar do Concurso de Poesia Falada do Norte e Nordeste, na Universidade Federal de Sergipe, e através deste fui convidado a frequentar a escola de dança STUDIUM DANÇA. Daí para frente foi só sucesso, até hoje. Em 2011 entrei para a Universidade Federal de Sergipe.

O que pode ser transformado em nosso estado para um amplo alcance das nossas práticas culturais?
Determinados espaços como o Cultart, o Centro de Criatividade, o Auditório Lourival Batista, dentre outros, itinerantes- gostaria que esses espaços fossem sempre ofertados para as atuações artísticas aos grupos que não têm sede própria em nosso estado. No caso, com essa transformação, teremos que propor oficinas em forma de laboratórios, que venham ocupar esses espaços com suas performances artísticas.

O que você pretende deixar registrado aqui nessa obra?
Segundo Roger Garaudy, filósofo francês, em seu livro "Dançar a vida" (1980), "dançar para não dançar" é o que precisamos- fazer isso para evoluirmos nosso espírito "dance, dance, dance, faça como Isadora que ficou na história" (Rita Lee e Tutti Frutti, 1975), "dance como as ondas do mar, o vento..." (Isadora Duncan, in GARAUDY, 1980), exercite o corpo enquanto o corpo pulsa. Meu carinho e agradecimento pela minha vida artística a todos aqueles que contribuíram para o meu progresso nesses 45 anos de vida artística, à minha família por acreditar em mim, ao jornalista e poeta imortal da Academia Sergipana de Letras, Amaral Cavalcante. À bailarina Regina Lucia Spinelly, professora e proprietária da escola de dança "STUDIUM DANÇA". À Secretaria de Cultura do Estado de Sergipe, à Universidade Federal de Sergipe (UFS, Núcleo de dança). À Profª. Drª. Ana Angélica Freitas Gois e a todos os Mestres desta instituição pedagógica.

Quem é você?
Everaldo Pereira dos Santos, bailarino e mestre-coreógrafo, nascido em Boquim, Sergipe, conceitua a dança contemporânea como uma busca contínua das novas formas de expressão. Uma comunicação do corpo que proporciona verdadeiros espetáculos, inovadores e inusitados. É uma fuga do tradicional, que rompe o antigo e o passado, agregando valores artísticos. Eve, como é chamado pelos amigos, tem influência da cultura brasileira, do agreste, do Nordeste, mas também dos seus estudos em Londres, mais precisamente do London Studio Centre. Soma as diferentes técnicas e estilos, com o *plug* da terra da rainha. Foi por lá que reaprendeu a coreografar, valendo-se do grande mix, e se especializando no contemporâneo. Sua carreira artística começou em Aracaju, no Teatro e Auditório Lourival Batista, no Bairro Siqueira Campos, com o professor Reginaldo Flores, o Conga. Em seguida, conseguiu uma bolsa para estudar no Studium Danças, com os experts Lu

Spinelli e Hamilton Marques. Suas aptidões como bailarino e coreógrafo começaram bem cedo, foi no Festival Internacional de Dança em Brasília, em 1998, que se destacou e recebeu uma bolsa de estudos para o curso Dança e Teatro, com Nic Espinosa, renomado diretor e empresário da London Studio Centre. Com residência fixa em Londres, Everaldo criou diversos trabalhos, e levou a expertise e a própria companhia para o Reino Unido. Na sua "Nu Tempo Dance Company" remontou alguns dos trabalhos apresentados no Brasil e também coreografias inéditas, com as experiências do dia-a-dia na capital da Inglaterra. Os traços da sua forte personalidade, e a interminável busca de inclusão na cidade, serviram de inspiração para essa fase. Paralelamente, Everaldo Pereira se tornou integrante da Intoto Dance Company, com a direção de Sue Booker e Sally Owen. Foi um dos cinco jovens escolhidos pelo London Studio Centre para participar do "Peter Williams Design for Dance Project," produzido pela "Central Saint Martins College of Art & Design". Viajou pelo English Channel com a sua Cia para Schakel, na Bélgica, onde recebeu excelentes críticas da imprensa. A "Nu Tempo" já se apresentou em diversos lugares, como The Canal Coffee Theatre, The Royal Court Theatre, The Place, dentre tantos outros. Como bailarino, o currículo inclui trabalhos de coreógrafos renomados: Vivienne Newport, Rafael Bonachela, Michael Popper e Ramon Guilher. Fez parte do famoso musical "Lion King". Foi modelo no trabalho fotográfico com Fernando Barbera, chamado "Brazilian Faces", patrocinado pela Embaixada Brasileira, em Londres. Dançou no Laban Centre com a coreógrafa inglesa Fleur Darkin. Participou do Umbrella 2009, um dos maiores festivais de dança da Europa. Promoveu importantes workshops no Brasil, criando um link cultural, trazendo sua networking para incentivar os bailarinos locais aos novos movimentos e tendências. No Brasil, desde 2016 promoveu diversos espetáculos. Destaque para "Lembrança de Uma Época", que se apresentou na Argentina. "Juntos & Separados", mesmo em meio à pandemia pela Covid-19, abriu os festejos juninos nos Mercados Centrais de Aracaju e foi contemplado pela Lei Aldir Blanc.

Sergipe aparece no seu trabalho?
Demais, principalmente depois que voltei de Londres. Tive oportunidade de conhecer músicos, percussionistas, compositores, artistas de uma forma geral. Pude me aprofundar mais na cultura, no folclore, nos costumes. Tudo isso tem uma outra visão com minha maturidade e vivências. Mesclo essa pesquisa com todo meu conhecimento na Europa e essa junção reflete totalmente no meu trabalho.

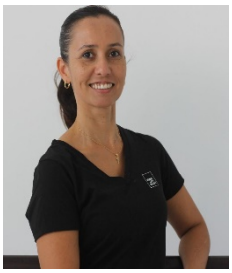
Você dança a cultura sergipana?
Trabalhei no Corpo Municipal de Dança, sob a direção de Cleanes Silva. Conheci muita coisa e dancei em vários espetáculos, numa companhia totalmente raiz. Acho que deveria existir até hoje, sinto falta e os bailarinos também. Trago essas lembranças, permanece em mim até hoje, uso e abuso dos conhecimentos dessa época.

O que e por que dançar em nosso estado?

Após quase 20 anos na Inglaterra, dançar no meu estado, hoje, é valorizar minhas raízes. Produzir, ensinar e compartilhar meus conhecimentos traz uma deliciosa sensação de que estou retribuindo ao mundo tudo aquilo que me foi dado. Sou grato e tenho uma imensa alegria de poder transmitir tudo que aprendi nessa longa estrada.

O que pode ser transformado em nosso estado para um amplo alcance das nossas práticas culturais?
Acho que faço a minha parte. Corro atrás e dou o meu melhor. Não reclamo e tenho gratidão por poder dançar e viver da minha arte. Mas se fosse enumerar o que poderia ser feito, essa entrevista demoraria um tantão...

O que você pretende deixar registrado aqui nessa obra?
Voei e tive sonhos, deixei pessoas felizes, levantei a autoestima, ajudei nos tratamentos de saúde. Até curei, segundo a minha entrevistadora, não é mesmo? Fico feliz e estou com muita coisa para pós-pandemia, ideias nunca faltam! Ainda tenho muito para criar, a criatividade com a maturidade, é uma outra fase. Minha biografia ainda tem muitas páginas em branco, sinto isso e conto com a arte da dança para levar muita felicidade a muitos lugares, não somente em Sergipe, mas pelo mundo. Não poderia deixar de registrar que tive muita sorte em conhecer pessoas que tornam meus sonhos acessíveis e realizáveis. Peter Jones, Madalena Sá, Thaïs Bezerra, Salete Martins, Ana Paula Rollemberg, Claudia Trentini, Stela Santana, e você, Ana Angélica Freitas Gois, minha gratitude eterna.



Quem é você?
Klely Perelo, baiana, bailarina e professora formada pela Royal Academy of Dance Inglaterra, Mestre em dança pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), experiência no ensino do ballet clássico e coreógrafa. Trabalhou na Universidade Federal de Sergipe (professora substituta 2009/2011 e 2018/2020), e trabalha na formação de bailarinos e professores através do método inglês em academias de Sergipe (Ballet Célia Duarte, Centro Cubos de Dança e Adagio Academia de Dança), Bahia e Pernambuco e, preparação técnica de ballet com grupo de Ginástica Rítmica, no Instituto Dom Fernando Gomes.

Sergipe aparece no seu trabalho?
Trabalho em academias de Sergipe há 13 anos, com o ensino do ballet clássico, montagem de espetáculos, além de produção cultural de dança

através de organização de cursos, encontros, festivais e montagem de ballets de repertório e trabalhos sobre dança folclórica.
Você dança a cultura sergipana?
Seria difícil desvencilhar a cultura local sergipana da minha prática de produção de dança, ainda que, como no meu caso, seja o ballet clássico, que aparentemente está distante da cultura popular, elas se contaminam, se enriquecem, e é isso que faz ser mais forte.

O que e por que dançar em nosso estado?
Sergipe é um estado muito rico em sua cultura e possui infinitas possibilidades de produção de dança. E a dança, como arte, tem poder transformador da sociedade, desenvolvimento social e construção de valores. Tudo isso junto gera essa força cultural do povo sergipano.

O que pode ser transformado em nosso estado para um amplo alcance das nossas práticas culturais?
A arte ainda precisa ser valorizada, ainda necessita de um olhar mais maduro sobre o profissional da dança, seja ele professor de dança ou bailarino profissional. É necessário e urgente política pública para a dança, diálogo próximo entre artista e poder público, criação de espaços de atuação.

O que você pretende deixar registrado aqui nessa obra?
Agradecer por estar aqui, por fazer parte da sua história, honrada com o convite e grata por você ser essa mulher inspiradora e forte, que tive o prazer de conhecer em 2009, no Departamento de Dança da Universidade Federal de Sergipe. Querida Ana, meu carinho e admiração.

Quem é você?
Meu nome é *Augusto Cesar de Andrade Leite*, nasci em Aracaju/SE, no dia 23 de janeiro de 1958. Filho de Gilson Dória Leite e Maria José de Andrade Leite. Sou formado em Educação Física licenciatura plena pela Universidade Federal de Sergipe e Pós-graduado em Arte-Educação pela Faculdade São Luiz de França. Sou professor de Educação Física do estado de Sergipe e do município de Aracaju, hoje aposentado das minhas funções como professor. Paralela às funções como professor desenvolvo algumas atividades artísticas com a dança, pintura, desenho, teatro, aderecista e apaixonado pela cultura popular.

Sergipe aparece no seu trabalho?

A arte apareceu em minha vida logo cedo, primeiro com o desenho, depois com a pintura, e aí vieram a dança e o teatro. Mas tudo isso sempre com a presença influenciadora das coisas da minha terra. Meu avô, Edgar da Rosa Leite, em memória, era artesão e foi o meu primeiro provocador, me levava para o mercado para comprar boizinho e as burrinhas de barro, e me apresentou esse universo dos brinquedos populares de Sergipe. Nos meus trabalhos foi impossível não ter esse olhar voltado para esses elementos, que enriquecem a nossa cultura. Como professor, sempre tive o compromisso de mostrar esse universo para os meus alunos. O amor por Sergipe, através da nossa diversidade cultural.

Você dança a cultura sergipana?
Dançar com elementos da nossa cultura foi para mim um ato natural. As influências, logo cedo, já no tempo da escola, foram fundamentais para a minha trajetória. Os grupos de dança e teatro pelos quais passei, como o "Balé Folclórico de Sergipe", a "Cia de Artes Mafuá" e o "Nordestinados", foram fundamentais na minha trajetória no exercício diário da minha Sergipanidade.

O que e por que dançar em nosso estado?
Com todo esse celeiro cultural de Sergipe não foi difícil me apaixonar por esse universo, sou um teimoso, não fujo às minhas raízes, sempre dancei e me envolvi com a cultura de Sergipe. Pretendo deixar nas minhas memórias essa contribuição como artista popular, principalmente para os mais jovens, conhecimento e amor às riquezas culturais do nosso estado.

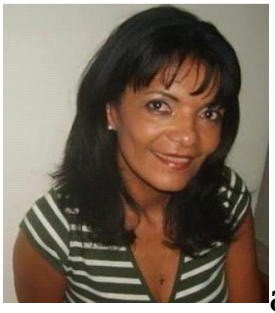
O que pode ser transformado em nosso estado para um amplo alcance das nossas práticas culturais?
A criação de políticas públicas de Estado e não de governo, voltadas para o fazer cultural. Projetos de ocupação dos espaços culturais, nos quais exista um calendário de apresentações artísticas influenciando a formação de novas plateias. A arte em si tem a mesma importância das nossas necessidades de aprendizado, crescimento profissional e do ser humano.

O que você pretende deixar registrado aqui nessa obra?
Não podemos fugir ao chamamento dessa graciosa expressão artística, a dança é um poderoso instrumento de transformação, alimento para a alma, e foram assim as minhas experiências com a dança. Com a minha boneca Genoveva levo alegria e encantamento para as pessoas. Verdadeiramente dançar é aconselhável, uma dose diária com muita alegria de viver e dançar. Queria aqui agradecer a Deus por esse chamamento, agradecer à querida amiga Angélica Gois a oportunidade, o privilégio e a honra de participar do seu livro. Obrigado pelo carinho, apoio que sempre teve para comigo na minha trajetória. Você é exemplo de resistência, amor à dança e à vida.

ENCANTO POÉTICO

Aninha e suas pedras
Não te deixes destruir...
Ajuntando novas pedras
e construindo novos poemas.
Recria tua vida, sempre, sempre.
Remove pedras e planta roseiras e faz doces. Recomeça.
Faz de tua vida mesquinha
um poema.
E viverás no coração dos jovens
e na memória das gerações que hão de vir.
Esta fonte é para uso de todos os sedentos.
Toma a tua parte.
Vem a estas páginas
e não entraves seu uso
aos que têm sede.
(Cora Coralina, 1997, p. 139)[14]

Nesse momento encontramos poesias e seus poéticos na vida, ressaltando essa capacidade de admirarmos os diferentes pensamentos e construções diárias de cada um em seu cada canto e encanto. Meu muito obrigado ao jeito de se expressar aqui: Cris Souza, Lourdisnete Benevides, Rico Lucena e seu neto Theo e Sérgio Sal.



A dança poetiza a vida

Tânia Cristina dos Santos Souza[15] (Cris Souza)

Segundo o filósofo Sócrates (469-399 a.C.), a dança forma um cidadão completo. Platão (428-347 a.C.) e Aristóteles (384-322 a.C.) consideravam a dança e a ginástica como uma iniciação para a luta e para a educação dos cidadãos.

Agradeço à querida amiga Ana Angélica Freitas Góis pela oportunidade de estar escrevendo este texto, que fará

parte do seu livro: NA DANÇA DA VIDA SERGIPANA: UM CONVITE À SERGIPANIDADE. É um grande desafio para mim. Assim, de inopino comecei a escrever. A cultura sergipana é rica e diversificada. Parafraseando Garcia Lorca, “A poesia não quer adeptos, quer amantes”. Eu concordo e concluo que a dança também. Quem me conhece sabe da minha dedicação à literatura, entretanto, sinto a dança como uma poesia em movimento, quando o corpo traduz, através de movimentos, sincronizados ou não, o que a alma sente. É o interior apreendendo com o exterior. São as percepções se entrelaçando em passos alegres e desenvoltos, que magnetizam e apaixonam. Dançar, escrever, ler, pintar, modelar, encanta e nos eleva. Tudo é beleza, é expressão do sentimento genuíno. Todos deveriam experimentar a dança, escrever uma poesia, pintar um quadro e plantar uma árvore. Somos o que queremos ser. Optar em viver com asas e não preso dentro de uma gaiola, seguindo fórmulas estreitas e esquemas rígidos é a decisão que devemos tomar, sem medo de sermos felizes. A arte não deve ser contida e, quando isso acontece, retira da mesma seu encantamento maior, sua originalidade, e ofusca a sua essência. O filósofo alemão Friedrich Nietzsche (2012) já dizia que “só poderia crer num Deus que soubesse dançar”.

Tanto na poesia quanto na dança, há um perfume, um toque, um brilho, um sentimento. Há possibilidades e perspectivas. Precisamos seguir motivados. A arte nos liberta e impulsiona. Somos seres inconclusos, incompletos, em busca dos nossos pedaços certos. E a arte dialoga com o ser que nos habita e transmite uma mensagem de infinitude, de devir, de esperança e de amplitude. A arte rompe o senso comum e nos permite olhar, com espanto, o trivial do nosso cotidiano. O pensamento estético nos molda, tanto quanto o ético e o existencial. O belo nos fascina e instiga. Nietzsche (2012, p. 281), em “Assim Falou Zaratustra”:

> Ó homens superiores, o pior que há em vós é: não aprendestes a dançar como se deves dançar – indo além de vós mesmos! Que importa se malograstes? Quanta coisa é ainda possível! Então aprendei a rir indo além de vós mesmos! Erguei vossos corações, ó bons dançarinos! Mais alto! E não esqueçais o riso tampouco!

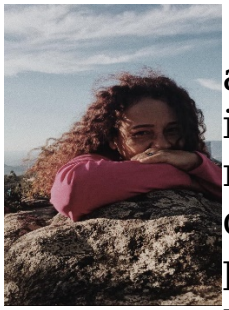
Aprendi com Nietsche que devemos ter pés ágeis tanto na dança quanto na vida, a transitar leve pelos aforismos e nem sempre dançar conforme a música. Dançar é como escrever um belo texto literário, é espaço de criação e crescimento de si. O escritor escreve com as mãos, o dançarino escreve com os pés textos imaginários de sua existência, nua e crua. O mundo tem sua cadência e nos força a aprender, a codificar, sentir e existir. Como escapar do caos? Simples, devemos resistir com o espírito de artista que há em nós. A arte é salvadora. No famoso diálogo "A Alma e a Dança", o escritor francês Paul Valéry (1996) sugere que a dança é o maior remédio contra o veneno do tédio.

Referências

NIETZSCHE, F. *Assim Falou Zaratustra*. Um livro para todos e para ninguém. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2012.
VALERY, P. *A alma e a dança e outros diálogos.* São Paulo: Imago, 1996.

A poesia dos pontos de cruz na paisagem do Cedro de São João

Lourdisnete Benevides[16]



Assentamento é coisa séria e eu sempre acreditei ser uma grande honra ter em minha identidade uma derivação do nome de minha mãe, Maria de Lourdes. Ela, amorosa e imbuída de uma criatividade sertaneja, adoçou a própria palavra "pensada, dita e sentida", de uma tal maneira que a fazia pronunciar prazerosamente o nome da filha Lourdisnete arrastando o "erre" no modo

peculiar do sotaque típico da região de Monte Alto, interior da Bahia, no médio São Francisco, conforme a nossa ancestralidade.

Dona Lourdes nasceu no dia 11 de fevereiro de 1925, dia e mês consagrados a Nossa Senhora de Lourdes e no dia 29 de abril de 2010, data do meu aniversário, quando eu já residia em Aracaju, Sergipe, foi realizado o ritual de despedida da sua encarnação terrena, na bela Itiúba, localizada no sertão da Bahia.

Isto aconteceu logo após a realização do concurso federal, que me efetivou na Universidade Federal de Sergipe como professora do curso de Licenciatura em Teatro. Antes mesmo desse ser transferido para o Campus de São Cristóvão, quando ainda se abrigava no Campus de Laranjeiras, instalado no velho Trapiche da histórica Laranjeiras, região do Vale do Cotinguiba.

Era ali naquele universo artístico e pedagógico que meus alunos, oriundos de várias cidades do interior de Sergipe, ao final das aulas noturnas retornavam às suas casas em transportes escolares. O contato com a vivência alheia me encantava de tal forma que eu constantemente os abordava sobre as especificidades geográficas e culturais que detinham.

Eles me traziam muitas narrativas pitorescas e com o tempo eu fui me embrenhando daquela cultura cheia de novidades para os meus sentidos. Foi assim que eu me apaixonei pela geografia sergipana e a aventura pela descoberta de belas paisagens tornou-se um hábito, um gosto e um prazer. Imersa pelas descobertas quase arqueológicas, logo percebi que a pequena extensão territorial do estado me permitiria correr trecho naquelas terras que tanto afagaram a poesia da minha alma naqueles tempos áridos de luto materno.

Então, uma certa ocasião, mobilizada pela referência afetiva a toda simbologia que permeia o nome Lourdes, subi ao sertão sergipano em companhia da aluna e amiga Eloina

Lima, coincidentemente filha de uma outra Maria de Lourdes, esta nascida no Cedro de São João, SE, e de lá fui conhecer a Cachoeira Poção de Pedras, que é também conhecida como Cachoeira de Lourdes. Localizada no povoado Barro Vermelho, a cachoeira pertence aos domínios políticos da cidade de Nossa Senhora de Lourdes, 133 quilômetros distante de Aracaju, capital do estado.

O acesso se faz pela Rodovia estadual SE-200. Ao passar pela entrada da cidade de Canhoba, saindo de Propriá, basta entrar à direita no povoado Barro Vermelho e seguir por uma estrada de terra de uns quatro quilômetros. Ou, se for o desejo do viajante, também é possível seguir em direção à cidade de Nossa Senhora de Lourdes, que fica aproximadamente a sete quilômetros da referida cachoeira.

Todavia, não foi possível apreciar as águas da Cachoeira de Lourdes, uma vez que o sertão se encontrava castigado pela seca, e a água estava suja e quase extinta. Olhei temerosa para as profundezas daquelas pedras, rezei e resolvi retornar pelo caminho íngreme que me levou até a parte mais alta da cachoeira. Na volta, o mesmo sol a pino ardendo no alto de nossa cabeça, o chão rachado, as pedras quentes, os arames enferrujados, as árvores sem o verde das folhas, a secura do ambiente e a poeira subindo nos ares.

Diante da impossibilidade de apreciarmos a cachoeira em plena atividade, Ivanilson, nosso guia, foi logo discursando: “a altura da Cachoeira Poção de Pedras é de aproximadamente 15 metros, sendo considerada a maior cachoeira de Sergipe. O local é apropriado para a prática de rapel e banhos, pois sua água não é salobra. Os mais corajosos costumam praticar saltos do alto das pedras, pois o rio tem grande profundidade no centro, mas é possível ficar embaixo da cachoeira caminhando sobre as pedras. Como a maioria das cachoeiras que conhecemos,

ela também apresenta sua melhor época para visitação no inverno".

Sorri agradecida pelas informações turísticas, porém nada comentei. Seguimos em silêncio. Aquilo não era um "set" de cinema, era vida real. Paramos em uma casa de taipa e, sedentos, bebemos água de pote. Lembrei de Belchior, o poeta cearense que fez a minha cabeça quando eu, ainda adolescente, deixei a minha terra natal e migrei p'ra Bahia, como se dizia antigamente, quando tomávamos o trem para a Cidade de Salvador: "a minha alucinação é suportar o dia-a-dia e meu delírio é a experiência com coisas reais". E eu que planejei encontrar uma cachoeira, vivi a experiência poética da seca no sertão sergipano.

Mas a ideia inicial era passarmos na bela Borda da Mata, um povoado de Canhoba, que o meu saudoso amigo Otagilson Vieira, bonequeiro sergipano da melhor qualidade, me narrava histórias lindas da sua infância junto a seu pai, nascido naquela localidade. Borda nos recebeu toda linda e abundante em suas águas naturais, numa calma quarta-feira, dia consagrado ao Ofício de Nossa Senhora. E por lá ficamos para o saboroso almoço: galinha caipira cozida com batatinhas, arroz branco soltinho e a companhia de um belo pirão.

Em Borda da Mata ficamos plenos desse prazer gastronômico enquanto contemplávamos aquela povoação e a familiar geografia do Rio São Francisco. Tudo era paz, calmaria e frescor. Entreguei-me a esse estado de presença. Foi quando me lembrei dos bordados de ponto de cruz expostos em varais pelas ruas de uma pequenina cidade localizada na região do agreste sergipano, 94 km distante da cidade de Aracaju, capital do estado, que eu apreciei quando nos dirigíamos para a Cachoeira de Lourdes. Tendo São João Batista como padroeiro, a experiência com a cidade de Cedro de São João mobilizou os meus sentidos.

De coloração semelhante ao mogno, o cedro é uma árvore de proteção e possui diversas propriedades medicinais e valores terapêuticos, sendo ainda considerado um símbolo de imortalidade. Para muitas culturas, acredita-se que, quando queimada, expulsa as forças negativas, invoca as positivas, evoca bons espíritos e conduz as nossas preces ao criador. Muito utilizado desde a antiguidade, para rituais mágicos de limpeza, os egípcios o associavam ao deus Osíris. Também os povos da Mesopotâmia utilizavam o cedro para acessar sonhos e assim obterem revelações para questões aparentemente insolúveis.

Além disso, o cedro é usado para a purificação das pessoas. Levar consigo as suas folhas ajuda a afastar maus espíritos, inclusive, o espírito do cedro é considerado um espírito muito antigo. É sabido que os índios norte-americanos o utilizavam em rochas quentes para a preparação de banhos purificadores. Seus galhos eram queimados e moídos, sendo, portanto, transformados em incensos, com o objetivo de realizar diversas curas.

Os nossos ancestrais acreditavam que o sol habitava essa árvore e que ao tomar o chá da casca do cedro o sol voltaria a brilhar no coração da pessoa triste. O povo guarani utiliza-o como medicina para tratar tristeza, solidão e depressão. O aroma do cedro proporciona clareza mental, autoconfiança, força e fé para atravessar momentos difíceis da vida.

Soberano, entre mitos e lendas, o cedro tem poder rejuvenescedor e proporciona longevidade às pessoas. Sendo uma planta recomendada para acompanhar meditações e reflexões na prática do Yoga, costuma-se usar gotas de óleo essencial de cedro visando aterramento das posturas. Por conta da sua estrutura de profundo enraizamento o cedro tem uma especial conexão com as meditações restaurativas dessa prática.

A Bíblia faz inúmeras menções ao Cedro do Líbano, especialmente como referência à ideia do homem justo e

prudente, que deve crescer como esta árvore. Nesse sentido, podemos pensar no desabrochar do cedro como uma metáfora espiritual a nos ensinar que nós devíamos crescer como o cedro, alicerçando as nossas raízes com firmeza e determinação e, assim, poder superarmos as intempéries da vida.

Nos três primeiros anos da sua existência o cedro cresce externamente apenas cinco centímetros, todavia sua raiz já mede um metro e meio de profundidade. Durante seu crescimento para fora da terra sua raiz continua crescendo, chegando a um nível de crescimento que alcança os lençóis freáticos, para que dessa maneira possa se alimentar independentemente da presença das chuvas e do clima externo. Nem a presença das rochas a impedem de crescer. Sabiamente, as raízes do cedro se entrelaçam a essas rochas e seguem crescendo e encontrando outras rochas e se abraçando a elas, para se ancorarem até por 40 metros.

Na história do Cristianismo, João Batista foi o último profeta do Antigo Testamento. Filho de Zacarias e Isabel, foi ele quem batizou Jesus Cristo, seu primo e filho de Maria, no Rio Jordão. João recebeu uma missão espiritual de também batizar o povo da Judéia e da cidade de Jerusalém e, dessa forma, preparar o caminho para a chegada do Filho de Deus, conforme se referiu o profeta Isaías.

Para tanto, além das necessárias orações e meditações, ele decidiu-se pela vida simples e o seu isolamento da vida mundana e, assim, poder se preparar espiritualmente para cumprir o seu propósito de lidar com a insensatez do povo judeu e lhes apresentar o ministério de Jesus. Essa ação religiosa se constituía em explicar-lhes pedagogicamente o sentido do arrependimento, com relação à maldade, ao ódio, ao rancor, à mentira, à indiferença, entre outras indisposições para um coração amoroso; a confissão de pecados, com vistas a uma busca de cura, tais como o egoísmo, a ausência de amor, a avareza, a injustiça, a

desonestidade, a mentira e a ganância e, dessa maneira, obter a remissão dos pecados e assim poder desfrutar das bênçãos divinas.

É interessante observar que a Igreja Católica o homenageia no dia do seu falecimento, em 29 de agosto, mas também na data do seu nascimento, em 24 de junho. Ao lado de Jesus Cristo e de Maria Santíssima, São João Batista é o único santo a quem a Igreja celebra no dia do seu nascimento. A tradição é a celebração dos santos nas datas dos seus falecimentos da vida terrena.

A história conta que João Batista morre decapitado por um capricho de Salomé, descendente de Herodes, e esta é uma importante informação que, logo de imediato, o aproxima da cidade sergipana de Cedro de São João, de sugestiva ancestralidade cristã-nova, com uma população tradicionalmente católica romana.

Tal fato despertou a atenção do pesquisador Marcos Silva, levando-o a escrever na obra "Cristão-Novos no Nordeste: entre a assimilação e o retorno", editado pela Universidade Federal de Sergipe: "(...) o principal acidente geográfico da cidade é uma lagoa, a chamada Lagoa Salomé. Como explicar esta contradição de se homenagear a mulher que foi responsável pela morte do santo padroeiro, São João Batista" (2012, p. 88). Silva observa que "o conjunto dos indícios coletados constituem uma forte evidência de que no passado remoto dos cedrenses, cristãos-novos judaizantes criptografaram uma mensagem para a posteridade. Cabe aos seus descendentes decifrá-la" (2012, p. 103).

Nesses tempos de pandemia, e em longo isolamento social, rememorei a viagem empreendida à Cachoeira de Nossa Senhora de Lourdes, a qual me proporcionou a bela visão dos bordados de Campo do Brito. Foi quando me lembrei dos ensinamentos tão amorosos de São João Batista: saber se dar ao outro e aos elementos da natureza, saber ser honesto e não maltratar ou extorquir nenhum ser

humano, principalmente aqueles economicamente mais fracos.

Considerando o medo que a humanidade vem sofrendo em razão do perigo iminente da pandemia é possível que a imagem espiritual de João Batista, como arquétipo, possa ensinar algo essencial sobre a humanidade e sobre a maneira em que vínhamos interagindo com o planeta Terra. A humanidade descolou-se da natureza e da sintonia com a terra, inclusive negando a pluralidade das formas de vida, de existência e de hábitos. É fato que a Mãe Terra nos intimou para uma tarefa espiritual muito delicada a ser cumprida: o exercício do recolhimento, do silêncio, do amor incondicional e da busca de uma autoconsciência do que somos nós. E a necessidade desse despertar para a verdade mais verdadeira ocorreu por conta de um modo de funcionamento humano, que entrou em crise.

Desse modo, se pensarmos que tudo é natureza, a comunhão com tudo o que chamam de natureza deve ser a sua principal experiência vivencial. Portanto, nesse retorno à essência humana, principalmente nesse momento em que o mundo se encontra em suspensão, talvez a gente necessite aterrar-se com as forças espirituais do cedro. Quem sabe nos inspirarmos na resiliência dos ancestrais e, seguramente, a gente deva aprender alguma coisa de muito transformador com essa tragédia mundial. Como todas as cidades do planeta, as ruas de Cedro de São João estão vazias devido ao isolamento social e muito provavelmente seus artistas populares estejam sofrendo prejuízo na produção e no comércio de seus belos bordados de ponto de cruz. Em Cedro, particularmente, porque a maioria de homens e mulheres que confeccionam os bordados se utilizam das ruas da cidade para a secagem da goma, com que banham os tecidos depois de trabalhados no bordado.

As inusitadas imagens dos varais com tecidos pendurados de bordados de ponto de cruz, nas ruas de Cedro de São

João atravessaram meu coração naquela manhã, quando eu pretendi visitar a Cachoeira de Nossa Senhora de Lourdes e seguia estrada adentro quando fui surpreendida por aquela bela instalação artística em pleno agreste sergipano. Extasiada pela fruição estética daquela cenografia eu contemplei aqueles bordados tão poéticos e silenciosamente agradeci ao Grande Criador por tamanha generosidade com os meus sentidos e a minha alma. Eu estava na presença de uma memória ancestral e em honra da arte sergipana saboreei aquele saber popular.

Um vento trazido pela brisa do Velho Chico tocou o meu rosto suavemente. Conectei-me em oração com o silêncio da Divina Consciência e, inspirada por esse espírito, e em presença das águas do Rio São Francisco, honrei os meus ancestrais e a todos os ancestrais daquele lugar e por todas as relações assim falei: eu agradeço à natureza por tudo que nos oferece, abençoa e cura. Salve São Francisco! Salve, São João Batista! Sua benção Xangô! Sua benção Obaluaê, Atotô! Sua benção Kuaracy! Sua benção Nhamandú! Sua benção Tupã! Abençoem a todos nós! Nos protejam de todos os males, nos ensinem a transmutar as nossas dores e expandam a nossa missão de difundir os saberes ancestrais e seus valores espirituais. Eu confirmo os meus contratos sagrados e o meu compromisso com a minha alma e a minha consciência, no sentido do meu autoconhecimento e da minha cura. Salve Oxum! Salve, salve Nossa Senhora de Lourdes, que me convocou para essa alquimia! Assentamento é coisa séria!

Referências

SILVA, M. *Cristão-Novos no Nordeste:* entre a assimilação e o retorno. São Cristóvão: Editora da UFS, 2012.

O Menino e o Baú

Rico Lucena e seu Neto Theo

Rico Lucena[17]

O menino ganhou um baú do Vô
Um baú azul com um sol dourado.
É um baú de mágico, disse o Vô
Dentro dele brotam sonhos!
E o menino entrou no baú
Cheio de curiosidades;
Lá dentro: dois carrinhos,
três livros coloridos
E algumas peças perdidas
De um velho brinquedo quebrado.
Olha Vô, esse carrinho voa!
E o menino era todo sorrisos
Já dentro de um mundo só seu
Cheio de viagens e lembranças
Vendo brotarem estórias,
Sonhos... brinquedos alados
Em seu coração de criança.

O Baú em que Cabe um Vô e um Menino
Rico Lucena

- Eu não quero esse baú! Foi dizendo decidido.
-Mas, por quê? Vovô mandou fazer para você guardar seus brinquedos!

- Não quero! Não gostei!

E saiu pela varanda em direção a sua casa. À noite, o avô ainda tentou convencê-lo: você vai gostar do baú. Ele tem espaço e seus brinquedos poderão ficar guardadinhos nele e toda vez que você precisar deles para brincar, saberá onde encontrá-los. Mas não teve jeito, a negativa se repetiu e a conversa esfriou.

O avô, meio triste, resolveu que iria pintar o baú. Dar uma cor diferente, e fazer um desenho para, só depois, reapresentá-lo ao menino.

Por dias o vô lixou o baú, passou selador, e depois de escolher uma tinta azul bem bonita, pôs-se a pintar com um pincel grosso aquele baú rejeitado. Cuidou de virar e pintar primeiro a parte de baixo, depois as laterais e, por fim, a tampa. Voltou à loja onde havia comprado a tinta, escolheu um spray dourado e desenhou num papel branco o único sol que sabia fazer. Fez um molde e colou sobre a tampa para, só depois, usar o spray e deixar feito o seu sol, como um coração dentro do peito apaixonado de avô.

Feita a pintura, deixou lá, sozinho, o baú na varanda. Deixou para que pudesse surpreender aquele menino, que saíra tão decidido, dias antes, deixando o vô e o baú para trás. No dia seguinte, ao passar pela varanda, qual não foi o espanto do menino: - Nossa, que baú lindo! Todo azul! E tem um sol! Eu quero vô, eu quero!!

No outro dia, ao chegar na casa do vô, o menino já encontrou o baú no quarto e com vários dos seus brinquedos dentro. Num cantinho, lá no fundo, uns carrinhos; noutra parte, os livros de estórias e, numa outra parte ainda, várias peças de uns brinquedos que precisavam ser arrumados.

O menino entrou no baú e o vô sentiu como se fosse em seu próprio coração. E o menino brincou sem sair do baú, e contou estórias e sorriu... o vô, que era só felicidade, tinha um sol no coração!

O Menino e a Mangueira

Sergio Sal[18]

Quando criança morava numa casinha linda, com cara e cheiro de manga. Essa casa ficava em Aracaju. Falava para meus amiguinhos que a minha casa tinha uma linda mangueira no quintal e, para minha surpresa, todos meus amiguinhos também tinham um pé de manga no seu quintal (naquele tempo todas as casas tinham quintais e todas as casas tinham um pé de manga). A gente se perguntava por que não tinha pé de caju, já que a gente morava em AraCAJU! Mas não ligávamos pra isso não. Na verdade, gostávamos mais das mangueiras do que dos cajueiros. As mangueiras nos davam mais possibilidades de brincadeiras de criança. As mangueiras eram crianças como nós. As mangueiras falavam com a gente.

Achava que, no fundo, todas as pessoas nasciam das mangueiras. A minha mãe tinha nos seios leite de manga. Eu não falava sozinho quando criança, eu falava com elas e sei que elas me ouviam e até brincavam comigo. Eu tinha ciúme e inveja dos pássaros. Eles moravam nelas e se alimentavam delas. Um dia eu briguei com um passarinho, ele achava que era o dono dela e não era. A mangueira era minha e estava na minha casa, ele não podia se achar o dono. Um outro dia eu quase quebrei a casa do passarinho pra ele não voltar mais para minha mangueira. Mas eu acho que a minha mangueira gostava desse passarinho, pois

quando eu estava quase chegando no ninho dele, ela deixou cair uma manga enorme na minha cabeça. Eu quase cai lá de cima. Só não caí porque ela me amparou nos seus galhos. Na hora fiquei meio tonto, e o passarinho pousou na minha perna, e cantou pra mim. Depois desse dia eu percebi que a minha mangueira não era só minha, era de todos, e eu tive que aprender com ela. Às vezes, deixava de brincar com meus amigos para ficar com ela. Achava bobo brincar com pessoas, preferia as mangueiras e os pássaros.

Na minha casa, que cheirava à manga, o quintal era um outro mundo. Um mundo só meu, nem meus irmãos pertenciam a esse mundo. Acho que eles tinham outras árvores, quem sabe os cajueiros, os coqueiros, ou até os oitizeiros. Sempre gostei dos cheiros das frutas. Próximo à minha casa, com cara e cheiro de manga, tinha uma praça com muitos pés de oiti. Era a Praça Camerino, impregnada de cheiro de oitis. Também é o cheiro da minha infância. O gosto não era tão bom, nada se comparava ao cheiro e ao gosto da minha manga.

Em torno da Praça Camerino tinham muitas casas, todas com uma mangueira no quintal. Mas eu sempre voltava correndo para minha amiga mangueira, para conversar com ela e meu amigo passarinho. Quando ele não estava, eu subia no telhado da minha casa, onde tinha um galho imenso, e sempre carregado de mangas. Chupava algumas mangas. Os dentes ficavam cheios de fiapos e eu passava o resto da tarde deitado no telhado, tirando os fiapos dos dentes, e vendo o vento a bailar com as mangas. Algumas dançavam tanto, que de cansaço despencavam lentamente, até o chão. Sempre no final da tarde, meu amigo passarinho chegava para descansar. Nesse exato momento o balé terminava. Parecia que era tudo combinado. Parecia que minha mangueira chamava seu amigo passarinho para dormir e lentamente ela encostava seus galhos nos meus ombros, como se dissesse que agora eu tinha que ir dormir. Eu obedecia, descia do telhado, sempre por um galho mais

forte, e quando tocava o chão dava um abraço longo no seu tronco, e desejava boa noite.

A primeira coisa que fazia quando acordava era pegar as mangas caídas durante a noite. Juntava todas numa bacia e corria para entregar à minha mãe. Não conseguia acordar cedo como meu amigo passarinho, ele acordava com o sol. Eu achava que o sol morava dentro da barriga do passarinho e quando ele abria o bico o sol nascia e só assim ele poderia voar.

Certo dia, meu pai chegou em casa dizendo que em breve mudaríamos, iríamos pra uma casa melhor. Eu não conseguia entender o que seria uma casa “melhor". Seria uma casa numa mangueira! Seria uma casa com muitas mangueiras! Meu coração apertou, ele tinha o formato de uma manga. Comecei a suar e um certo pavor tomou conta de mim. E se na nova casa não tivesse uma mangueira? E como deixaria a minha mangueira e meu amigo passarinho? Sai correndo e subi no galho mais alto da minha amiga mangueira. Comecei a chorar e perguntei à minha amiga se ela não poderia me transformar numa manga. Queria pertencer a ela, e quem sabe um dia, a minha semente se transformasse num lindo pé de manga. Nesse momento, meu amigo passarinho chegou e me falou que todas as casas tinham mangueiras nos seus quintais e que todas elas, na verdade, eram uma só. Que suas raízes se ligavam por debaixo de todas as casas e que nunca teria uma casa sem uma mangueira. Escutei atentamente, e quando abri os olhos, já estava na casa nova. A casa era maior e no quintal tinha duas mangueiras lindas e carregadas de frutos. Nelas havia ninhos e passarinhos de todos os tipos. Uma parte da mangueira fazia sombra na calçada e a vizinhança passava no final de tarde para pegar mangas caídas no chão, aquelas mangas que dançavam com o vento e se cansavam. Eu não sabia o que era calor, pois minhas mangueiras faziam sombras onde as formigas carregavam esperanças de dias melhores e nem sentiam o pesar das horas.

As festas de aniversário eram sempre ao pé das mangueiras. Havia um mundo dentro dela, onde eu e meus primos brincávamos e fugíamos dos adultos chatos. Nesse dia, brinquei tanto, que caí de cansaço numa rede de sonhar e sonhei ventos de mangas. E quando acordei já era adulto e morava em outra cidade. Não tinha mangueiras. As mangas não eram saborosas e algumas nem fiapos tinham. Diziam que era melhoramento GENÉTICO. Que graça tem manga sem fiapos? Já em terras distantes comprei uma casa e, para minha surpresa e felicidade, tinha uma mangueira no quintal. Tinha cheiro de manga e pássaros e minha infância estava num ninho protegido por um passarinho. Fiquei tão feliz que resolvi voltar à Aracaju e ir à casa das mangueiras, onde existia outro mundo entre seus galhos, e onde eu, meus primos e amigos, fugíamos dos adultos chatos.

Quando entrei na rua onde era minha antiga casa achei que tinha algo estranho. Primeiro, achei que tinha entrado na rua errada, pois não tinha mangueiras, nem sombras. Fui andando lentamente, com um nó na garganta e um aperto no coração. Não tinha entrado na rua errada, a casa estava lá, mas sem vida. O quintal virou um deserto, a sombra não mais existia. Fiquei sem entender por alguns longos minutos, o que teria acontecido. Onde estavam as minhas mangueiras? A casa estava à venda e tinha um senhor na varanda. Perguntei pelas mangueiras e ele disse: “aquelas árvores não serviam para nada, só sujeira e mosquitos. Tiramos todas. Agora tá bem melhor, tem um estacionamento enorme, cabe uns 20 carros. Bem mais fácil vender a casa”.

Sai de lá sem entender. Comecei a andar pelas ruas da cidade e notei que não existiam mais mangueiras nos quintais, não existia mais vida nas casas, não existiam mais pássaros, nem sombras. Era só sol. O balé do vento com as mangas, os quintais, os pássaros e as mangueiras ficaram no passado. Eu sou o menino, meu nome é Sérgio. Mas eu

ainda sou o vento, as mangas, os quintais, os pássaros, o cheiro, o fiapo e a seiva da minha mangueira. E viveremos não só de lembranças. Uma manga acabou de cair e uma mangueira com quintais, fiapos, pássaros e crianças nascerá em Aracaju, e outros meninos voltarão a sonhar.

Espelho de Aninha

Denise Guimarães[19]

Ana ... como iniciar este diálogo em verbo se a nossa missão sempre foi dançá-los!? Trago então, neste contexto, a minha vida em Espelho ... sendo você um reflexo do meu olhar para a dança. A voz, o gesto, a presentidade do modo de ser e viver sua dança trouxe, nos anos iniciais das incertezas acadêmicas, um Espelho para dançarmos a Educação Física, muito além dos muros das escolas. Para você, que lê estes versos, entender tal analogia, que estabeleço com o Espelho, basta fazer o seguinte exercício:

- Feche os olhos...
- Imagine-se olhando no Espelho... dançando...
- Conseguiu...?
- Se sim ou se não... traga para seu Espelho Aninha...
- O que vês? O que sente? O que vibra em seu movimento?
- Ela te leva ... os movimentos fluem ... seus braços seguem os braços de Aninha... suas pernas seguem os movimentos de Aninha... seus olhos se fixam nos olhos de Aninha... sua respiração... transcende com Aninha... Enquanto dançávamos em Espelho colhemos frutos. Na

graduação, vimos o conhecimento de uma dança que privilegia o ser humano em sua essência e, ao final desta etapa (TCC), construímos um repertório expressivo da dança para pessoas com deficiência. No mestrado... o resgate da dança em seu seio veio através da cultura indígena, que luta e resiste para dançar a vida.

O que dizer ao final deste breve diálogo...! O Espelho de Aninha respondeu àquela pergunta que todos aprendizes da dança se questionam quando aprendem a dançar com o olhar para a Educação Física transformadora, a qual questiona: Qual é o som do movimento?

A minha resposta é: o som que instrui, que acolhe, que se anula, que privilegia, que inclui, que resiste, que muda e cede, mas não desiste do seu modo de ser, sentir e pensar a sua dança. Este som que movimenta e impulsiona a dança da vida está no Espelho de Aninha.

> *Viva o olhar que se deleita em outrem em busca de acalento e aconchego, de acolhimento e luz. Estes são Espelhos de vida, de almas puras que produzem e compartilham mistérios... quem ousa se espelhar jamais retornará ao que eram antes* (Denise Guimarães).

ENCANTO ACADÊMICO: VOZES DE MESTRES E AMIGOS

“Canção Óbvia", poesia escrita por Paulo Freire quando estava exilado na Suíça, na década de 1970

Escolhi a sombra de uma árvore para meditar
no muito que podia fazer enquanto te esperava
quem espera na pura esperança
vive um tempo de espera qualquer.
Por isso enquanto te espero
trabalharei nos campos e dialogarei com homens, mulheres e crianças
minhas mãos ficarão calosas
meus pés aprenderão os mistérios dos caminhos
meu corpo será queimado pelo sol
meus olhos verão o que nunca tinham visto
meus ouvidos escutarão ruídos antes despercebidos
na difusa sonoridade de cada dia.
Desconfiarei daqueles que venham me dizer
à sombra daquela árvore, prevenidos
que é perigoso esperar da forma que espero
que é perigoso caminhar
que é perigoso falar...
porque eles rechaçam a alegria de tua chegada.
Desconfiarei também daqueles que venham me dizer
à sombra desta árvore, que tu já chegaste
porque estes que te anunciam ingenuamente
antes te denunciavam.
Esperarei por ti como o jardineiro
que prepara o jardim para a rosa
que se abrirá na primavera.

Queridos leitores, reservei esse Canto para, com muito respeito, expressar gratidão, trazendo-lhes um pouco dos registros da intensa jornada profissional, que percorri durante a minha história de vida. Nesse espaço, foi possível representar, por meio dos relatos de pessoas especiais, com as quais convivi nesse percurso de muitos desafios, e em diferentes momentos históricos, a diversidade das minhas experiências profissionais, e realizações pelas diversas áreas do saber. A minha gratidão por cada um deles é indescritível, mas sentida em cada momento de construção vivida na minha formação humana.

Ao longo dos anos, e dos muitos encontros, construí um currículo de muita vida, escolhas e entregas, para cada atividade realizada na minha carreira profissional, evidenciando a importância de tantas pessoas com as quais me relacionei, tais como alunos, professores, agentes administrativos e gestores das diferentes instituições de ensino em que trabalhei. Expresso os meus sinceros agradecimentos a todos aqueles que acreditaram e inseriram-se no meu trabalho, criando confiança, respeito e, por muito tempo, me ensinaram e continuam ensinando, a partir da sua presença, sabedoria e forma única de SER. Vocês são a minha infinita história de sonhos, ilusões e aprendizagens, além de um tempo determinado e historicamente registrado.

... VALEU A PENA, SOU PESCADORA DE ILUSÕES!
(Rappa)

Encontros, Viagens, Sonhos e uma Amizade

Prof. Dr. Claudio de Oliveira Assumpção[20]

O que falar de Ana Angélica Freitas Gois?

Um ser humano diferenciado, de difícil definição, se é que seja possível defini-la, e que palavras podem não ser

suficientes para descrevê-la. Dito isso, vou relatar como o destino me oportunizou o convívio e compartilhamento de momentos ímpares, que marcaram nossas vidas, e que nos mantêm ligados até hoje.

Em decorrência de nosso desejo em contribuir com a formação de profissionais/professores de Educação Física fomos procurar nos qualificar para tão honrada função. E chegou a aprovação no processo seletivo para o Programa de Mestrado em Educação Física, da então renomada Universidade Metodista de Piracicaba, minha querida UNIMEP, pela qual eu já havia passado durante a graduação.

Eu, ao certo, assim como todos os amigos pós-graduandos, não tinha a mínima noção do que iríamos enfrentar nessa nova etapa de nossas vidas. E muito menos o que realmente isso significaria e influenciaria em nossas jornadas futuras. Foram momentos incríveis, com trocas e construção do conhecimento, que reverberaram e nos permitiram lecionar em uma instituição, que apostou em um projeto pedagógico que valorizava a integração entre docentes experts em suas áreas de atuação e jovens professores em formação, como Ana e eu. Assim, pudemos conviver, por alguns anos, não só no ambiente profissional, mas também no percurso até a Universidade, já que a instituição onde lecionávamos, Faculdade de Vinhedo - FAV, estava localizada a aproximadamente 100 km de Piracicaba.

“Eita”, além das descobertas profissionais e novas vivências compartilhadas, como eram boas as viagens, as conversas, as músicas, as risadas, o choro, as alegrias, as tristezas, o amadurecimento. Enfim, como tudo tem um fim, ou um recomeço, ao término de aproximadamente 3 anos eu não faria mais parte do corpo docente dessa instituição, e por capricho do destino, que não nos queria afastados, me vinculei ao mesmo tempo à outra instituição, com características distintas em relação à composição do seu

corpo docente: estavam investindo em jovens docentes que se destacaram nos anos iniciais das suas carreiras. E assim, por indicação da professora Ana Angélica, estávamos novamente juntos em um novo projeto, o qual me possibilitaria, após 6 meses, chegar à coordenação do curso de Educação Física. Além de contar com uma equipe idealizada em conjunto com os docentes que ali estavam, e avançar para o reconhecimento do nosso curso de Educação Física junto aos órgãos reguladores/fiscalizadores, e também à sociedade.

Você, minha amiga, referência não só pelo comprometimento com sua origem e com o próximo, saiba que o seu legado ecoa em nossos corações e ações, fruto da sua luta pela vida, pela família, por uma área de atuação que precisa de destaques, como você. Muito obrigado por tudo que me permitiu aprender e viver com você e sua linda família.

Família cuja construção acompanhei desde o início da relação com seu querido Joca, e o crescimento (chegada do ilustre Joaquim). Certamente um feito que só quem tem a possibilidade do convívio diário, com as vitórias, as derrotas, as alegrias, as frustações e todos os turbilhões, que envolvem o cenário familiar, sabe o que estou dizendo. Sua família é maravilhosa e tenho a satisfação de tê-los conosco sempre.

Finalmente, como já relatado, nós não tínhamos a mínima noção do que iríamos enfrentar nas diferentes etapas de nossas vidas. Isso ainda permanece atual, contudo, já temos alguns indicativos. Tanto você, Ana Angélica, como eu, tivemos a honra de estar vinculados a Universidades Federais de destaque no cenário nacional e internacional. Formamos inúmeros profissionais, produzimos materiais didático-pedagógicos e outros, acadêmico científicos, que auxiliam para atenuar a inquietude de muitos, em busca da excelência. Não vendemos nossas almas e muitos menos

nossos princípios, e hoje podemos olhar para o caminho percorrido e nos orgulharmos da trajetória.

Não sei qual será o fim, mas, certamente, o mais importante não será o final e sim as histórias vividas. Então lembre-se:

Peguei minhas coisas fui embora
Não queria mais voltar
Eu nunca quis presenciar o fim
Há dias que os dias passam devagar
Tudo se foi nada restou pra mim
Por isso estou aqui agora
Vou embora sem pensar
No que ficou pra começar ali
Mas eu só tinha algumas horas pra voltar
Tudo se foi, nada restou pra mim
São coisas que somente o tempo irá curar
Se for para nunca mais te ver chorar
São coisas que somente o tempo irá curar
Se foi tudo vai passar....
Compositores: Fernando Estefano Badaui / Luciano Garcia / Eduardo Ippolito Torrano Gomes / Ricardo Di Roberto / Ronaldo Ferreira Spinola.

Minha querida amiga, muito obrigado por se fazer presente em minhas ações, percepções e reflexões. Você foi fundamental para que eu entendesse o verdadeiro significado da amizade, respeito e mérito, por você conquistados com muita perseverança e empenho. A você, mulher valente, todo o meu carinho, admiração e respeito.

Encanto Acadêmico: Pelas Teias da Complexidade, Corporeidade e Cultura

Pedro Paulo Araujo Maneschy[21]

Em pleno carnaval de 2021 ela me chamou:

- Vamos escrever? Tenho um convite. Vou lançar um livro em abril e nele há um último capítulo, intitulado Encanto Acadêmico. Trago relato de pessoas com as quais convivi na

minha jornada acadêmica e você é um deles. Relato livre e leve sobre nossa jornada juntos, que tal?

Ela é Ana Angélica Freitas Gois, para min apenas Angélica, uma professora da Universidade Federal de Sergipe, “muié” baixinha, sergipana arretada, apaixonada por dança e pela vida, sempre firme e decidida em suas posições, criativa em suas propostas pedagógicas e, principalmente, extremamente solidária e amorosa nas relações humanas.

O carnaval não aconteceu por conta da pandemia da Covid-19, que no Brasil já infectou cerca de 10 milhões de pessoas e ceifou mais de 250 mil vidas, 10% do total dos óbitos no planeta, muito por conta da postura irresponsável do governo federal brasileiro, que nesse momento, em vez de investir na vacinação de toda a população, acaba de liberar o aumento da compra de armas de fogo. Dias antes, eu compartilhei em minhas redes sociais a seguinte frase: “me armo de livros, me livro de armas...”. O convite para escrever em um capítulo de livro, e de me armar de letras, ativou minhas memórias da pele, aquelas que ficam das experiências autênticas, e se guardam em lugares inesquecíveis da nossa corporeidade viva, e que configuram aquilo em que nos tornarmos.

Eduardo Galeano (2012, p, 34) nos fala que "os cientistas dizem que somos feitos de átomos, um passarinho me disse que somos feitos de história". A memória é como um livro de letras móveis, com palavras móveis, que trocam de página, que às vezes somem, que reaparecem adiante. O tempo passado só existe nos rearranjos que a memória faz. Mas a memória é soberana, a memória se lembra dos fatos que importam, e se a esses falta importância, ela inventa. Moacyr Scliar (2001) diz que memória e desejo representa uma fórmula que resume nossa existência. A memória nos remete para o passado, o desejo nos projeta para o futuro. Com este espírito me aventuro por esse ensaio.

Os encontros e encantos acadêmicos, que meu pensamento crepuscular me fazem lembrar do convívio com a Angélica, remontam ao final dos anos 1990 até os meados dos anos 2000, época em que peguei o Ita no Norte, vim de Belém do Pará e aportei na Rua do Porto de Piracicaba (SP) para fazer o mestrado em Educação na Universidade Metodista de Piracicaba, nossa querida UNIMEP. E, depois, o doutorado em Educação Física na Universidade de Campinas (UNICAMP). Nesse período, formamos um grande, seleto, sincrético, multicultural e alegre grupo de alunos, alunas e docentes, os quais, com seus e suas companheiras, viveram intensas experiências de saberes e sabores acadêmicos e lúdico-culturais.

Sei que a Angélica vai me permitir fazer uma homenagem nesse breve texto. Ciente estou de que poderei cometer alguns lapsos de memória, mas a oportunidade é irresistível.

Ao Wagner, nosso orientador e amigo, que nesses anos todos nos ensinou a gostar de São Paulo e de Piracicaba, e também nos orientou na busca constante pela radicalidade, pelo rigor, pela complexidade e na descoberta do prazer da produção científica, em você simbolizo todos os nossos queridos e queridas professoras. E à turma maravilhosa que dou graças de saúde, paz, amor, humor e felicidade: De Marco (*in memoriam*), Lene, Eline, Regina, Denis, Flávia, Petrúcia, Ciça, Ivan, Marco Aurélio, Eliose, Heliosa, Marta, Renata, Teixeira, Constantino, Miquim, Zé Carlos, Alê, Patrícia, Roberta, Lucas, Moisés e o angoleiro Zequinha.

Acredito, que para além ou aquém da carreira acadêmica, fazemos história e contamos histórias de vida, vida em abundância. – Égua, com vocês me tornei um Para-cicabano! Abreijos a todas e todos! Dessa intensa vivência e partilha, da qual Angélica e eu participamos, algumas questões merecem destaque e registro nesse momento. Inicialmente, desejo revelar o que chamei de “Metáforas de Encantamento”, quando despertei para a necessidade de

articular, em meu fazer pedagógico em aulas de Filosofia e História da Educação Física no Ensino Superior, as diversas linguagem produzidas pela cultura humana, na verdade me intrigava a forma que me parecia estéril de nós, da Educação Física, tentarmos superar a dicotomia teoria e prática. Daí que encontrei, em um prefácio de livro, a seguinte expressão de Milton Almeida (1998), professor com quem estudei na UNICAMP:

> As palavras, imagens e [sons] que vamos ler, ver e [ouvir], querem estar juntas e separadas. Juntas para que cada uma ganhe a imaginação que lhe falta. Separadas para que cada uma conte a sua história. Juntas e separadas para que cada um de nós construa outra história e imagine novamente.

As palavras sons e ouvir eu tomei a liberdade de incluir no texto, acredito, sem alterar o sentido da citação, para satisfazer meu desejo de anunciar que podemos ser educados através das palavras, imagens e sons. Portanto, no processo pedagógico é importante dar espaço para textos escritos, obras visuais de diversos gêneros, músicas, que podem ser ouvidas e dançadas de inúmeras maneiras.

Talvez a grande questão seja encontrar a beleza contida no texto escrito, a profundidade da expressão visual e a música que ativa múltiplas ações e saberes da corporeidade humana nas expressões da dança e ritmos, que revelam toda uma história e aspectos biopsicossociais em seus movimentos. E mais, a aula pode ser o espaço privilegiado de buscar articular essas linguagens. Te convido a imaginar comigo uma experiência, que provoquei em meus alunos em aulas ministradas no início dos anos 2000: uma imagem da escultura “O pensador”, de Auguste Rodin, o áudio da música “Pensamento”, interpretada pelo grupo Cidade Negra e o texto “Todo homem é filósofo”, de Antonio Gramsci (1999). Separados para que cada linguagem conte a sua história, juntos para que cada uma ganhe a imaginação que lhe falta e, juntas e separadas, para que cada sujeito conte a sua/outra história... O seja, para que o

novo e significativo se revele, é preciso misturar as coisas e colocá-las em tensão, buscando outros sentidos na aproximação problemática de linguagens diferentes (ALMEIDA, 1998).

A outra dimensão de encantamento acadêmico, que nosso encontro possibilitou, foi o contato com as teorias da complexidade e da corporeidade. O cartesianismo, paradigma mestre do Ocidente, coloca-se sob os princípios de disjunção, redução e abstração, bem como tem como base de verdade as ideias “claras e distintas”. Contudo, Edgar Morin (1991, p. 15) diz que:

> este paradigma, que controla a aventura do pensamento ocidental desde o século XVII, permitiu sem dúvida os grandes progressos do conhecimento científico e de reflexão filosófica; sendo que as suas consequências nocivas últimas só começaram a revelar-se no século XX.

Para o autor, tal disjunção tem como consequências: a separação do sujeito pensante (*ego cogitans*) da coisa extensa (res extensa); a hiperespecialização dos saberes e o isolamento compartimentalizado das três grandes áreas de conhecimento, quais sejam: a física, a biologia e as humanidades. A tentativa de que nos encantamos é a de superação do paradigma cartesiano, insere-se na lógica da complexidade, na qual busca-se um conhecimento multidimensional.

Assim, no dizer de Morin (1991, p. 19), no paradigma da “disjunção/redução/unidimensionalização, seria preciso substituir um paradigma de distinção/conjunção/multidimensionalização que permita distinguir sem separar, associar sem identificar ou reduzir”. Este paradigma teria como perspectiva um princípio dialógico e translógico, integrando a lógica clássica tendo claro, simultaneamente, seus limites, contradições e formalismos, bem como superando-a na direção de um conhecimento que busca a totalidade, sem cair na abstração do holismo. Em outras palavras, um paradigma

que escapa da unidade abstrata do alto (holismo) e do baixo (reducionismo). Morin indica, ainda, que “o pensamento complexo é animado por uma tensão permanente entre a aspiração a um saber não parcelar e da incompletude de qualquer conhecimento” (1991, p. 9). Sobre a relação todo-parte, no paradigma da complexidade, é instigante a colocação de Petraglia (1995, p. 51-52):

> Primeira etapa da complexidade: temos conhecimentos simples que não ajudam a conhecer as propriedades do conjunto. uma constatação banal que tem consequências não banais: a tapeçaria é mais que a soma das partes que o constituem. Segunda etapa da complexidade: o facto de que existe uma tapeçaria faz com que as qualidades deste ou daquele tipo de fio não possam todas exprimir-se plenamente. Estão inibidas ou virtualizadas. O todo é então menor que a soma das partes. Terceira etapa: isto apresenta dificuldades para o nosso entendimento e para a nossa estrutura mental. O todo é simultaneamente mais e menos que a soma das partes. Nesta tapeçaria, como na organização, os fios não estão dispostos ao acaso. Estão organizados em função da talagarça, de uma unidade sintética em que cada parte concorre para o conjunto.

E a própria tapeçaria é um fenômeno perceptível e cognoscível, que não pode ser explicado por nenhuma lei simples. O corpo, tido como máquina na perspectiva cartesiana, na dimensão da corporeidade, refletida nesse paradigma emergente, busca fundamentos na concepção de diversos autores, com quem nos encontramos nesse momento da nossa história.

Hugo Assmann (1994), ao apontar a corporeidade como instância de critérios e como referencial paradigmático básico para a educação, a política, a economia, e a religião, indica que somente a partir da corporeidade se pode radicalizar a redefinição do político, do social, do educacional. Morin (1991), nos fornece interessante chave para uma ampla e profunda concepção de Homem, sublinhando uma dialética em que figuram o físico, o biológico e o antropossociológico, na qual o Homem emerge como uma máquina viva, como *physis* organizada e organizadora, produtora e autoprodutora. Neste processo,

o Homem se apresenta acima de tudo como um ser práxico, um ser que se atira à sua realização, superando suas carências na práxis.

Para Sérgio (1986), as dimensões da pessoa humana parecem basear-se na: corporeidade (o Homem é presença na história com o corpo, no corpo, desde o corpo e através do corpo); na motricidade (personalização, humanização de todo o movimento); na comunicação e cooperação (o sentido do outro); na historicidade (expressa na vivência do presente calcado no passado-recordação e no futuro-esperança em que se projeta); na liberdade (passagem da necessidade à liberdade); na noosfera (ou reino do espírito e da cultura); e na transcendência (ser humano é agir para ser mais). Refletir sobre o movimento humano enquanto objeto da nossa práxis e ação pedagógica implica entendê-lo como social, histórico e culturalmente construído, sendo necessário resgatá-lo na sua complexidade e compreendê-lo/interpretá-lo como uma totalidade nas suas múltiplas e recíprocas determinações, bio-fisiológicas e socioculturais. No dizer de Sérgio (1986, p. 13), a motricidade supõe:

> A existência de um ser não especializado e carenciado, aberto ao mundo, aos outros e a transcendência; (...) E, porque aberto ao mundo, um ser práxico, procurando encontrar (e produzir), o que, na complexidade, lhe permite a unidade e a realização; (...) E, porque ser práxico, agente e fautor de cultura.

Por seu lado, a motricidade constitui:

> O processo adaptativo de um ser não especializado; (...) O processo evolutivo de um ser com predisposição à interioridade, à prática humanizante e a cultura; (...) O processo criativo de um ser em que as práxias lúdicas, agonísticas, simbólicas e produtivas traduzem a vontade e as condições de o Homem se realizar como sujeito. (SERGIO, 1986, p. 14).

Moreira (1995, p. 26), tecendo a metáfora do “Corpo Presente-Pressente”, na qual busca, através da Motricidade Humana e da Educação Motora, as modificações para o estabelecimento de novos pressupostos, afirma:

> Respeitar o corpo presente-pressente na produção epistemológica em motricidade é lembrar: que o acesso a uma concepção global do homem só se dará por meio do corpo, pois este possui uma expressão que dialoga e faz comunicar-se com outros corpos; que o corpo revela uma personalidade e ao mesmo tempo uma cultura que se entrelaçam no estabelecimento de uma sociedade; que o corpo não pode ser encarado como simples habitação do espírito, pois sem ele o espírito não se concebe; que as atividades corporais, por meio do jogo e do esporte, devem exercitar a criatividade, a liberdade, a alegria e o bem estar.

Em seu “Paradigmas Educacionais e Corporeidade”, Assmann (1994, p. 77), advoga a necessidade de a corporeidade vir a ser um critério (valorativo e pedagógico) fundante na formulação de sólidos princípios para a Educação em geral e, consequentemente, para a Educação Física:

> A idéia central é a seguinte: a Corporeidade não é fonte complementar de critérios educacionais, mas seu foco irradiante primeiro e principal. Sem uma filosofia do corpo, que pervada tudo na Educação, qualquer teoria da mente, da inteligência, do ser humano global enfim, é, de entrada, falaciosa.

Moreira (1995) aporta a esse debate apresentando argumentos que possam dar subsídios à perspectiva proposta. Neste sentido, analisando Educação e Corpo, parte de duas hipóteses iniciais: primeira, a de que todos, de alguma maneira, somos sujeitos/objetos da ação educativa, ou seja, da educação ninguém escapa; segunda, a concepção de que a ação educativa atua no corpo todo, ou seja, nas suas múltiplas dimensões, instala-se na corporeidade total dos seres e não apenas em seus aspectos “mentalistas”. A educação, portanto, é muito mais do que um ato pedagógico de transmissão de conhecimento, pois se realiza como um fenômeno humano, como uma experiência e aventura radicalmente humana. Ou, como diz Rezende (1990, p. 46), “a educação nos parece, desde logo, como sendo o fenômeno de aprendizagem da cultura”. Cultura que, por natureza, é polissêmica e amálgama de múltiplos sentidos, significados e significantes.

Moreira (1995, p. 97) afirma que o caminhar em direção a uma educação corporal é:

> Lutar pelo princípio de uma aprendizagem humana e humanizante, em que em sua complexidade estrutural o homem pode ser fisiológico, biológico, psicológico e antropológico. Só que o corpo do homem não é um simples corpo, mas necessariamente um corpo humano, que só é compreensível por meio de sua integração na estrutura social.

E, continua o autor, perspectivando dimensões da corporeidade/educação:

> A corporeidade é, existe e por meio da cultura ela possui significado. Daí a constatação de que a relação corpo-educação, por intermédio da aprendizagem, significa aprendizagem da cultura - dando ênfase aos sentidos dos acontecimentos e à aprendizagem da história - ressaltando aqui a relevância das ações humanas. Corpo que se educa é corpo humano que aprende a fazer história fazendo cultura (1995, p. 98).

Nessa concepção, a busca pela consciência corporal e pela corporeidade como base filosófica para a educação deve vislumbrar, ao mesmo tempo, as perspectivas pessoal, política, cultural e histórica, uma vez que pela interrelação complexa e dialética dessas dimensões pode-se representar a estrutura do fenômeno humano, sem limitá-lo nem reduzi-lo a nenhum de seus elementos.

Angélica e eu compartilhamos coisas juntos sobre esse tema instigante: os meus questionamentos e, principalmente, minhas inquietações foram se transformando e, de maneira tranquila, absorvi, ou mesmo foi absorvida, incorporada pelo sentido da corporeidade. Tranquilidade que me faz hoje contemplar e comungar dos pensamentos de Moreira (2003, p. 149-150), quando diz: “Corporeidade sou eu. Corporeidade é você. Corporeidade somos nós, seres humanos carentes, por isso mesmo dotados de movimento para superação de nossas carências. Corporeidade somos nós na íntima relação com o mundo, pois, um sem o outro é inconcebível”.

Por fim, desembarco no tema da cultura, que tanto nos encanta, a mim e à Angélica. A cultura paraense e a cultura sergipana. Ambas forjadas nas relações de tensões do encontro conflituoso e sedutor, que deu movimento a um recorte do imenso universo do que chamamos de cultura popular brasileira. Aqui vou buscar o encantamento do que produzimos nesse período intenso das nossas vidas, em que fazíamos do viver em plenitude e do fazer acadêmico a razão mais bonita da nossa existência.

A cultura brasileira é singular e a amazônica e a nordestina possuem especificidades próprias, em que são observadas a multidimensionalidade multicultural crítico–criativa dos encontros e desencontros das riquezas do índio, do negro, do branco, que se transformam em caboclo, cafuzo, mameluco, mestiço. Mistério que se inunda de mundos–vida, corpos marcados pela labuta explorada, lúdicos, eróticos, ecológicos, de todos os nomes, de todas as cores, em todos os palcos, e que vão interpenetrando os traços, tramas e teias dessa nossa cultura, buscando vivenciá-las/entendê-las em sua complexidade, como um processo em constante criação/recriação/recreação, que vai sendo gestada/parida ao longo de sua história e que, como num mosaico, se amalgama pela incorporação em fricção tencionada/conflituosa/sedutora de múltiplos elementos/recortes das diversas expressões cosmo-locais, que aí se entrelaçaram (MANESCHY, 2001).

Cultura brasileira que celebra, através das músicas, das poesias, das danças e dos diferentes costumes, suas evoluções, seus ritmos, suas cores, suas festas e, dessa forma, crianças, idosos, negros e brancos, pessoas com deficiência de um mesmo país, de uma mesma região, apresentam-se como únicos e diferentes cidadãos. Para Barreto (1996, p. 26), “o povo brasileiro adotou o sincretismo como método de apreensão do conhecimento.”, e também para Gois: “A originalidade da cultura brasileira decorre do sincretismo de todas as influências e vivências.”

(GOIS, 2003). Desse sincretismo emergem o “Pássaro Junino do Pará” e a “Dança de São Gonçalo”, em São Cristóvão de Sergipe, vislumbrando a possibilidade de manifestações de crenças, fé e histórias do nosso povo. Desse universo emerge uma corporeidade que se mobiliza no espaço e no movimento da natureza, produzindo expressões e linguagens que se tatuam no corpo, e apontam para a construção de uma outra Educação Física.

Nessa Educação Física, nas escolas e nas suas diversas e ricas relações, o corpo é uma síntese da cultura, porque expressa elementos específicos da sociedade da qual faz parte. O Homem, por meio do seu corpo, vai assimilando e se apropriando de valores, normas e costumes sociais, num processo de inCORPOração (a palavra é significativa). Mais do que um aprendizado intelectual, o indivíduo adquire um conteúdo cultural, que se instala no seu corpo, no conjunto de suas expressões (DAÓLIO, 1997, p. 53).

Pensar/viver a Educação Física e, em especial, a sua aplicação pedagógica na escola, no contexto da cultura brasileira, implica, no dizer de Serres (1993), numa desconfiança de uma razão asséptica, que aspira à imobilidade de uma perfeição ilusória e, em contrapartida, na incorporação de uma abertura a um saber tolerante e amigo da diferença, capaz de incorporar os variados saberes e manifestações da cultura corporal regional como temáticas de transversalidades curriculares, a fim de produzir uma nova síntese da Educação Física cultural. Nesse sentido, é importante registrar que, historicamente, o trato da Educação Física tradicional com as questões da cultura, tanto no processo de formação profissional como na prática profissional, tem-se caracterizado pela perspectiva de apresentar as diversas manifestações culturais de maneira descontextualizada, desprovidas de uma postura crítico-criativa, que dê conta da problematização das múltiplas dimensões dessas manifestações.

No que tange à forma, como essas expressões culturais são vivenciadas no processo escolar de ensino-aprendizagem, o que tem prevalecido é o “ensino” mecânico dos diversos gestos e passos que compõem cada uma das danças que fazem parte dessas artes, sem o compromisso com uma análise/reflexão/interpretação, que possa proporcionar a incorporação e a vivência da riqueza cultural que essas manifestações ensejam para a formação integral do ser humano, bem como para o exercício de uma cidadania plena.

Caberia, pois, à Educação Física, resgatar a possibilidade de trabalhar/brincar com o corpo numa perspectiva, digamos, de cultuar a cultura. Forma que não significa apenas algo que contorna o objeto, mas, e por isso mesmo, como algo que, ao contorná-lo, dá-lhe contorno e possibilita o surgimento da superfície de contato. Forma afinal que dá sentido ao ato, que é substrato material para o sentimento de aproximação de corpos vivenciantes/saboreantes de cultura. Diria, pois, que as manifestações da cultura popular, como o “Pássaro Junino” e a “Dança de São Gonçalo”, não precisam de treinamento físico, aeróbico, anaeróbico, flexibilidade, força, etc. O que a cultura popular deseja é espaço/tempo para ser considerada pela Educação Física como uma experiência corporal, que resgate a beleza do corpo dançante/brincante, ou a beleza cultural do corpo. Enfim, que a Educação Física aprenda e apreenda fazendo e produzindo cultura.

Gostaria ainda, neste momento, de expressar a minha esperança de que pairem, em nossos corações e mentes, em nossa corpomentalidade, além das letras/palavras deste trabalho, suas lembranças e imagens/agentes do que vivemos, que, como fragmentos de nossos textos, expressem a dramaticidade e a beleza das reminiscências que vieram à tona.

Como, também, queria poder enfeitiçar nossos sentidos para ver/tocar os maravilhosos artesanatos marajoaras e

sergipanos, saborear/cheirar as delícias de uma maniçoba, açaí ou pato no tucupi de Belém, um sarapatel, carne de sol ou um caranguejo, em sua famosa passarela de Aracajú, e, principalmente, escutar ecoar o ritmo e as diversas sonoridades dissonantes do “Carimbó” e da “Dança de São Gonçalo”, de um povo que canta, dança e brinca de faz-de-conta, que aceita, mas não se conforma, resiste e insiste, e com suas formas peculiarmente corpóreas, vai lapidando um amanhã de sonhos e uma nova realidade.

E, por fim, minha querida Angélica, quero encerrar dizendo que hoje estamos vivemos tempos difíceis, máscaras cobrindo nossos sorrisos, choramos perdas, abraçamos e acenamos à distância. Tudo isso agravado pelo presidente/governo negacionista e genocida do nosso país. Mas a primavera nos trouxe uma florzinha chamada Manuela, nossa tão amada primeira netinha. E o amor, o aprendizado e a superação se fizeram presentes. A criatividade e a empatia floresceram. Estamos conseguindo, observando a ciência, mudar a rotina e nos manter ativos, produzindo belos trabalhos, nos conectamos e não soltamos as mãos.

Por isso, o momento é de gratidão pela vida. Em 2021 vamos continuar resistindo e esperançando...!

Abreijos no seu coração!
PP Maneschy, Verão de 2021

Referências

ALMEIDA, M. J. de. Prefácio. In: SOARES, C. *Imagens da educação no corpo.* Campinas: Autores Associados, 1998.

ASSMANN, H. *Paradigmas educacionais e corporeidade.* 2ª ed. Piracicaba: UNIMEP, 1994.

DAÓLIO, J. Da cultura do corpo. Campinas: Papirus, 1995.

GALEANO, E. *Os filhos dos dias*. Porto Alegre: Editora L&PM, 2012.

GOIS, A. A. F. *A Dança de São Gonçalo em São Cristóvão:* A Corporeidade no Folclore Sergipano. Orientador: Wagner Moreira. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - FACIS/PPGEF, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2003.

GRAMSCI, A. Introdução ao estudo da filosofia. In: GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere* (volume I). Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
MANESCHY, P. P. A. *Corporeidade e Cultura Amazônica*: re-flexões a partir do Pássaro Junino do Pará. Orientador: Wagner Moreira. 2001. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.
MOREIRA, W. (org.). *Corpo pressente.* Campinas: Papirus, 1995.
MORIN, E. *Introdução ao pensamento complexo*. Lisboa: Publicações Instituto Piaget, 1991.
PETRAGLIA, I. C. *Edgar Morin:* a educação e a complexidade do ser e do saber. Petrópolis: Vozes, 1995.
REZENDE, A. M. de. *Concepção fenomenológica da educação.* São Paulo: Cortez, 1990.
SCLIAR, M. Cotidiano. Folha de S. Paulo, São Paulo, 11 out. 2001.
SÉRGIO, M. *Motricidade humana:* uma nova ciência do homem! Lisboa: Ministério da Educação e Cultura, 1986.
SERRES, M. *Filosofia mestiça:* le tiers-instruit. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

Pelos Caminhos Acadêmicos com Ana Angélica

Profa. Dra. Ida Carneiro Martins[22]

Cravar a estrela no chão e dizer à noite: agora, afasta-se a escuridão que eu vou chegando com a aurora.
(Baliza – Santos Souza)

Assim entendo Ana Angélica: uma anunciadora de auroras, uma pessoa que afasta qualquer tipo de escuridão que dela insista em se aproximar, nestas horas não hesita: “crava a sua estrela no chão”. Ana Angélica é uma mensageira de manhãs e isso me faz gostar mais e mais dela. Acompanhá-la em sua trajetória é perceber a possibilidade de superação de dificuldades e transformá-las em possiblidades de renovação e transcendência. Chegou em minha vida de leve, como uma voz de um anjo, que “sussurrou no meu ouvido”, e sem saber muito bem o porquê pressentia que seria uma amizade especial, de vida toda, pois já escutava alguns sinais.

Nos encontramos pela primeira vez quando veio cursar o mestrado na Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP), nós duas, enquanto professoras substitutas de renomados/as docentes, eu substituindo o professor João Batista Freire e ela a professora Roberta Gaio, as duas como recentes professoras de ensino superior, mas com muito tempo de experiência nas áreas em que atuávamos. Creio que essa foi a razão da leveza do encontro, sabíamos das dificuldades e, de jeito ameno, nós nos demos as mãos. Ana Angélica já se apresentava como uma guerreira, sua força para o trabalho era muito boa, sua fé inabalável, quando o espírito fraquejava, quando o medo da responsabilidade batia, ela por seus gestos me dizia:

Não sou de brincadeira
Canto pelos sete cantos
[...] Porque eu sou guerreira

Tal “canto” se expressava em sua ação enquanto professora, em sua capacidade de criação. Suas aulas de ginástica e de dança permitiam um processo bastante criativo, o que fazia com que os/as alunos aderissem às aulas e por ela fossem apaixonados. O principal era permitir a expressão dos/as alunos/as e, a partir daí, que conseguissem construir metodologias significativas. Nestes tempos nossa aproximação acontecia também por viagens, que fazíamos à Faculdade de Vinhedo. Durante o caminho trocávamos sonhos, projetos e histórias de vida. Quanto mais a conhecia, mais entendia que sua constituição era íntegra, uma totalidade, não havia separação entre a filha de uma família nordestina, a professora, a amiga, o ser humano, tudo estava presente e situado em todos os seus aspectos: o seu passado, o seu futuro, sua situação física, ideológica e moral. Ana Angélica se manifesta em sua totalidade, em sua individualidade, em sua expressão no mundo (MERLEAU-PONTY, 2006)

De modo descontínuo nossa amizade se fortaleceu, a retomamos de modo mais intenso em anos posteriores, quando ingressamos ao mesmo tempo no doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNIMEP. Havia algo diferenciado nesses tempos! Por um lado, uma alegria incontestável, que era decorrente de estarmos associadas a um programa de estudos de pós-graduação renomado e, por outro, certa agonia, advinda da necessidade de estudarmos e de produzirmos em ritmo acelerado. Assim, passávamos bastante tempo juntas, estudando, mas estar com Ana Angélica já era por si um tanto divertido. Lembro-me que, em muitos momentos, mesmo que fossem de tensão, os que de nós se aproximassem ouviriam rasgadas gargalhadas, pois ríamos de nós mesmas, dos erros que cometíamos, e dos momentos difíceis que enfrentávamos. Talvez isso seja uma das coisas que mais me aproxima afetuosamente de Ana Angélica, a profunda capacidade de rir e de minimizar as dificuldades, com vistas a ultrapassá-las.

Passávamos muito tempos juntas, por vezes mais do que com nossas famílias. Nos dias em que tínhamos aulas, ainda cedo, pegava Ana Angélica numa praça a caminho da universidade e lá eu podia observar o seu despojamento, pois não apresentava preconceito com as pessoas que ali passavam os dias e, por vezes, até as noites.

Invariavelmente tinha que esperar um pouco, até que ela pudesse se despedir de alguém com quem ela estava conversando, coexistia com as pessoas dali em seu sentido pleno, pois “estar vivo neste planeta consiste, essencialmente, na interação ativa de corpos, inteiramente em si mesmos e com seu mundo-ambiente.” (ASSMANN, 1994, p. 67). Ao empregar o conceito de corpo, é fundamental manter-se atento a tudo o que ele implica, ainda mais se pretendemos espraiar o conceito de Corporeidade como coextensivo à vida (ASSMANN, 1994). Ana Angélica é assim, pode ser vista em situações de pura

simplicidade, ao mesmo tempo em que faz intervenções de grande profundidade. Era uma apaixonada por filosofia! Nossos encontros se encaminhavam em discussões, profundas para aqueles tempos, foi uma companheira de interlocução fundamental nos estudos de pós-graduação.

Ana Angélica perdeu o seu orientador no meio do processo, um professor que a impulsionava em seus saberes filosóficos, o grande mestre Hugo Assmann, que lhe fez muita falta. O que lhe ajudou foi seguir a empreitada com uma nova orientadora, a professora Roberta Gaio, que era associada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física, a qual a conduziu ao tão sonhado título de doutora, estudando a Dança como expressão cultural. Como não poderia deixar de ser estive presente em sua defesa, para vê-la brilhar!

Revisitar o passado rememorando tais lembranças foi muito bom, dar novos significados a estas vivências, agora mais madura, reafirma a sua relevância em minha vida, minha amiga querida, pois

> resgatar o passado significa ter uma compreensão diferente da história; o passado é importante para rever o presente, para colocá-lo numa condição crítica, conferir-lhe nova significação. E a história humana é baseada nessa descontinuidade; somente os seres humanos têm história e por isso a linguagem é necessária. Como o homem é gerado na cultura da mesma forma que a produz, ele pode fazer e contar a história (KRAMER, 2004, p. 499).

Mas nossa história não parou aí, nossa amizade ampliou-se para outros campos e Ana Angélica se tornou muito querida em nossa família! Minhas filhas, adolescentes na época, adoravam o seu jeito comunicativo e o sotaque que juntava à sua alegria, com as minhas meninas ela vinha brincar em nosso quintal. Passado algum tempo fui revê-la em Aracaju, lá pude brincar em seu quintal com seu filho, o menino encantador da “casa 18”, mas isso já é uma outra história, para outras rememorações, para outros encontros...

Referências
ASSMANN, H. *Paradigmas educacionais e corporeidade.* 2ª ed. Piracicaba: UNIMEP.
KRAMER, S. Professoras de educação infantil e mudança: reflexões a partir de Bakhtin. *Cad. Pesqui.,* São Paulo, v. 34, n. 122, p. 497-515, Aug. 2004. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttex&pid=S0100-15742004000200011&Ing=en&nrm=iso. Access on 04 Mar. 2021. http://doi.org/10.1590/S0100-15742004000200011.
MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção.* São Paulo: Martins Fontes, 2006.

Alegria e Boniteza: Marcas de uma Amizade

Profa. Dra. Marynelma Camargo Garanhani[23]

Na minha humilde forma de ser paranaense apresento uma pequena narrativa sobre minha amizade com Ana Angélica Freitas Gois... sergipana de uma boniteza e alegria que aprendi a admirar.

Nosso Mestre Paulo Freire (2004, p. 142) dizia que “(...) ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e alegria”. E empresto estas palavras para contar sobre o nosso encontro na vida, promovido pelo mundo da Ginástica. O cenário desta história foi a Ginástica para Todos (GPT), uma modalidade esportiva da Federação Internacional de Ginástica (FIG), em que tínhamos diferentes experiências. Ana tinha a experiência como ginasta e eu como professora de crianças pequenas. Ela era, e ainda é, uma professora e estudiosa da dança e, eu, uma pessoa que praticava e tem a dança como paixão. Minha amiga trazia consigo um acervo cultural sobre práticas de movimento e, eu, atenta para trocar com ela saberes e fazeres sobre o corpo em movimento... Enfim, por ser a GPT um esporte, cuja prática é possível para todos, tornou-se um cenário fértil para a nossa conexão, porque compartilhávamos as mesmas ideias e alguns ideais, como professoras de ginástica. E quais eram? Poderia contar

algumas: que todos tenham acesso às experiências de movimento das práticas de Ginástica e, por meio delas, sintam a alegria de descobrir as gestualidades do seu corpo e a boniteza de suas expressões.

Tivemos a oportunidade de organizar, divulgar, e ensinar a GPT no Brasil, por meio de ações, na Confederação Brasileira de Ginástica, como integrantes do Comitê Técnico desta modalidade esportiva. Nesta aventura, organizamos e coordenamos reuniões, projetos, eventos, festivais. E o maior desafio, que vencemos juntas, foi levar grupos de GPT do Brasil para participar da XIII Gymnaestrada Mundial de 2007, em Portugal. Quanto trabalho!!! Foram muitas conversas, reuniões, telefonemas, viagens e trocas de experiências regadas de risadas, cansaço e manifestações de carinho, como a maneira que Ana me chama, até os dias de hoje, e confesso que gosto muito: “neguinha”. Que boniteza!

De tudo isto restaram alegres lembranças, que guardo em fotos e, principalmente, na memória do meu coração. Mas a vida nos proporcionou outros encontros e, um deles, que me marcou, foi a oportunidade de ministrar a ela, em Curitiba, o curso de Estimulação Neural, promovido pelo Grupo Mãos sem Fronteiras, do qual sou voluntária internacional.

Não poderia deixar de mencionar que Ana sempre esteve em meu pensamento e quando soube do desafio que enfrentava, relacionado à sua saúde, mentalizei que um dia nos encontraríamos, para que pudesse conhecer esta técnica de tratamento com as mãos, um ensinamento que poderia ajudá-la.

Quando entrei na sala de curso e vi minha amiga... me inundei de alegria, pois a vida tinha me dado esta oportunidade! E numa reverência entre nós, pensei: você é luz! Obrigada por seu exemplo de coragem diante da vida. Obrigada por sua amizade! Que ela seja sempre marcada por momentos de alegria e boniteza, para que possamos

narrar memórias que afagam nossa existência... para que possamos ter lembranças que afagam nossa condição de existir nesta dimensão!!!

Referências

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia:* saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2004. (Coleção Leitura).

Ana Angélica e sua Presença Entre Nós: Falas, Gestos e Atitudes

Prof. Dr. Wagner Wey Moreira[24]

Hoje fui instado em revelar o pensamento de como Ana Angélica se apresentou, e ainda se apresenta, ante o que dela conheço e penso. Para escrever o que sinto, rememorei sua presença através da lembrança de suas falas, gestos e atitudes. Nossa relação se inicia quando da sua presença em Piracicaba, por ocasião da sua participação no Mestrado em Educação Física da Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP, no início deste século, época em que a UNIMEP era considerada referência acadêmica e desportiva, regional e nacional.

Bons tempos do início desse Mestrado, quando foi formado um grupo de professores e alunos, os quais comungavam muito mais que uma relação acadêmica, mas sim, um contato humano, de respeito e de amizade. Foi minha orientanda e com ela aprendi o que é ser combativa, especialmente diante de argumentos considerados por ela essenciais. A partir daí nosso contato se prorrogou muito além do Mestrado, tornando-se mais significativo do que a relação orientador e orientanda. Continuamos nos encontrando, seja em Piracicaba como em Aracaju, mesmo considerando a distância entre essas duas cidades. Fora isto, somos interlocutores de espaços virtuais nas novas tecnologias.

Como ela solicitou o que me faria lembrar de sua pessoa, caminhei no sentido de poder expressar isso sem inventar nova escrita, a qual poderia ter menor qualidade do que o já produzido por poetas e cantores. Dela me lembro quando ouço a música “Maria Maria”, de Milton Nascimento e Fernando Brant, em especial a partir de duas das estrofes desta canção:

Mas é preciso ter força, é preciso ter raça
É preciso ter gana sempre
Quem traz no corpo a marca, Maria, Maria
Mistura a dor e a alegria.
Mas é preciso ter manha, é preciso ter graça
É preciso ter sonho sempre
Quem traz na pele essa marca possui
A estranha mania de ter fé na vida.

Assim vejo e me lembro de Ana Angélica em todos os momentos desde que a conheci, razão de admirá-la e de respeitá-la sempre. Agora, relacionando sua presença com dois autores que trabalho em minha vida acadêmica, posso afirmar:

1 – Em Edgar Morin, em seu livro “A Via para o futuro da humanidade”, encontro a menção de cinco princípios de esperança, sendo que uma delas tem o rosto de Ana Angélica: “A esperança foi ressuscitada no próprio coração da desesperança. A esperança não é sinônimo de ilusão. A verdadeira esperança sabe que não tem certeza, mas sabe que se pode traçar um caminho ao andar.” (MORIN, 2013, p. 385)

2 – Em Maurice Merleau-Ponty, em seu “Fenomenologia da Percepção”, encontramos logo no início da obra o seguinte: “A verdadeira filosofia é reaprender a ver o mundo (...)” (MERLEAU-PONTY, 2011, p.19). Ana Angélica, de certa forma, me faz reaprender a ver as relações humanas no mundo.

Ainda recorrendo a filósofos e poetas, também veio à mente um livro escrito por Rubem Alves, com um título

significativo, próprio para todos nós em momentos de dificuldades, inclusive nos tempos atuais de pandemia. Olha que maravilha de título: “Ostra Feliz Não Faz Pérola”. Obra interessante a ser lida quando nos deparamos com períodos destinados a fabricar gaiolas a nos cercar. Em determinado momento, o autor afirma: “Pela imaginação voamos longe, muito longe, pela terra do nunca mais, pela terra do impossível, pela terra do impensado.” (ALVES, 2008, p. 219). Isto parece estar presente em todos nós, quando comungamos ideais e decidimos ir sempre à frente.

Tudo isto revela, em minha opinião, a presença de Ana Angélica entre nós, seus amigos, sejam estes de longa data, sejam recentes. Tudo isto permite aos seres humanos a possibilidade de humanização do Homem pela vivência da corporeidade.

Piracicaba, verão de 2021

Referências

ALVES, R. *Ostra feliz não faz pérola.* São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008.

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção.* São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

MORIN, E. *A via para o futuro da humanidade.* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

Minha Amiga Ana Angélica, a “Anutcha”

Prof. Dr. José Carlos de Freitas Batista[25]

Muito difícil, senão impossível, falar de uma pessoa sem falar de suas ações, isso porque as produções artísticas, científicas e intelectuais reproduzem ou espelham a maneira de ser do seu criador. Este é o caso da professora e amiga Ana Angélica Gois.

Mas quem é Ana Angélica que conheço?

> O nome Ana Angélica é composto por dois nomes comuns: Ana (Hebraico de gênero feminino) e Angélica (Latim de gênero

> feminino). A origem do nome Ana Angélica é Hebraico. Significa cheia - Enchente fluvial. / Inundação. Porção, quantidade enorme - de graça, que tem compaixão, clemência. 1 Samuel 1.2. Predispõe a criança a se tornar muito segura, graças à sua boa organização mental. Sua intuição garante-lhe boas escolhas nos estudos, na profissão e no amor (Significadodonome, s/p., 2021).

Os laços afetivos estabelecidos entre nós permitem que eu a chame de “Anutcha”. E essa relação, iniciada na década de 1990, altamente profícua, permite que eu possa explicitar todo o carinho e o respeito profissional e pessoal. “Anutcha” é aquela pessoa realmente amiga, que faz com que todos e todas que estão à sua volta se sintam acolhidos e acolhidas, uma pessoa que por suas ações, entre o “escrito o dito e o feito”, sempre está ao alcance de todos e todas. Profissionalmente, é uma pessoa vitoriosa. Suas experiências didáticas e postura pedagógica, adquiridas em vários anos de trabalho, lhe confere segurança e incontestável afetividade juntos aos seus alunos e alunas, e o respeito de seus pares. Em sua vida pessoal uma guerreira, daquelas que acreditam na vida, nas pessoas, e, principalmente, no amor.

Por fim “Anutcha”, me sinto honrado por conhecê-la profissionalmente e pessoalmente e desejo que você continue sempre tendo muitas e muitas realizações; de seu sempre amigo “Zé”.

Sobre o Encontro ou Será (Re)Encontro de Almas?

Profa. Dra. Flávia Fiorante[26]

Neste relato trago breve momentos, porém marcantes, do encontro com Ana Angélica Freitas Gois e empresto pequenos trechos das poesias de Bráulio Bessa para ratificá-los. Poeta, também do nordeste brasileiro, amante da escrita poética, alegre, desprovida de rigor, radicalidade, assim como as informações contidas nesta

obra, que tive a honra de degustar antes da publicação oficial. Ana Angélica, como seu jeitinho sergipano de ser e estar nesse mundo, com sua essência, sua sensibilidade, sua irreverência, nos apresentou a Dança Sergipana, marcada por histórias, lugares, encontros e encantos de um povo, e nos fez incorporar a sergipanidade!

Sou o gibão do vaqueiro, sou cuscuz sou rapadura
Sou vida difícil e dura
Sou nordeste brasileiro
Sou cantador violeiro, sou alegria ao chover
Sou doutor sem saber ler, sou rico sem ser granfino
Quanto mais sou nordestino, mais tenho orgulho de ser
Da minha cabeça chata, do meu sotaque arrastado
Do nosso solo rachado, dessa gente maltratada
Quase sempre injustiçada, acostumada a sofrer
Mais mesmo nesse padecer eu sou feliz desde menino.
Quanto mais sou nordestino, mais orgulho tenho de ser"
Bráulio Bessa

2001, ano marcado pelo nosso ingresso no programa de mestrado em Educação Física, área de concentração: Pedagogia do Movimento, Corporeidade e Lazer, na Universidade Metodista de Piracicaba, interior do estado de São Paulo. No dia da matrícula, descendo pelos corredores da antiga FACEF, encontro Ana Angélica Freitas Gois, recém chegada de Aracaju, e de um bate papo "casual" de duas jovens aflitas e ansiosas com o início das aulas no mestrado nasce uma amizade, uma irmandade, marcada por desafios, alegrias, insegurança, superação, sentimentos que permeiam aqueles que adentram o universo da pós graduação e desejam trilhar a carreira universitária. Já nas primeiras semanas de convivência com Ana Angélica a sensação de já nos conhecermos era frequente em meus pensamentos. Esporadicamente, encontramos algumas pessoas e ficamos com a inquietação: De onde a conheço? Esse questionamento permeou e ainda permeia nosso convívio, mesmo tendo já se passado vinte anos. Talvez Chico Xavier possa nos trazer, com mais afinco, explicações

sobre alguns encontros e encantos de nossa permanência física nesse mundo. Afinal, “Ninguém cruza nosso caminho e nós não entramos na vida de ninguém sem nenhuma razão.” (XAVIER, 1956).

Nossa trajetória no mestrado foi marcada por um processo de transcendência e transformação, constituída pelo acúmulo de conhecimento, autoconhecimento, afetos, angústias, medos, e realizações, que foram ressignificadas, por vezes, em meio à tempestade e, por vezes, em meio à calmaria, à contemplação, e à bonança.

Amizade não se compra,
não se vende em prateleira.
Não tem promoção de amigo
no shopping, nem lá na feira.
Um amigo é um presente
de graça, mas faz a gente
ser rico pra vida inteira.
Bráulio Bessa

Ana Angélica, mais experiente, já professora do ensino superior, leonina, personalidade forte, líder, sensível, independente. “Eta muiê arretada!” Já eu, professora de um colégio particular e de um clube da cidade de Serra Negra, interior do Estado de São Paulo, aquariana, imprevisível, teimosa, racional, intensa. Encontro do sensível e do racional, da experiência e da imaturidade, do Nordeste com o Sudeste, laços que se fortaleceram e nos impulsionaram em busca de sonhos em comum. Fomos da segunda turma de um curso de mestrado reconhecido em âmbito nacional, haja vista que tínhamos colegas vindos do Amazonas, Pará, Paraná, Minas Gerais, etc. Ao longo do mestrado, concomitantemente à realização das disciplinas, fomos convidadas a ministrar aulas na Faculdade de Vinhedo, por meio do convite do professor Clauberto Costa, intensificando nossa convivência e nossa sintonia, seja nas viagens de Piracicaba para Vinhedo, seja nos trabalhos compartilhados pelo corpo docente. Em dezembro de 2003

defendemos nossa dissertação de mestrado, com espaço de uma semana entre uma defesa e outra. Momento marcado por choros, ansiedade, ensaios. Sim! Ensaios como quem se prepara para uma apresentação de dança, rodeada pelo medo de falhar, sentimentos que nos levaram a alcançar o tão sonhado título de Mestre em Educação Física.

Que o medo de chorar
não lhe impeça de sorrir.
Que o medo de não chegar
não lhe impeça de seguir.
Que o medo de falhar
não lhe faça desistir.
Bráulio Bessa

Posteriormente, passamos a integrar o corpo docente das Faculdades Integradas Einstein de Limeira, através do convite do prof. José Carlos Freitas de Batista. E naquele local, nas salas de aula, nos Ginásio de Esportes, vivemos momentos de alegria, de realização profissional nas orientações de Trabalhos de Conclusão de Curso, nas Mostras Rítmicas, eventos que são marco no curso de Educação Física até os dias de hoje. As Mostras Rítmicas, marcadas pelos ensaios, figurinos, coreografias, escolha das músicas..., nas quais sofríamos e comemorávamos juntas, na parceria dos protagonistas das noites dançantes: os alunos e alunas do curso de Educação Física da Faculdades Integradas Einstein, que encantavam esbanjando graciosidade, elegância, criatividade e sensibilidade nas apresentações. Não havia cor, gênero, idade, a dança era de todos e para todos, organizada por um grupo de jovens liderados por aquela que eles tinham como a “mentora”, a “fonte de inspiração”, aquela que deixava o ato de dançar desprovido de qualquer tipo de preconceito, de diversidade cultural, de amarras do movimento padronizado, executado com perfeição, eram corpos dançantes no fluir da corporeidade vivida e incorporada.

Enquanto a canção tocar,
Enquanto seu corpo dançar,
Enquanto nossas ações
Forem nossa grande herança,
Enquanto houver bondade,
Há de haver esperança,
Bráulio Bessa

Em 2007, Ana Angélica retorna para Aracaju, constitui sua família, juntamente com seu esposo João Carlos, nos brinda, com a chegada daquele que tenho como meu sobrinho: o flamenguista Joaquim. E nas idas e vindas de São Paulo para Aracaju choramos, rimos, passamos momentos de angústias, fruto de um etapa que nos pegou de surpresa, mas que com a força, a fé, a confiança, o apoio da medicina, da família, das energias enviadas pelos amigos de todas as partes do Brasil, Ana Angélica venceu, superou-se, se reestruturou como mulher, como mãe, como esposa, como filha, como amiga. E, ao longo desses quatorze anos, sempre nos mantivemos sintonizadas, conectadas e acreditando que ainda teremos muitas histórias para vivermos juntas. Para aqueles que acreditam: “Encontro, ou melhor (re)encontro de almas!!”

Por fim, sua coragem, trajetória, audácia, e sabedoria, traduz o esforço de uma mulher guerreira, que buscava a realização de um sonho que foi concretizado, dançado em vários ritmos, e que hoje deixa sua contribuição à cidade de Aracaju e ao estado de Sergipe, com essa obra que enrique o acervo cultural não só relacionado ao universo da dança, mas também do universo educacional de documentos e pesquisas.

A você, Ana Angélica, minha eterna gratidão, sou sua amiga, sua irmã, eterna aprendiz, com você aprendi a lidar com as diversidades da vida com mais leveza, com mais entendimento, em você busquei inspirações para minha trajetória acadêmica, através de você conheci minha família

sergipana, e através de você tenho Aracaju tatuado no meu coração.

Referências

XAVIER, F. *Fonte viva.* São Paulo: FEB, 1956.

Obrigada! Anita diz Gracias Sempre!!!

Luiz Alfonso Rangel Mayor[27]

En el año 2001 encontrándome en la Universidad de Camagüey se me acerca el Dr. Lázaro Bueno Pérez y me comenta que se está organizando un encuentro científico metodológico de nuestra Universidad y la Universidad Metodista de Piracicaba, Brasil, en particular su facultad de Educación Física, que si estaba interesado en participar con un trabajo científico como en los debates que se generarían tanto de las participaciones de otros colegas cubanos, como de los profesores y estudiantes brasileños que habían confirmado su presencia en este.

Semanas más tarde a este encuentro con el Dr. Bueno me anuncia que ya estaban en Camagüey los profesores y estudiantes brasileños, al frente de los cuales venía el profesor Wagner Wey Moreira, del que tenía referencia por haber leído algunos de sus artículos científicos publicados sobre todo en el área de la Educación Física, junto a este conocí a la profesora Regina Simoes y la profesora Roberta Gaio, con los cuales me une una amistad que ya data de 20 años, esta última por su apellido tan peculiar y la mala pronunciación del portugués de muchos y me incluyo en este grupo, al referirnos a ella siempre confundíamos y la llamábamos profesora Gallo (Galho), apellido muy común entre los hispanos parlantes, la cual con la dulzura de carácter que la acompaña no se cansaba de repetirnos que su apellido era Gaio, lo que siempre despertaba la risa en todos incluyendo a esta.

Entre ese grupo de colegas como expresé también concurrieron a este encuentro científico metodológico entre nuestras Universidades en el área de la Educación Física estudiantes brasileños, recuerdo con mucha nitidez, dos jóvenes muy inquietas y con unas ansias enormes de superarse y alcanzar mayores conocimientos, quienes estaban cursando la maestría, los nombres de estas dos estudiantes, Flávia Fiorante Inforsato y Ana Angélica Freitas Gois, a quien por su talla pequeña y como muestra de cariño, bauticé con el apelativo de Anita (Aninha) desde el primer encuentro, y a quienes agradezco de todo corazón me dispensaran su amistad desde el primer día, la cual a pesar de la distancia y el tiempo, se mantiene, porque nos unen en primer lugar el amor que profesamos al Deporte y la Educación Física, el respeto que sienten por mi amado país y mi gusto enorme por la música brasileña en particular la cantada por Chico, Maria Bethania, Caetano, Fafá de Belén, Luiz Gonzaga, Elis Regina, entre otros, tal es así que aun guardo con mucho cariño un CD de Chico Buarque que Ana Angélica me obsequió en Junio del 2002, en el marco del segundo encuentro científico metodológico de nuestras Universidades, celebrado en esa ocasión en Piracicaba, y el que tuvo la delicadeza de dedicar con estas palabras que escribo en el idioma original, “Para Meu Amigo Especial “Luiz”, Um Beijo Grande Ana Angélica, Brasil, Junho/02”.

Hablar de Anita y permítanme hacerlo de ese modo desenfadado es muy fácil y la vez complejo, pues en este viejo profesor pueden quedar olvidados pequeños detalles de su estancia entre nosotros en el ya lejano 2001, trataré de ser fiel a esos recuerdos, sin que mi cariño por ella, pueda entorpecer estos, comenzaré por así decirlo por los momentos formales, es decir, aquellos que ocurrieron durante ese primer encuentro científico metodológico celebrado en la Universidad de Camagüey, desde su brillante exposición de los resultados de la investigación

que presentó, con voz pausada en su idioma materno (portugués) para que fuera entendido por el amplio auditorio donde prevalecían desde el tribunal, hasta los participantes los hispanos parlantes, con que vehemencia defendió y aun defiende las danzas tradicionales brasileñas en particular las danzas de su querido Aracajú, todos estábamos maravillados con esa joven disertante, y su defensa desde la clase de Educación Física, de la música y el baile más auténtico de su país, y como desde esta, se puede contribuir a salvar esa riqueza cultural de nuestros pueblos de América, frente a la transculturación legada por los colonizadores y que llega hasta nuestros días por la llamada globalización, de la cual no escapa la Cultura, no es ocioso decir, que dado mi preferencia por la música que se produce en Brasil y sus grandes cultores, quedé fascinado con su obra, aun en esos días incompleta, pero que a lo largo de estos años, no solo ha completado, sino que ha superado cualquier expectativa que yo tuviera en esos días en que la escuché por primera vez. Luego pude ver en ella a esa incansable investigadora con sed de aprender cada día más, llenar sus vacíos del conocimiento preguntando a los otros investigadores participantes detalles de su obra, de cómo habían enfrentado el proceso de investigación, que obstáculos habían tenido que superar, en fin todo lo que hace crecer a un profesional y lo convierte en un investigador competente.

Ya fuera de esos encuentros formales, en los pasillos de la Universidad de Camagüey o en el lobby del hotel donde todos estaban hospedados, las conversaciones ahora en un tono más relajado, pero siempre en un marco de respeto mutuo, se tornaban más amenas, menos académicas, aunque pudieran seguir siendo en un momento relacionadas fundamentalmente con la Educación Física, de cómo se desarrollaban las clases en Cuba, que elementos en común nos unían y en cuales trabajábamos diferentes, transitaban también y como ya dije por su enorme deseo de

saber más, desde la música cubana, hasta el sistema de salud y educativo, que elementos nos unían y recuerdo que me escuchó muy atentamente cuando le expliqué que nuestros dos pueblos eran en esencia muy parecidos, pues sus raíces eran similares, una gran mezcla del colonizador en su caso portugués, en el nuestro español, pero en ambos casos procedentes de la misma península y que en un tiempo fue un solo reino, y los negros esclavos que habían traído a nuestras tierras como mano de obra, desde las costas occidentales de África, por lo que sus deidades afro tenían también nombres similares en las religiones sincréticas cubanas y así por ejemplo aquí es Yemayá la reina de los mares, y en Brasil es Iemanjá.

Con cuanta humildad escuchó mis explicaciones, fueron conversaciones que se adentraban en la noche y llegaba hasta la madrugada, donde estaban presente también el Dr. Bueno, el Dr. Loo, el Dr. Font y el Dr, Olmos, todos cubanos, la Dra. Gaio, el Dr. Wagner y la Dra. Regina, brasileños, crean si digo que todos aprendimos en esos días más sobre nuestros pueblos, que fructíferos encuentros, son indelebles, han quedado aprehendidos en mi memoria hasta estos días, quiero cerrar con unas palabras que en su momento Anita me dijo en aquellos encuentros y aún no he olvidado y que considero como un regalo especial, y cito, “Luiz usted es el cubano más brasileño que yo he conocido”, y hoy a la distancia del tiempo pudo decir, Ana Angélica es la brasileña más auténtica que he conocido, la que desde su humildad ha contribuido más a salvaguardar la cultura de su país, que la convierte para mí en la brasileña más cubana que existe.

Gracias por tu amistad querida amiga, “Obrigado por sua amizade, somos e seremos amigos pra sempre”. Que DEUS abençoe.

Encontros, Diálogos e Transcendência

Profa. Dra. Roberta Gaio[28]

Quando Ana Angélica me convida para participar da sua obra sobre sergipanidade e coloca, no final da mesma, um cantinho especial, para pessoas, que como eu, estiveram com ela, em outros espaços sociais e culturais, me veio como um raio de luz, a fala de Rubens Alves: “Ciência é coisa boa! Tão boa que propiciou o nosso encontro!”. Foi numa manhã ensolarada, tranquila, que chega à Universidade Metodista de Piracicaba, São Paulo, uma moça pequena por fora e muito grande por dentro, em busca de conhecimentos, novos desafios e muita vontade de promover diálogos.

Alguém passa por mim e diz: chegou mais uma profissional de ginástica rítmica para seu grupo. Depois de um tempo, volta à mesma pessoa e retruca: errei, ela não é da ginastica rítmica apenas, assim, não vai para o seu grupo. Já era tarde demais, pois como dizia Machado de Assis, em uma das suas obras: “O mar da vida nos trouxe à mesma praia!”.

E eu só tenho a agradecer, pois como toda praia, são muitos grãos de areia, muito sol, o mar brilha de tanta beleza, as ondas, nos movimentos de vai e vem, trazem energias positivas, bênçãos e abraços, muitos abraços para praia e para o povo ao seu redor. E foram assim nossos encontros, nossos diálogos e nossas parcerias. Transcendemos, ultrapassamos os muros da universidade e nos tornamos amantes, num dos sentidos presente no dicionário – aquele/a(s) que ama(m)!

Ana Angélica não foi minha orientanda de mestrado, mas se tornou minha orientanda de doutorado (mas esta é outra história que eu conto mais para frente). Mas, o não espaço

do mestrado não impediu de criarmos nossos próprios espaços e, assim, ampliamos horizontes, crescermos juntas, nas e pelas manifestações culturais de dança e de ginástica em geral, em especial, de ginástica rítmica. Foi uma das profissionais que contribuiu com o meu projeto Ginástica Rítmica Popular, e sua história de colaboração criativa, que marcou crianças e jovens ginastas, está descrita no livro que leva o mesmo nome do projeto. Viajamos nas ideias, nas cidades brasileiras e até pelo mundo afora. Sempre nos entendíamos por afinidades, por leitura de mundo, por anseios e conflitos pessoais. Somos bem parecidas, eu creio!

Ao longo dos anos de convivência (que não foram poucos), dividimos propostas, cursos, espaços acadêmicos, disciplinas; bem como comemorações, moradia, alegrias, tristezas, risadas, choros e esperanças. Vivemos um período em que estivemos muito próximas, nas universidades, nas salas de aula, nas quadras dando treinos de ginástica rítmica, nos eventos científicos dividindo trabalhos, na minha casa ou no apartamento dela. Dividimos e somamos, encontros e diálogos e assim fomos transcendendo a mera existência acadêmica, para corpos que se encontram e se completam, por pura solidariedade (estar só e juntas ao mesmo tempo). Conexões de energia que não se consegue explicar!

Muitos foram os momentos que merecem ser lembrados, como os Jogos Regionais e Abertos de Ginástica Rítmica do estado de São Paulo, uma luta para melhorar a ginástica na cidade de Piracicaba, e ela estava lá comigo; a viagem para Cuba, em intercâmbio acadêmico, pelo mestrado da UNIMEP e, novamente, a parceria ministrando um workshop de danças brasileiras; muitos fins de semanas na minha casa, curtindo a família, pois ela já fazia parte da mesma, e outros tantos encontros. Entre um encontro e outro, muitas conversas, compartilhamento de ideias, desabafos e vida, muita vida em jogo.

O mestrado se foi, novos ventos sopraram e nós continuamos a nossa trajetória. Foi Ana Angélica que me substitui em vários espaços acadêmicos, no período da minha licença maternidade, na Pontifícia Universidade Católica de Campinas, na Universidade da Terceira Idade da UNIMEP, no Projeto Ginástica Rítmica Popular e em tantos outros lugares.

Meu filho amado, Enzo Enrico, chegou. E, com ele, as histórias para Ana Angélica dormir, ao pé do ouvido, quando ela passava o fim de semana conosco. Acho até que isso instigou seus mais puros sentimentos maternos e, assim, vi nascer seu desejo em cruzar com uma pessoa bacana, com a qual pudesse dividir cama, filho e toda uma vida de altos e baixos, como é comum nos casais. Posso até dizer que dei uma mãozinha, para que o João Carlos Queiroz, o conhecido Joca, se deparasse com a minha amiga, Ana Angélica Freitas Góis. Posso até me considerar madrinha desta união. Uniram corpos, escovas; dividiram casa, alegrias e tristezas. Que felicidade a minha, poder olhar para este casal e perceber a luz que emana dessa relação.

E deste laço amoroso nasceu o Joaquim, menino lindo, que veio para enfeitar ainda mais a vida dessa mulher guerreira, parceira, consciente da sua existência enquanto cidadã, para mim e para muitos, fantástica. Mas a vida não foi só de alegrias, tiveram momentos desesperadores.

Ana Angélica entrou no doutorado, passou a ser orientada pelo saudoso filósofo Hugo Assmann, mas o destino, infelizmente, não quis que esta convivência científica culminasse com a defesa da sua tese. Muito doente, o professor indicou meu nome para terminar o trabalho, que começara com ela. Com muito orgulho trabalhei com a Ana, não somente por ela, mas, também, em homenagem ao professor Assmann, que depositou em mim confiança e, assim, chegamos à defesa de seu trabalho sobre dança na escola. Alcançou o apogeu profissional, doutora, ingressou

como docente na Universidade Federal de Sergipe (UFS), se tornou coordenadora do curso de dança e promoveu muitos eventos científicos por lá. Eu tive o prazer de participar de vários, conhecer pessoas novas e dividir espaços com estudiosos de renome, como Bernard Charlot.

Mas, de repente, o destino pregou-lhe uma peça, foi acometida por uma grave doença, que lhe tirou do caminho que estava percorrendo, com tanta competência. Porém, o importante é que Ana, como sempre, encarou o fato de frente, peito aberto, com consciência, com conhecimento, e muita coragem. Que coragem!

Depois da tempestade vem a bonança, dizem! E Ana é prova disso! Acompanhei de perto (apesar de longe) toda sua luta e, hoje, fico muito feliz pela sua vitória. Eu estou aqui escrevendo sobre a Ana Angélica, mas, tudo que escrevo, também é um pouco de mim. Isso comprova o quanto essa pequena moça, hoje mulher, me fez crescer, como ser humano, mulher, professora, pesquisadora, corpo, natureza e cultura. Ela vive constantemente em mim. Sinto a presença dela em muitas coisas que realizo e, atualmente, fazemos o mesmo curso de filosofia (ideia inicial dela, que eu resolvi acompanhar).

O poema de José Gilberto Gaspar – Quem quiser colher amores! - representa o que eu sinto sobre estar presente nessa obra, escrita por Ana Angélica Freitas Góis:

Muitos reclamam da vida
Porque não sabem viver.
O que dela recebi
Tenho muito a agradecer.
O que meu pai me ensinou
Esforcei-me, pude aprender.
E ensinei para o meu filho,
Com amor e com afeto.
E ele ensinou para o meu neto,
Com afeto e com carinho.
Para evitar dissabores,
Quem quiser colher amores
Jogue sementes de flores

Somos amores, fruto das sementes de flores, que Ana Angélica jogou pelos diversos quintais que passou, e eu, só tenho a agradecer, por ter o prazer de fazer parte da sua vida.

A Pequena Grande Mulher

Prof. Dr. Pedro Jorge Moraes Menezes[29]

Ana Angélica Freitas Gois, Professora de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe, Pós-Graduada em Ginástica Especial Corretiva pelas Faculdades Metropolitanas Unidas (São Paulo, 2000), Mestrado em Educação Física pela Universidade Metodista de Piracicaba (São Paulo, 2003), Doutorado em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba (São Paulo, 2009), autora de várias obras literárias especializadas, da qual destaco, sem sombra de dúvida, GOIS, A. A. F. VIDA; Jogo de Encaixes. 01. ed. Aracaju: Infographics, 2015. v. 01. 139 p.; obra essa que me identificou fortemente a relação professor x aluno e professor x professora. A essência dessa obra vislumbrou-me a verdadeira personalidade que essa "Pequena Grande Mulher" exterioriza no relacionamento entre amigos e colegas.

Fazendo uma retrospectiva dessa relação fraternal, nossa amizade, extrapola os anos de 1988, quando já atuava como educadora. Para ser mais fidedigno, a nossa identificação vem desde quando eu estudava no Colégio Estadual Atheneu Sergipense e era aluno do Professor Antônio Fontes Freitas (seu tio), o qual sentia uma verdadeira admiração pela sua didática e sacerdócio na docência do ensino, na época, do 1º e 2º graus entre 1969 a 1971.

Dezessete anos depois, forjamos os laços de amizade, eu como docente concursado na Universidade Federal de Sergipe e Ana Angélica como educadora na escolas de

Aracaju. Ao ter ingressado, através do vestibular da UFS, para o curso de Licenciatura em Educação Física, o seu olhar vislumbrou novos desafios e possibilidades no âmbito das disciplinas que poderiam dar uma sustentação teórico-cientifica, que futuramente auxiliaria nas suas ações docentes como uma professora graduada e pronta para atuar em qualquer escola ou campo de ação profissional. Atuou como docente em várias faculdades e escolas no estado de Sergipe e foi concursada e aprovada no concurso de provas e títulos para Professor do Departamento de Dança da Universidade Federal de Sergipe. A partir desse momento, outras visões acadêmicas passaram a fazer parte do seu cotidiano, numa concepção de meta alcançada.

Eu, particularmente, tenho um respeito e admiração por essa “Pequena Grande Mulher”, pela sua trajetória de vida profissional, galgada com muitos sacrifícios, assim como no seu cotidiano, como uma mulher que enfrentou e enfrenta todas as provações que a vida pode apresentar. Aqui no Nordeste podemos adjetivá-la como uma “Mulher Cabra da Peste”. Sim, cabra da peste porque nem todo ser humano tem a garra e determinação para enfrentar o que Ana Angélica enfrentou. Sua história de vida está socializada nas redes sociais, desnudando-se com nenhum outro ser humano seria capaz de expor sua história de saúde. Poucos têm essa determinação. Para mim, seu comportamento é uma forma determinada e heroica de enfrentar seus demônios com a fé, o foco e a determinação de que a vida é um presente divino. E sua vida é uma necessidade de se manter terrena, para oportunizar o seu convívio e a sua meta de distribuir amor, educação e carinho para seu filho Joaquinzinho, amante de futebol e motociclismo (igual a mim, menos futebol), seu incansável esposo João Carlos, amante do futebol, da música, do violão e do motociclismo também (igualzinho a mim, menos futebol), e companheiro de todos os segundos de convivência, e sua querida e amada mãe, que te apoiou de forma *full time*, quando você

mais necessitou. Seus irmãos, que também a apoiaram em todos os momentos de aflição, que passastes.

Cito um provérbio chinês que me auxiliou muito durante meus períodos de aflições: “Jamais se desespere em meio às sombrias aflições da sua vida, pois das nuvens mais negras cai água límpida e fecunda.”.

Enfim, escrever sobre a Ana Angélica é resgatar momentos de alegria, profissionalismo, felicidade, amor, saúde, paixão, aflição, relaxamento, paz, resiliência, união e, principalmente, reconhecimento por tudo que foi produzido com rigor científico, ou não, por essa “Pequena Grande Mulher”.

Meu respeito e admiração.... Amamos você...

Sobre o Tempo e as Trajetórias

Prof. Dr. Hamilcar Silveira Dantas Junior[30]

Na altura de meus 48 anos de idade se tornou comum refletir, que talvez a esta altura, eu já tenha mais passado do que futuro! Nesse processo, o olhar para trás é carregado de saudades de pessoas amadas, de tristezas pelas ausências e traumas, de alegrias pelas conquistas, e de realização no sorriso de quem amamos, principalmente minha esposa e meus filhos. É também o momento em que recordamos, quase em lampejos ou flashes difusos, pessoas que passaram, continuam passando, mas, de algum modo, sempre estão lá, em nossas vidas. As amizades são presentes da vida, portanto jamais são passado! Como diria Mário Quintana no seu “Poeminho do Contra” (2006, p. 107):

Todos esses que aí estão
Atravancando meu caminho,
Eles passarão...
Eu, passarinho!

O exercício do lembrar, próprio do saudosismo, e o exercício do recordar, próprio do ser amoroso, posto que recordar é gravar, armazenar, deixar registrado no pensamento, são exercícios do ser passarinho! Sempre a flanar pelo horizonte do tempo, pousar nos portos seguros, que nos acolhem e desfraldam a proteção que só um abraço caloroso nos proporciona.

Em tempos de pandemia, em pleno século XXI, que falta fazem esses abraços calorosos! Por isso esse recordar jamais é doloroso! É pesaroso, mas nunca doído, deprimido. Sobretudo é esperançoso, do verbo “esperançar”, de que o amanhã é possível e o calor dos abraços chegará ainda mais ardente e aconchegante. O esforço dessa reflexão, plenamente saudosista, como o leitor percebeu, é para lembrar com carinho dessas amizades-passarinho, que em nossas trajetórias, jamais passarão!

Sou professor de Educação Física, que desembarcou nessa profissão por amor ao esporte e pelo ato de formar pessoas! Nessa trajetória, somando meu período como aluno e professor, estou na Universidade Federal de Sergipe (UFS) há 26 anos, ou seja, mais da metade da minha vida passei nesse ambiente, que eu amo! Amo pelos aprendizados, pelos ensinamentos, pelas possibilidades, oportunidades, principalmente pelas amizades construídas. Em 26 anos tive professores, colegas, alunos, todos depois colegas, porém, poucos amigos na acepção da palavra, advinda do latim *amicus*, confidente, favorável, amoroso!

Quando cheguei à Universidade Federal de Sergipe, como aluno, conheci vários colegas, dentre eles, uma jovem veterana, já se formando, Ana Angélica Freitas Góis. Uma estrela da Ginástica Rítmica nas escolas sergipanas, tinha muito prestígio e reconhecimento no Departamento de Educação Física.

Nossos contatos foram parcos, principalmente quando conversamos sobre o Centro Acadêmico de Educação Física, que eu assumia, enquanto Angélica tivera uma

trajetória anterior de sucesso, inclusive realizando em Sergipe uma edição do Encontro Nacional dos Estudantes de Educação Física (ENEEF). Seguimos trajetórias distintas, que se cruzariam muitos anos depois. Já como professor do Departamento de Educação Física da UFS reencontrei Angélica se dedicando ao concurso para professora efetiva do Núcleo de Dança da UFS, em Laranjeiras.

Angélica passara os anos anteriores em Piracicaba, qualificando-se e realizando Mestrado e Doutorado na UNIMEP. Conversamos bastante sobre o concurso e estive presente na realização da sua prova didática. Após tantas intempéries nessa trajetória docente, sua aprovação nos tornou colegas de instituição. Tal trajetória nos aproximou e terminei por conhecer seu parceiro de toda a vida, João Carlos Carvalho Queiroz, o Joca! Posteriormente, Joca seria meu colega no DEF/UFS e seguiria, posteriormente, por decisões que a vida nos obriga a tomar, a outros desafios na instituição.

Nossa relação se distancia geograficamente, mas nunca fraternalmente. Distância que não nos impediu de acompanhar felizes o nascimento do pequeno Joaquim! A felicidade desse nascimento também foi impactada por desafios que Angélica vence todos os dias, revelando sua bravura nordestina. A chegada de Joaquim coroa o amor, coroa a vitória, coroa o brilho de uma vida dedicada a plantar sementes de alegria, como todo bom professor faz!

Nesse texto, que não celebra as dores, mas as alegrias, as recordações dos momentos felizes nos fazem refletir que as trajetórias ora se cruzam, ora se distanciam, mas seguem em frente!

Lembro com carinho quando, em um momento que Eliane, minha esposa, trabalhava com decorações de festas, decoramos a bela festa de aniversário do Joaquim, com o tema dos Backyardigans! Não somos vizinhos de cerca, os

Backyardigans, mas somos aqueles que as cercas, os muros e as distâncias não separam!

Por isso, ao olhar para trás, tenho saudades dos bons momentos que se foram! Mas reconheço que nunca foram, posto que sempre o serão! Minha trajetória sempre será marcada pela Angélica, o Joca e o Joaquim! Mesmo à distância, o amor fraterno se mantém vivo!

Concluo com o pedido de Caetano Veloso na “Oração ao tempo”:

E quando eu tiver saído
Para fora do teu círculo
Tempo, tempo, tempo, tempo
Não serei nem terás sido
Tempo, tempo, tempo, tempo!
Ainda assim acredito
Ser possível reunirmo-nos
Tempo, tempo, tempo, tempo
Num outro nível de vínculo
Tempo, tempo, tempo, tempo!

O tempo a tudo define, mas nem tudo encerra! O amor e o carinho não definem tudo, mas encerram tudo, se verdadeiros!

Um grande, fraterno e amoroso beijo aos amigos queridos da vida!

Aracaju, 27 de fevereiro de 2021

Referência

QUINTANA, M. Caderno H. 2a. edição. São Paulo: Globo, 2006.

O Encantamento da Dança na Relação da Universidade e Sociedade

Profa. Dra. Maria da Conceição Almeida Vasconcelos[31]

Na Universidade Federal de Sergipe (UFS), especificamente na Pró-Reitoria de Extensão, tive o

privilégio de acompanhar a execução do belíssimo projeto de extensão, desenvolvido no Campus de Laranjeiras, intitulado “Dança na Univer Cidade: escolinha de dança”, coordenado pela professora Dra. Ana Angélica Freitas Gois. Uma docente inquieta, determinada e entusiasmada com as várias possibilidades de extrapolar os muros acadêmicos, que logo se envolveu com a comunidade laranjeirense e fez valer a relação indissociável entre ensino, pesquisa e extensão. O referido projeto envolvia alunos de escolas públicas, na faixa etária entre seis e 10 anos, com histórias de vida expressas na falta de condições básicas de sobrevivência.

O entusiasmo de Ana e o seu gigantismo inovaram, fizeram diferença no cotidiano das crianças e dos seus responsáveis, na medida em que os levaram a compreender a importância da dança em suas vidas, e a participarem de atividades que tinham como propósito estimular o desenvolvimento de aspectos cognitivos, motores, afetivos e sociais, através de práticas pedagógicas que visavam o seu desenvolvimento integral. Assim, Ana Angélica adentrou o mundo real dos participantes e mostrou as diferentes possibilidades que a dança pode propiciar, em suas variadas formas de manifestação. Todavia, ela o fez com a mestria de quem conhece o significado da extensão acadêmica, e como deve ser estabelecida a relação da universidade com outros segmentos da sociedade. Ana não “depositou” o seu conhecimento, ao contrário, procurou valorizar a cultura local, respeitou os saberes populares, estabeleceu uma relação dialógica na qual a troca e a socialização das experiências engrandeceram e deram sentido às atividades desenvolvidas. Utilizou do grande celeiro cultural que é a cidade de Laranjeiras e foi estabelecendo uma relação de pertencimento com a comunidade, adquiriu a confiança e o reconhecimento dos responsáveis pelas crianças, de tal forma que, em breve pesquisa que realizei sobre os projetos de extensão em Laranjeiras, “a escolinha de dança

da professora Ana Angélica” foi o mais citado pela comunidade, prova de quanto a sua atuação deu materialidade ao verdadeiro papel social de uma universidade pública.

Foi fácil? Não. Entretanto, a convivência com Ana Angélica me fez perceber que ela não abandona os seus objetivos. Procurou alternativas, estabeleceu parcerias, usou a todo tempo a criatividade, recursos e materiais alternativos e, junto com os discentes do curso de Dança da UFS, enfrentou desafios e dificuldades. Sim, convém destacar a grande contribuição do projeto no processo de formação profissional dos alunos da graduação. Como o seu próprio nome indica, é a “Univer Cidade” a partir de diferentes dimensões.

Nessa trajetória foi possível acontecer o “Encanto Acadêmico”. Da parte de Ana Angélica, algo que já ocorreu desde a sua juventude, como professora da educação básica, aluna da graduação e depois mestre, doutora e docente de universidades. Da minha parte, o encantamento se dava a partir de cada etapa que acompanhava a sua atuação na UFS, da seriedade, compromisso, responsabilidade e dedicação, que sempre demonstrou em tudo que fazia/faz. O “Encanto”, contudo, extrapolou o caráter institucional, alargou-se para a dimensão pessoal, nada mais natural quando se convive com pessoas que valem a pena ter por perto. Essa é Ana Angélica, que de pequena só tem o tamanho, mas de uma grandeza de espírito e de alma que encantam. E assim me encantei... pela mulher, amiga, esposa, mãe, filha, que protege, acolhe e cuida. Mesmo diante de algumas adversidades, ela encontra força, renasce, persiste e acredita, com muita fé, que dias melhores sempre virão. E virão com educadores (as) como você, que compreende, tal como o grande mestre Paulo Freire (2003, p. 47), que “(...) ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção.” Com o seu exemplo de ser

humano, que vive intensamente cada momento, e que sabe que a “(...) a vida é bonita, é bonita, é bonita (...)”, como escreveu Gonzaguinha. Para mim, você é e sempre será fonte de inspiração, referência e exemplo de fortaleza. Com muito carinho, admiração e respeito,

Fevereiro de 2021

Referências

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia* - saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2003

Um Simples Relato, mas um Profundo e Bom Sentimento!

Profa. Me Mércia Guimarães[32]

Nosso encontro: Ahhhh, sem dúvidas foi traçado por um ser supremo. Como começou? Eu aplaudindo e vibrando pela ginasta Ana Angélica, integrante da “invejável” equipe do Colégio Salesiano. E nossos caminhos? Em tempos distintos trilharam a mesma trajetória - o Curso de Educação Física da Universidade Federal do Sergipe.

Um (re) encontro? Não, é que a queridíssima “Tia Angélica” foi a primeira professora da minha primogênita, nos seus primeiros movimentos dançantes, aos 2 anos de idade. Que alegria!!!!! As “coreografias” brincantes, nada de crianças tensas, durinhas, preocupadas com movimentos de braços, pernas, etc. Era um grupo de crianças saltitantes e exalando felicidades pelo corpo, através das músicas, das expressões, das brincadeiras.

Mais (re) encontros? Uma feliz coincidência profissional foi trilharmos pelos mesmos caminhos na vastidão da área da Educação Física – a Ginástica Rítmica e a Dança. E, assim, a gratificante condição de conversarmos, discutirmos, planejarmos sobre a ginástica no nosso querido estado de Sergipe. Nos encontramos sob as diversas formas nas instituições gerenciais da Ginástica: Federação Sergipana de Ginástica e Confederação

Brasileira de Ginástica. Nossa, como sonhávamos! kkkk...Como nosso encontro foi bem traçado por um ser supremo, estava eu novamente a admirar e aplaudir a Ana Angélica, porém, não mais a ginasta e, sim, a estudiosa, a sonhadora, a batalhadora, a aguerrida professora de Ginástica, e comungarmos dos mesmos pensamentos e ideias, era motivo de orgulho.

E, sendo aguerrida como era, logo entrou para lecionar no Ensino Superior na imponente Universidade Tiradentes, e isso a levou a querer alçar voos mais altos, e a nossa Angélica decidiu partir para seu Mestrado no estado de São Paulo e, posteriormente, seu Doutorado. O nosso sentimento era um misto de felicidade e saudade. E é nesse exato momento que se instala um dos marcos de nossos encontros de vida: a admirada professora Ana Angélica fez a indicação do meu nome para substituí-la na grandiosa Universidade Tiradentes, em decorrência da sua ida para o Mestrado. Nem precisa dizer o tamanho do meu orgulho, né?

Essa oportunidade me proporcionou uma redescoberta com a ginástica e a dança, a partir da forma como Angélica me apresentava as perspectivas com as quais trabalhava a Ginástica Rítmica e a Dança na Universidade; elementos que estavam sempre presentes na minha vida, porém com determinadas e rígidas formas, regras, movimentos, etc.

Ouvir e ver Angélica falar das possibilidades de liberdade de movimentos, da felicidade e descobertas corporais proporcionadas pela prática da ginastica rítmica, pela dança, era algo muito fascinante, pois, naquele tempo, para nós, era algo muito novo, e isso me levou a ampliar o meu olhar para estas práticas corporais e diversificar o meu acervo de leituras sobre as referidas práticas. Gratidão, gratidão, gratidão, querida Angélica.

A partir do meu ingresso no mundo acadêmico, as conversas com a amiga Angélica sobre dança e ginástica também ganhavam novos repertórios; novas descobertas

eram feitas mutualmente, principalmente pelo seu objeto de estudo no Mestrado, que foi o lindo e rico Folclore Sergipano. E com esse objeto de estudo a Angélica também provocou, em muitas de nós, suas amigas, e em seus inúmeros colegas de diversas universidades, um novo olhar sobre este nosso rico elemento cultural, um olhar mais minucioso, mais íntimo, com mais perspectivas. Óbvio que ela alcançou o brilhante título de Doutora e, para alegria de muitos amigos e familiares, volta para Sergipe e ingressa na ilustre Universidade Federal, como docente. E aqui, no nosso Sergipe, ela constituiu sua linda família, nos presenteando com um paranaense brilhante, o nosso amigo "Joca", seu esposo, e o abençoado fruto dessa união, o incrível Joaquim.

Mas o Universo prega peças e nos pregou uma bem pesada, quando acometeu a nossa Ana Angélica com um grave problema de saúde. O susto foi imenso, as lágrimas foram muitas, o medo foi enorme, mas a FÉ, o verdadeiro AMOR de amigos e da sua ESPECIAL FAMÍLIA, e o poder aguerrido de uma filha merecedora do amor Divino foi BEM MAIOR, e ela venceu e nós ganhamos um exemplo de mulher de fé e guerreira.

E hoje, encontrar fisicamente e conversar com Angélica, é renovar energias, é aprender a viver, a valorizar a vida, a dançar a vida e fazer seus respectivos "encaixes", exatamente como ela já intitulou uma de suas obras. Precisaria de uma enciclopédia para um completo relato dos momentos dos nossos encontros e encantos, mas com um imensurável orgulho deixo aqui um pequeno registro e pinceladas de um verdadeiro encontro de almas. Já disse e repito que foi um acerto divino te conduzir a ser professora, pois na escola da vida estás sempre a nos ensinar que a vida deve ser vivida de forma serena e leve, e estás certa. Como dizia Mario Quintana (1977):

> No fim tu hás de ver que as coisas mais leves são as únicas que o vento não conseguiu levar: um estribilho antigo, um carinho no

> momento preciso, o folhear de um livro de poemas, o cheiro que tinha um dia o próprio vento...

Amada Angélica, obrigada por ser para mim essa leveza! Você é: Amor Natureza Generosidade Encontros Liberdade Iluminada Carinho Atitude. Abraço de coração!

Referência

QUINTANA, M. *Quintana de bolso:* Rua dos Cataventos & Outros Poemas. 1ª ed. São Paulo: L&PM Pocket, 1997.

Encanto Acadêmico: Quando Arte e Ciência se Complementam!

Prof. Dr. Albérico Nogueira de Queiroz[33]
Profa. Dra. Olivia Alexandre de Carvalho

Não há como dissociar o prazer proporcionado pela conjunção da arte com a ciência, sobretudo quando tudo gira em torno de ideias comuns e resulta em uma verdadeira amizade!

E foi assim que tudo começou, era o ano de 2007, chegávamos da cidade natal Recife para iniciar uma nova trajetória de vida e um desafio profissional, após um convite feito pelo Prof. José Alexandre Felizola Diniz, então Diretor do Museu de Arqueologia de Xingó (MAX), que nos havia informado sobre a instalação de um novo Campus da Universidade Federal de Sergipe (UFS) no município de Laranjeiras, não muito distante da capital Aracaju.

Inicialmente alocado no Centro Atenção Integral à Criança (CAIC) Coronel José Sizino da Rocha, sob a Direção de Airto Batista e Marcelo Maciel (Vice-Diretor), considerados os melhores gestores do campus de Laranjeiras, por várias pessoas que os conheceram, e com eles conviveram nos dois anos de atividades acadêmicas no CAIC, durante aqueles anos desafiadores. Foram momentos difíceis para quem chegava, mas, aos poucos, íamos nos aproximando dos poucos colegas pioneiros, que então

haviam chegado aos recém implantados Cursos de Graduação em Arqueologia, Arquitetura e Urbanismo, Dança, Museologia e Teatro.

O que poderia ter sido um desalento, paulatinamente foi se transformando em coleguismo, mas foi entre os anos de 2009 para 2010, com a possibilidade cada vez mais concreta da transferência do Campus de Laranjeiras para sua sede própria- no que fora no passado as ruínas dos Trapiches, próximas ao centro do município e então em obras para abrigar o espaço universitário-, que conhecemos e passamos a conviver com alguém cujo senso de companheirismo, tenacidade e de grande energia vital nos transformou em muito mais do que colegas de trabalho, compartilhando um ambiente acadêmico, nos fez grandes amigos e cúmplices em conversas, planos e atividades artísticas, acadêmicas e científicas, uma verdadeira "guerreira" chamada Ana Angélica Freitas Góis!

Entre as quase cotidianas conversas, e almoços regados a excelentes "bate-papos" e troca de ideias, foi que em meados de 2010 surgiu uma proposta conjunta de integrar uma atividade artístico-cultural em um evento científico, que decorreria no mês de outubro daquele ano, o "VI Workshop Arqueológico e I Ciclo Internacional de Simpósios Temáticos do Museu de Arqueologia Xingó". A organização contou com a participação de Ana Angélica na Comissão Cultural e teve sua participação efetiva na coordenação de uma atividade durante o evento, na qual ocorreu a apresentação de um grupo infantil relacionado aos projetos de pesquisa e de extensão, respectivamente: "Criança, Cultura e Arte: Um Diálogo a Partir da Dança na Universidade" e "Dança na Univer Cidade: Escolinhas de Dança", coordenados por ela no Campus de Laranjeiras. Conforme bem dito por ela, na justificativa para esses projetos, a intenção era a de "contribuir para a ampliação e a difusão do conhecimento científico na área das artes e afins, produzindo, dessa forma, discussões e significativos

questionamentos acerca do processo criativo, artístico, educativo e cultural das crianças no universo da dança.

Neste sentido, o destaque é dado à construção significativa do movimento humano, por meio da prática da dança no processo artístico, educativo e cultural. Dança que é arte e é expressão viva da criança, que possui diferentes possibilidades para realização dessa atividade em nosso campus da cultura. A apresentação das crianças participantes do projeto coordenado por Ana Angélica não recebeu apenas as palmas do público, encantado pelo brilho nos olhos das dançarinas, mas também lágrimas pela beleza e encanto que provocaram! Para os espectadores foi uma inesquecível tarde-noite no Campus de Laranjeiras, naquele mês de outubro de 2010, e para nós um momento de gratidão!

Ao fundo, crianças dos projetos “Criança, Cultura e Arte: Um Diálogo a Partir da Dança na Universidade” e “Dança na Univer Cidade: Escolinhas de Dança”, sob coordenação da Profa. Ana Angélica Freitas Góis iniciando a apresentação cultural com o “Maxilino” (personagem da logomarca do Museu de Arqueologia de Xingó) durante o VI Workshop Arqueológico e I Ciclo Internacional de Simpósios Temáticos do Museu de Arqueologia Xingó, outubro de 2010.

A nossa integração “artístico-científica” com Ana Angélica, ou melhor, “Aninha”, como gosto de tratá-la em particular, continuou igualmente em outras oportunidades, exemplo disso- que é possível destacar pela sua extrema competência e sensibilidade-, atuou como membro titular em duas bancas examinadoras nos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) junto ao Curso de Graduação em Arqueologia, no campus de Laranjeiras, com comentários e considerações extremamente pertinentes aos temas com os quais se deparou. Os quais, se num primeiro momento pareciam distantes do seu conhecimento técnico, na

realidade foram contemplados e enriquecidos com a sua capacidade apurada de observação e de discernimento!

A sua aposentadoria precoce, em meados de 2014, coincidiu com a transferência dos Cursos de Graduação em Dança e Teatro do Campus de Laranjeiras, cujas razões sequer nos atrevemos aqui a comentar. Mas, se por um lado o campus universitário sofreu uma enorme perda das cores, movimentos, sons e beleza da sua vertente artística, tornando-se mais frio e menos feliz, em nosso ponto de vista, no aspecto pessoal, a amizade, iniciada anos antes, se fortaleceu. Ganhou um novo sentido, que a integração entre arte e ciência proporcionou, manteve o que se plantou e se enraizou, um afeto, carinho e respeito recobertos de vida!

"Encanto Acadêmico: Quando arte e ciência se complementam", nada melhor para definir o orgulho de nossa amizade! A você Ana Angélica Freitas Góis, "Aninha Guerreira", nosso amor e carinho...não precisamos transpor em letras nossos sentimentos, mas transformá-los em bons momentos com você, João, Joaquim e a mama querida!

O Encontro de Amizade do Século XXI

Denis Terezani[34]

O século XXI começava a resplandecer, o seu longo reinado passava a ser cobiçado pelas expectativas dos seres terrenos à procura das mais novas perspectivas pós-modernas. A exacerbada velocidade do *modus operandi* ditava as novas regras do mundo, do qual tornar-nos-íamos reféns anos mais tarde. Pois bem, foi neste caldeirão em ebulição que brotou nossa amizade, iniciada no curso de Pós-Graduação da Universidade Metodista de Piracicaba – Unimep, no verão de 2001. Esse caldeirão recebeu os mais seletos temperos para um "bom caranguejo", trazendo às nossas vidas mais cor, prazer e sabor – para o momento em

questão, apresento uma singela sugestão: saudades tenho da Passarela do Caranguejo, quem não conhece, não sabe o que está perdendo!!! Como não recordar dos inesquecíveis momentos vividos com: Mazzine, Mané, Ataliba, Pedro Paulo Maneschy, Cassiano, Flávia, Lê, Gulô, Álan, Ivan, Ignácio, de todo o corpo docente e funcionários da UNIMEP, entre tantos outros que vieram, se despediram, mas nos marcaram profundamente. Resilientes são as lembranças em nossas vidas, estas quando remontam aos agradáveis momentos por nós vividos, tornam-se infindáveis nos mais vagos pensamentos. Assim é Ana Angélica Freitas Gois... intensa desde o momento em que aportou na cidade paulista de Piracicaba (nome derivado do tronco linguístico Tupi Guarani - “lugar onde os peixes se juntam e/ou param”), ou melhor, Ana é intensa desde que veio ao mundo, irrequieta, está sempre atenta as oportunidades, aguerrida, a viver em busca da sua autossuperação. Que Kitembú (a divindade do tempo e das estações) seja o guardião das nossas (con)vivências, laureando os devaneios que um dia atracaram no porto da inesquecível Terra de Fidel (1º Simposio Cientifico Cultural En Educacion Fisica y Deportes de Cuba), seguido da lúdica parada no Pré-Caju (para os que não conhecem, pesquisem... vale a pena !!!), mas que agora começa a singrar os mares da eternidade, com a formação das nossas famílias...Que Joaquim e Luara continuem essa bela saga. Que a alegria, o sucesso, a saúde e principalmente as novas conquistas agraciem Ana, João e Joaquim. Com carinho Denis, Giovana e Luara !!!

ENCANTO HOMENAGENS

LUIZ ANTÔNIO BARRETO

(1944 – 2012)

Um homem que me acolheu, ensinou o caminho de amar os textos e a valorizar a nossa terra. O seu cuidado com tudo aquilo que se comprometia com a nossa cultura, histórias valiosas dos inúmeros personagens que ele sempre destacou nas manifestações populares, me inspirou e se faz presente em mim, mesmo sem a sua presença. Tenho verdadeiro carinho e gratidão pela maneira cuidadosa e responsável com que ele me tratou, e sinto muito por ainda não termos, em Aracaju, mais aprofundamentos e pesquisas sobre esse cidadão sergipano, de longo destaque no país.

MARIA AUXILIADORA TEIXEIRA DE AGUIAR MACHADO

Academia Sergipana de Ballet – ASB
Ana Angélica Freitas Gois e Dorinha Teixeira Machado
Aracaju – 2016

Tia Dorinha, Com Você Aprendi a importância da PAZ e do SILÊNCIO nos Palcos e na Vida. A Oração da Serenidade é a minha forma de te Homenagear e Agradecer sua PAZ.

DEUS
Deus, conceda-me a serenidade
para aceitar as coisas que não posso mudar,
a coragem para mudar as coisas que posso
e a sabedoria para discernir uma da outra.
Vivendo um dia de cada vez,
apreciando um momento de cada vez,
recebendo as dificuldades como um caminho para a paz
e, como Jesus, aceitando as circunstâncias do mundo
como realmente são, e não como gostaria que fossem.
Confiando que o Senhor tudo fará
se eu me entregar à Sua vontade;
pois assim poderei ser razoavelmente feliz nesta vida
e supremamente feliz ao seu lado na eternidade.
Amém.

LÚ SPINELLI

Imagem cedida pela filha de Lú Spinelli, Amália Spinelli
(1950 – 2015)

Professora de Dança, Bailarina e Coreógrafa.
Uma MULHER Sem Limites para Criar e
Realizar no Universo da Dança.
Lembro que em nosso último Encontro Acadêmico
na Cidade de Aracaju, ela mencionou:
“EU SOU SIMPLESMENTE LÚ”!
O Brasil, Sergipe e Todos NÓS sabemos que esse
SIMPLESMENTE vai Além do que Conhecemos e
precisamos
valorizar na sua História e especialmente em VOCÊ!
A Dança e a Arte Sergipana mais uma vez Lú Spinelli te
aplaude e diz: BRAVO & GRATIDÃO.

ANTÔNIO FONTES FREITAS

(Aracaju, 2020)

Tio Tonho, assim o chamo!
Um segundo pai que a Vida me presenteou.
Em cada fase vivida, ele está ao meu lado, iluminando meus pensamentos e ações.
PROFESSOR FREITAS, assim ele é conhecido em nossa terra com seus encantos diversos na História desse Estado.
Sua contribuição para cultura sergipana é significativa e valiosa.
Ao meu Tio, "GRATIDÃO", por proporcionar
INSPIRAÇÃO de Viver e Realizar.
Meu Carinho Tio.
Sua sobrinha GEGECA!

Referências

ALENCAR, A. *Danças e folguedos: iniciação ao folclore sergipano.* Aracaju: Secretaria de Estado da Educação do Desporto e Lazer, 1998.

BARRETO, L. *Sem fé, sem lei, sem rei.* Aracaju: Sociedade Editorial de Sergipe, 1996.

GOIS, Ana A. F. A dança de São Gonçalo em São Cristóvão: a corporeidade no folclore sergipano. [Dissertação de mestrado]. Piracicaba: UNIMEP, 2004.

SEVERINO, A.J. Metodologia do trabalho científico. São Paulo: Autores Associados, 2002.

ENFIM NÃO HÁ FIM...

SERGIPE se faz e refaz em cada um de nós que por aqui passou, passa ou passará. Registramos nessa obra um ENCANTO que não cessa de oferecer oportunidades de conhecimento e transformação na diversidade humana, que representa e constitui a nossa existência.

É necessário registrar que há outros tantos diferentes grupos, projetos, pessoas e manifestações culturais em Sergipe, mas que não foram contempladas nesse livro. Nosso estado apresenta um vasto leque de ENCANTAMENTOS MULTICULTURAIS e folclóricos, que precisam de pesquisa, de nossas aproximações acadêmicas, e de relatos, para que se constituam conhecimento de todos. Não se esgota a capacidade de aprofundamento de cada forma de apresentar essa cultura, que é dinâmica e significativa, nos mais variados locais de Sergipe. Esse livro se lança como um olhar dentre tantos, que desse pequeno DANÇANTE lugar, se proliferam.

Assim, a Sergipanidade não se encerra em NÓS. Nesse sentido, contemplo e me aproprio dos pensamentos e palavras de Marcelo Déda Chagas, em seu último discurso, realizado em Sergipe, em maio de 2013: “Que os meus sonhos dialoguem com o querer divino, produzindo uma obra que, edificada no terreno da história, traduza o meu amor por minha terra e sirva à causa da felicidade do meu povo”,

Aos Sergipanos um APREÇO especial e, aos que aqui chegam, BOAS-VINDAS sem preço, apenas VALOR por cada CANTO percorrido.

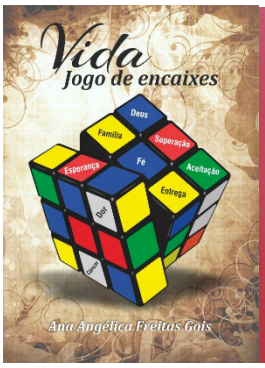
Na pandemia, foi possível escrever NA DANCA DA VIDA: UM CONVITE À SERGIPANIDADE, em breve, se for possível, talvez possa surgir mais um ENCANTO, como "DANÇA A SERGIPANIDADE NA VIDA"!

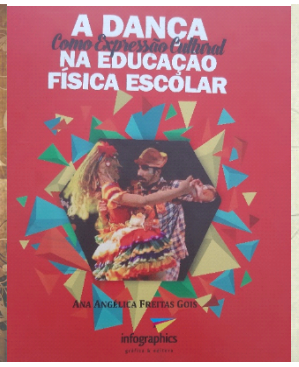
A autora não se despede, diz OBRIGADA, TCHAU E OXENTE, deseja que o Mundo se proteja e se livre desse

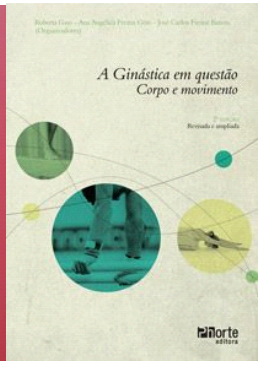
mal, que assola nossa GENTE.

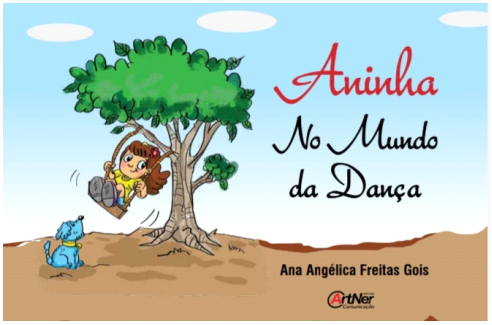
Meu Carinho
Ana Angélica Freitas Gois

OBRAS DA AUTORA









Notas

[←1]

Professor aposentado da Universidade Federal do Sergipe, Departamento de História. Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

[←2]

Professor aposentado da Universidade Federal de Viçosa (UFV) e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP).

[←3]

MARCELINO, C. Onde a cultura autoriza uma história: pontos de vista da estética na Educação – um ensaio equatoriano. In GONÇALVES, J.; GARANHANI, M.; GONÇALVES, M. (Org.). *Linguagem, corpo e estética na Educação*. São Paulo: Hucitec, 2020.

[←4]

Klely Perelo, bailarina e professora formada pela Royal Academy of Dance da Inglaterra, mestre em dança pela UFBA, 32 anos de experiência no ensino do ballet clássico e coreógrafa. Baiana, mora há 13 anos em Sergipe, trabalhou na Universidade Federal de Sergipe (substituta ano 2009/2011 e 2018/2020), desenvolveu diversos trabalhos coreográficos e formação de bailarinos e professores através do método inglês em academias de Aracaju (Ballet Célia Duarte, Centro Cubos de Dança e Adagio Academia de Dança), preparação de técnica de ballet com grupo de Ginástica Rítmica no Instituto Dom Fernando Gomes e promove encontros, cursos e festivais de dança.

[←5]

Criadora e intérprete da Cia Contempodança, Coordenadora do festival Galeria da Dança, Licenciada em Educação Física e em Dança pela UFS, Professora de Arte da SEDUC/SE em função de Coordenação Pedagógica.

[←6]

Graduada em Dança Licenciatura – UFS (2012), Especialização em Estudos contemporâneos da dança- UFBA (2013), Aperfeiçoamento em atividades adaptadas para pessoas com deficiência (UFJF) 2013, Aperfeiçoamento em dança em cadeiras de rodas (dança Inclusiva) – UFJF (2013).

[←7]

Professor nas Redes de Educação Estadual de Sergipe e Municipal de Estância/SE. Atualmente atua como técnico da SEME/Estância na diretoria de formação continuada. Licenciatura Plena em Educação Física UFS, Mestrado e Doutorado em Educação no PPGED/UFS

[←8]

Experiência na área de Artes, com ênfase em Dança, como professora e criadora-intérprete. Área de pesquisa: dança contemporânea; a sua relação com as artes plásticas e as tradições. Doutoranda na Especialidade de Dança – Faculdade de Motricidade Humana (Portugal), Mestre pela Universidade de Lisboa – Faculdade de Motricidade Humana (Portugal). Professora de Arte da Escola Estadual Silvio Romero (Lagarto/SE), desde 2015. Professora de Dança Contemporânea do Projeto Laborarte, pela Secretaria Municipal de Educação de Aracaju. Professora de dança do Projeto Estadual Mais Educação (SE), do Ministério da Cultura. Professora de dança contemporânea da Vivarte Escola de Dança (Estância/SE).

[←9]

Professora de Educação Física da SEDUC (Secretaria Estadual de Educação), Colégio Estadual Poeta Garcia Rosa. Professora de Ginástica Rítmica na CIA de Dança Mari Lima. Licenciatura em Educação Física pela UFS. Pós-Graduação em Atividades de Academia UFAL e Gestão Escolar na Faculdade Pio X (Aracaju /SE).

[←10]

Professora da Rede Municipal de Educação de Socorro (SE), desde 2005, idealizou o Projeto Arte na Escola, hoje Programa instituído por Lei. Mestre em Direitos Humanos. Policial civil desde 2004. Graduada em Pedagogia Licenciatura Plena, Educação Infantil e Letras Português-Espanhol, Pós-graduada em Arte e Educação e em Segurança Pública. Dirigiu e produziu mais de 20 espetáculos entre a rede privada de ensino e a rede pública. Hoje trabalha com a equipe do Arte na Escola com os professores Mirian Francisco e Dan Barreto.

[←11]

Graduada em Dança pela Universidade Federal de Sergipe, Pós-graduada em Arte e Educação.

[←12]

Coordenadora do Projeto Dança na Univer Cidade: Escolinha de Dança. Núcleo de Dança UFS. Campus Laranjeiras / 2010.

[←13]

No mais, outras informações e contatos podem ser obtidos através:
Fone/whatsapp: (79) 98806-1991 e-mail: boscodaju@gmail.com**;**
http://boscodaju.blogspot.com; youtube/boscodaju;
http://www.facebook.com/boscodajuartes

[←14]

CORALINA, C. Vintém de cobre: meias confissões de Aninha. 6ª ed. São Paulo: Global Editora, 1997.

[←15]

Professora, neuropsicopedagoga, jornalista, escritora e presidente da ALCS-Academia Literocultural de Sergipe.

[←16]

Doutora em Educação (PPGED/UFS); Mestra em Artes Cênicas (PPGAC/UFBA); Atriz; Roteirista e Arte-educadora. Escreveu, entre outras publicações: “A Louvação das Prostitutas de Riachão do Jacuípe ao Glorioso São Roque”, Selo Letras da Bahia - Salvador: EGBA, 2006); “A cidade em mim” (Aracaju: EDI SE, 2017). E-mail: netebenevides@hotmail.com; http://lattes.cnpq.br/9156650271767822

[←17]

Professor Titular Aposentado pela UFPB. Graduado em Educação Física. Mestre e Doutor em estudos de lazer pela UNICAMP/SP. Autor dos livros:" Quando a lei é a regra", "O esporte na cidade" e coautor de "Mar a dois". (poesia) Professor do PPGE/CE/UFPB.

[←18]

Ator, artista plástico, psicomotricista e professor de jogos teatrais e psicomotores.

[←19]

Graduada em Educação Física. Pós-Graduada em Metodologia do ensino da Educação Superior. Mestrado em Desenvolvimento Humano e Tecnologias. Bailarina e Professora de Educação Física na Prefeitura Municipal de Limeira. Docente das Faculdades Integradas Einstein.

[←20]

Universidade Federal do Ceará – (UFC). Docente do Instituto de Educação Física e Esportes – IEFES- Fortaleza/CE/Brasil

[←21]

Professor Associado da Universidade Federal do Pará (UFPA), Assessor Esportivo da Universidade Federal do ABC.

[←22]

Graduação em Educação Física pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas - PUCCamp (1979), especialização em Educação Física Infantil pela Faculdades Integradas de Guarulhos - FIG (1982) e em Educação Motora na Escola pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP (1991), mestrado em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP (2002) na área de Pedagogia do Movimento e doutorado em Educação na Universidade Metodista de Piracicaba - UNIMEP (2009) na área de Formação de Professores. Atualmente é professora do Programa de Pós-Graduação em Educação e do Mestrado Profissional em Formação de Gestores Educacionais da Universidade Cidade de São Paulo - UNICID. Desenvolve pesquisas relacionadas aos temas: práticas educativas na educação básica; jogos e brincadeiras; educação física escolar; formação de professores.

[←23]

Doutora em Educação e Pós Doutora em contextos educativos da criança. Licenciada em Educação Física e Professora/Pesquisadora da Universidade Federal do Paraná.

[←24]

Livre Docência pela Universidade Estadual de Campinas (1993). Foi professor Titular III da Universidade Metodista de Piracicaba - UNIMEP, atuando nos cursos de graduação, mestrado e doutorado nas áreas da Educação e Educação Física. É consultor ad hoc do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, parecerista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES e membro de comissões editoriais de revistas científicas da área da Educação Física e Desporto e da Educação.

[←25]

Mestrado em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP) e Doutorado em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Experiência de 33 anos em Gestão Educacional, direção e coordenação, e 35 anos de magistério superior nas áreas de ensino, pesquisa e extensão, com ênfase em Pedagogia do Movimento, atuando principalmente nos seguintes temas: educação física, atividade física, ginásticas, educação física e saúde, didática, estágio supervisionando e práticas profissionais. Avaliador Institucional e de Cursos do INEP/MEC.

[←26]

Licenciatura plena em Educação Física Licenciatura em Pedagogia. Especialista em Educação Física escolar (UNOPAR). Mestre em Educação Física (UNIMEP). Doutora em Educação escolar (UNESP/ FCLAR). Docente dos cursos de Graduação e Pós-graduação (lato sensu) das Faculdades integradas Einstein de Limeira.

[←27]

Doctor en Ciencias de la Cultura Física. Profesor Titular de Fisiología del ejercicio. Director de Centro de Estudios de la Actividad Física y Deporte de la Universidad de Camagüey Ignacio Agramonte y Loynaz. Coordinador del programa doctoral en Ciencias de la Cultura Física.

[←28]

Formada em Educação Física. Especialista em Ginástica Rítmica, Mestre em Educação e Doutora em Educação. Professora do UNISAL Campinas/SP.

[←29]

Doutorado em Ciencia de la Actividad Física y del Deporte pela Universidade de Leon-Espanha (2003), com o Título de Doutor em Educação Física revalidado pela UFBA (2008). Professor Associado IV da Universidade Federal de Sergipe. Tem experiência na área de Educação Física, com ênfase em Atividade Física, Saude e Qualidade de Vida e Currículo e Formação Profissional, atuando principalmente nos seguintes temas: formaçao profissional, musculação, atividade física e promoção da saúde, enseñanza universitaria, formación del profesorado e lesión deportiva.

[←30]

Doutor em Educação com concentração em História da Educação. Professor do Depto. Educação Física e do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Cinema da UFS. Tem se dedicado aos estudos dos usos pedagógicos do cinema na educação básica, além da relação Cinema-História, notadamente das representações cinematográficas da ditadura brasileira (1964-1985) no cinema nacional.

[←31]

Doutora em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2007). Professora associada da Universidade Federal de Sergipe. Tem experiência na área de Serviço Social, atuando principalmente nos seguintes temas: trabalho, políticas sociais e extensão acadêmica..

[←32]

Mestre em Educação pela Universidade Federal de Sergipe (2009), graduada em Educação Física pela Universidade Federal de Sergipe com especialização em Educação Física e Cultura pela Universidade Gama Filho / RJ (2005) e em Gestão administrativa da Educação - Faculdade Pio X /Se (1998). Está como Coordenadora Estadual do Programa Nacional Formação pela Escola/FNDE. Avaliadora do Programa Nacional do Livro e do Material Didático - PNLD 2020 Literário.

[←33]

Professores do Departamento de Arqueologia, Campus de Laranjeiras, Universidade Federal de Sergipe.

[←34]

Professor de Educação Física - Doutorado pelo Programa Interdisciplinar em Estudos do Lazer – UFMG.